

# História de bairro

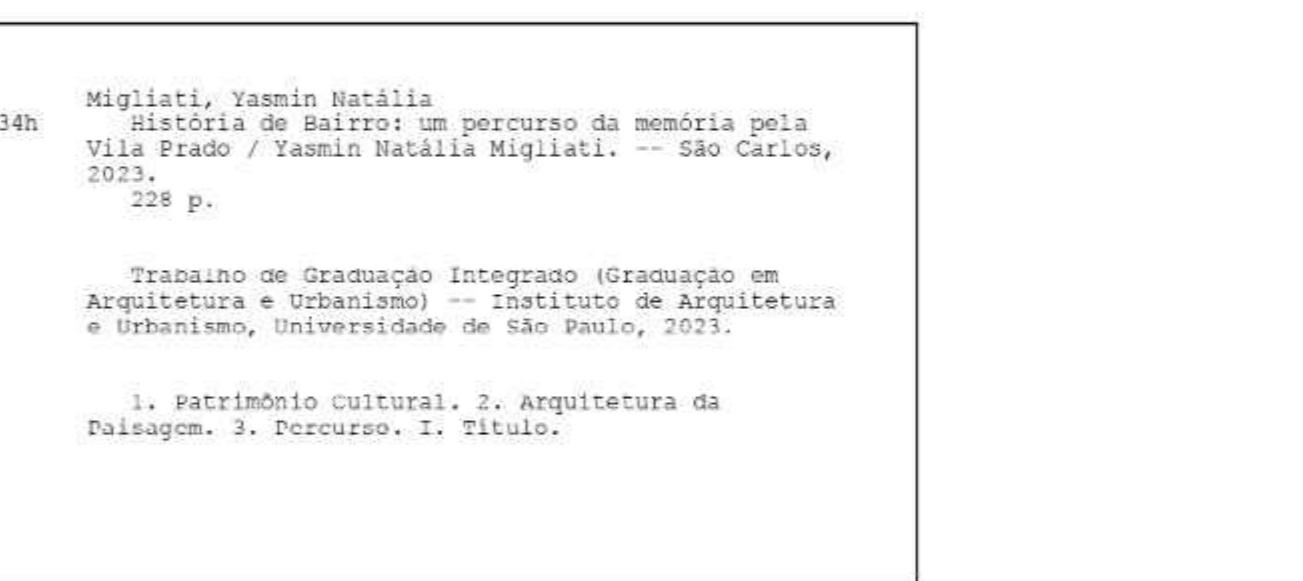
um percurso da memória pela Vila Prado

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,  
DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENÇA CREATIVE COMMONS INDICADA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Yasmin Natália Migliati

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)



HISTÓRIA DE BAIRRO: UM PERCURSO DA  
MEMÓRIA PELA VILA PRADO

Trabalho de Graduação Integrado II

Comissão de Acompanhamento Permanente (CAP)  
Profa. Dra. Aline Coêlho Sanches

Coordenador do Grupo Temático (GT)  
Prof. Dr. Miguel Antônio Buzar

São Carlos  
2023



Atribuição Não Comercial-Compartilhamento-CC BY-NC-SA

Yasmin Natália Migliati

**HISTÓRIA DE BAIRRO: UM PERCURSO DA  
MEMÓRIA PELA VILA PRADO**

Trabalho de Graduação Integrado apresentado ao Instituto de  
Arquitetura e Urbanismo da USP – Campus de São Carlos

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA:**

---

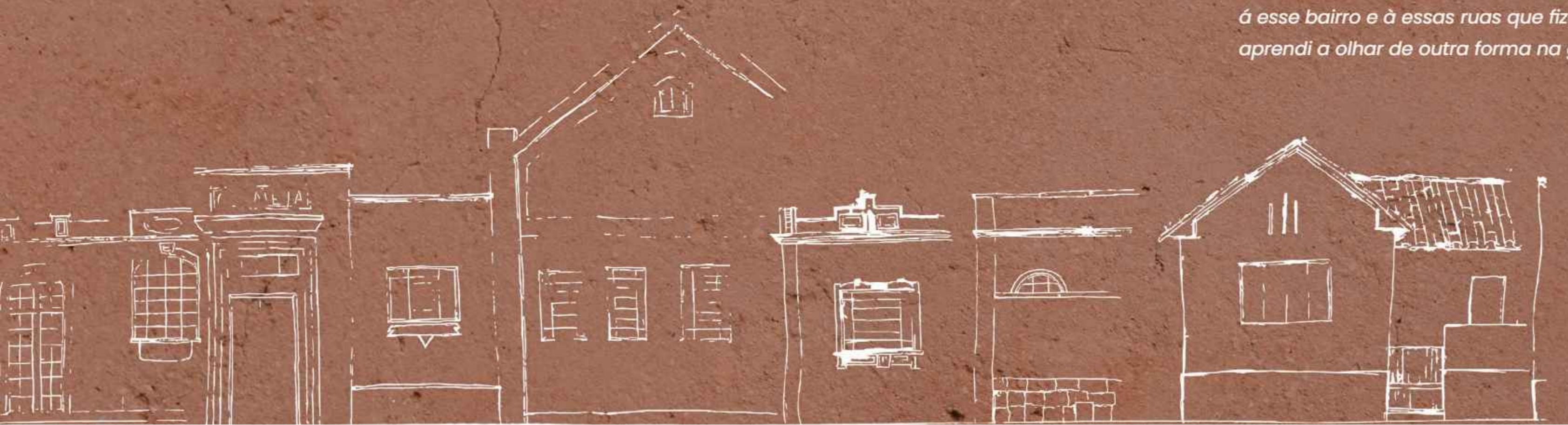
Aline Coelho Sanches

---

Miguel Antônio Buzzar

---

avaliador(a) convidado(a)



*á esse bairro e à essas ruas que fizeram parte da minha infância e que  
aprendi a olhar de outra forma na graduação*

# agradecimentos

aos meus pais, pelo amor e sustento durante minha vida. Minha mãe, Jaqueline, pelo apoio incondicional e pelo carinho durante a minha vida. Meu pai, Sérgio, pelo seu modo diferente de enxergar o mundo e pelos ensinamentos que sempre me guardou comigo. A minha irmã, Lorena, por estar sempre ao meu lado e pelas coisas bobas e dedicadas.

agradeço às mulheres da minha vida, minhas segundas mães: Lúcia, minha avó, pelas suas histórias e histórias na cozinha, que fizeram parte da minha infância e memória para realizar esse trabalho, e Aline, minha tia, pelo apoio incondicional, pelo amor do tamanho do mundo e por acreditar quando nem eu acreditava.

ao meu avô, Cláudemir, cujas histórias e ensinamentos sempre vão estar em um lugar especial do meu coração. Ao meu tio, Rodrigo, por tudo o que pude aprender ao seu lado. Aos meus tios, Arlen e Tato, que de alguma forma, também me apoiaram nos meus caminhos pessoais e profissionais.

Um agradecimento especial aos meus orientadores, Aline e Miguel, que acompanharam de perto a trajetória desse trabalho. À todos os professores e professora que cruzaram o meu caminho, durante o ensino básico e a graduação e aos servidores do IAU que em muitos ajudaram nessa trajetória.

À Mayara e Fabi, pelas risadas, pelas piadas e pelo carinho, vocês me fazem sentir ainda mais feliz.

# resumo

O trabalho pretende valorizar e reacender a camada histórica do bairro da Vila Prado, fundado em 1983, após a chegada da linha férrea, tendo suas terras, historicamente ocupadas por ferroviários e operários. Tendo isso em vista, o trabalho pretende trazer à tona, por meio de um percurso, o seu patrimônio cultural, conformado pelo patrimônio de pedra e cal e por memórias, vivências de seus moradores.

Dessa forma, o percurso se organiza a partir das ruas do bairro que passam por pontos importantes de suas histórias. Elas são importantes por conta do seu caráter central na vida dos moradores do bairro, como o espaço que ancora as sociabilidades ali existentes. Com isso, o projeto pretende garantir e priorizar a peatonalidade, e com ela, os encontros e conversas que a rua acaba propiciando.

Através das ruas, as praças do bairro (área da estação, Praça da Santo Antônio e Praça Presidente Castelo Branco) se conectam, funcionando como extensões das mesmas. Além disso, a unidade do percurso e o seu reconhecimento pelo observador é feito por meio da materialidade. Nas praças, dado seu caráter histórico e a existência de patrimônios culturais ancorados a elas, teve um cuidado com relação a estética e a escala de seus elementos, visando respeitar as recomendações das cartas patrimoniais. Seus projetos pretendem garantir suas sociabilidades já existentes, além de reacender algumas pré-existências, que acabaram sendo apagadas durante sua história.

Vale aqui também ressaltar que, reacender e valorizar essa camada histórica do bairro tem se tornado de vital importância. Atualmente, ele vem se consolidando como uma centralidade para a cidade, acarretando na especulação imobiliária no seu território e na demolição de residências representativas do período inicial.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural, Arquitetura da Paisagem, Percurso.

# abstract

The work aims to enhance and reappear the historical layer of the Vila Prado neighborhood, founded in 1983, after the arrival of the railway line, with its land historically occupied by railway workers and workers. With this in mind, the work aims to bring to light, through a route, its cultural heritage, made up of stone and lime heritage and memories and experiences of its residents.

In this way, the route is organized based on the streets of the neighborhood that pass through important points in its history. They are important because of their central character in the lives of the neighborhood's residents, as the space that anchors all existing sociability. With this, the project intends to guarantee and prioritize pedestrianity, and with it, the meetings and conversations that the street ends up providing.

Through the streets, the neighborhood's squares (station area, Praça da Santo Antônio and Praça Presidente Castelo Branco) are connected, functioning as extensions of them. Furthermore, the unity of the route and its recognition by the observer is achieved through materiality. In this case, given their historical character and the existence of cultural heritage anchored to them, care was taken with the relationship between the aesthetics and the scale of their elements, aiming to respect the recommendations of the heritage maps. Their projects aim to guarantee their existing sociability, in addition to reappearing some pre-existences, which ended up being erased throughout their history.

It is also worth highlighting here that re-embracing and valuing this historical layer of the neighborhood has become vitally important. Currently, it has been consolidating itself as a centrality for the city, leading to real estate speculation in its territory and the demolition of representative residences from the initial period.

**Keywords:** Cultural Heritage, Landscape Architecture, Route.

# índice

introdução	15
memória, identidade e patrimônio	18
percepções do local	23
leituras do bairro	29
praças e ruas	41
o projeto	73
implantação geral	106
considerações finais	222
referências	224

# introdução

## poligonal histórica e imóveis protegidos são carlos (2017)



fonte: Compilação da autora, 2023.

### legenda

- áreas de recreio
- protegidos pelo município
- tombados ou em processo CONDEPHAAT
- protegidos pelo município demolidos
- córrego
- ferrovia
- poligonal histórica
- área de leitura

"(...) o que sensibiliza o patrimônio, que gera a vontade da sua preservação, é resultado da significância desses bens" (SCIFONI, 2019)

As motivações iniciais para o trabalho nasceram a partir da observação do patrimônio cultural são carlense que estava sendo preservado pelo órgão público municipal responsável, o Pró-Memória. Ao observarmos os bens tombados, e a poligonal histórica traçada, pode-se notar uma maior concentração nas áreas centrais, historicamente ocupadas pelas famílias mais abastadas da cidade, incluindo a de seu fundador, o Conde do Pinhal. Concomitantemente, outros bairros, pertencentes a esse processo inicial de formação da cidade, foram deixados de lado nessa narrativa escolhida, um deles será objeto de estudo neste trabalho, o Bairro da Vila Prado, fundado em 1893, ocupado por operários e ferroviários.

Simone Scifoni, em seu texto "Conhecer para Preservar: uma ideia fora do tempo" (2019) traz um debate acerca da frase "é preciso conhecer para preservar". Nele, ela deixa claro que conhecimento não gera necessariamente apego ao patrimônio. Para que isso ocorra, ele deve ser, o que Ecléa Bosi chama de "objetos biográficos", fazendo com que a relação entre patrimônio cultural e um grupo social apresente vínculos mais consistentes, transformando-os em objetos existenciais e insubstituíveis, tornam-se fundamentais para a identidade desse mesmo grupo.

Contudo, uma vez que o patrimônio cultural protegido da cidade, é o patrimônio da região central, pertencentes durante a história pelas famílias de posse da cidade, os moradores do bairro da Vila Prado, que possuem uma dinâmica social e uma história tão particulares, terão uma conexão com esses bens? Como instaurar um vínculo entre um patrimônio cultural e um grupo social, sendo que essa relação e essa história, foi se constituindo de cima para baixo, impondo uma herança da cidade escolhida, que representa uma parcela da população, e deixou a margem a história de uma outra parte da população.

Além disso, o trabalho também trata o patrimônio arquitetônico histórico não apenas como um patrimônio de pedra e cal, corroborando com o discurso patrimonial autorizado, mas sim como um patrimônio cultural, que carrega consigo lembranças e memórias de uma população, traçando uma história diferente da historiografia, mas próximo de uma história afetiva. Mais memória que história.

Ademais, valorizar e preservar a memória e o patrimônio cultural do bairro se mostra de suma importância nos dias atuais, principalmente por conta da expansão de comércios e serviços em seu território,

o que acaba acarretando na demolição de edifícios típicos, descaracterizando a sua paisagem. Esse ponto é trazido na Recomendação de Nairobi, de 1976, acerca dos conjuntos históricos:

"diante do perigo da autorização e da despersonalização que se manifesta constantemente em nossa época, esses testemunhos vivos de épocas anteriores adquirem uma importância vital para cada ser humano para a sua existência, que encontra a expressão de sua cultura e, ao mesmo tempo, um dos fundamentos de sua identidade" (Carta Patrimonial, 1976).

Contudo, vale ressaltar que o trabalho não renuncia o projeto realizado pelo Pró-memória na cidade de São Carlos, preservando e protegendo diversos testemunhos materiais importantes para compreender a formação da cidade, apesar de não mostrar uma história da cidade que nem sempre é contada e demonstrar como isso se constitui de uma importância para os moradores do bairro em questão.

# memória, identidade e patrimônio

mapa da constituição urbana  
de são carlos (1915)



fonte: BORTOLUCCI, 1991

Para iniciarmos o debate sobre a memória e do patrimônio, presente com força no trabalho, precisamos entender a cidade como lugar onde essas relações estão ancoradas. Síndico Pesavento, em seu texto, "Como os bairros dão passado: a cidade como palimpsesto" (2004), aponta a cidade como a junção das dimensões espaço e tempo. O espaço como o território em si da cidade, ocupada e transformada pelas pessoas, materialidade essa que possui forma, função e significado. É nesse espaço que a marca do tempo se faz presente, nela o tempo pode ter sido transformado, superado, desgastado ou renovado, mas ainda se faz ver a cidade do passado, onde a memória e a história se fazem presente. A partir disso, a autora traz a questão do palimpsesto para a leitura da cidade:

"O palimpsesto é uma imagem que ajuda para a leitura do mundo. Pálavas gregas surgiram no século V a.C., depois da adoção do pergaminho para uso da escrita, palimpsesto viria a significar um pergaminho do qual se apagou a primeira escrita para a reposição de outra por outro texto. A escassez de pergaminhos nos séculos de VIII e IX generalizou os palimpsestos, que se apresentavam como os pergaminhos nos quais se apresentava a escrita sucessiva de textos superpostos, mas onde a apagagem de um não conseguia apagar todos os caracteres antigos de outros precedentes, que se mostravam, por vezes, ainda visíveis, possibilitando uma recuperação" (PESAVENTO, 2004).

Essa comparação nos ajuda a entender a cidade como uma sucessão de camadas adquiridas pelo tempo que se materializam em seu espaço, algumas "apagadas" e outras acessas, não como uma superação de um passado, mas como o surgimento de novas relações sociais intrínsecas a ela, e acarretadas por diversos sujeitos. Esse apagamento não significa perda, a sua história e memória ainda estão presentes, só precisam ser reacesas aos olhos dos sujeitos que ocupam aquele espaço.

História e Memória, palavras que podem parecer sinônimos, mas carregam distintos significados. Pierre Norra, historiador francês, em seu texto "Entre Memória e História: a problemática dos lugares" (1993), traz essa discussão. O autor busca situar o debate entre memória e história, tratando a história como representação do passado e a memória como um fenômeno atual, como um elo vivo que está sujeito às lembranças e aos esquecimentos.

"A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinhas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivoido no eterno presente; a história, uma representação do passado.

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda

a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante demanda análise e discurso crítico" (NORA, 1993, p. 9).

O autor, a partir do estabelecimento de memória como essa dinâmica entre lembrar e esquecer, trará para a equação em questão a afetividade, é ela que irá ser fundamental nesse jogo de lembrar e esquecer. Essa mesma afetividade que Simone Scifoni trouxe ao se referir entre a conexão de patrimônio cultural e a população. Ele precisa despertar as lembranças, e criar um vínculo de identidade com elas.

Ele também percorre o conceito de "lugar de memória", pautado na memória coletiva e nos processos de pertencimento e reconhecimento acerca de um local. Dessa forma, os "lugares de memória" existem para a manutenção dos valores identitários de um grupo, criados a partir de experiências e vivências na cidade, contudo, ele irá dividi-los em dois grupos.

O primeiro refere-se a um "lugar de memória" imposto, de maneira vertical e autoritária, referente a uma história sem relação com esse grupo em questão, e o segundo refere-se a um "lugar de memória" dominante, no qual se configura como um lugar que surge de maneira espontânea e que realmente está no imaginário da população.

Maurice Halbwachs, outro autor que também trabalha com as questões de memória, acrescentando outra variável importante para o entendimento do trabalho em questão. Para ele, a memória é, além da conexão entre passado e presente, a conexão com outras pessoas. Nos seus estudos, ele passa a considerar as memórias pessoais e individuais como as memórias de um grupo, representando uma memória coletiva (HALBWACHS, 1964, apud BOSI, 1979). Dessa forma, a memória, além de ser um vínculo entre patrimônio cultural e o observador, ela também passa a ter uma relação direta com a identidade de um certo grupo.

A partir dessas questões identitárias que a cultura também entra na discussão. No texto "Memória, identidade e cultura: condições de pertencimento aos espaços da cidade" (2022), Ana Laura Assumpção e Paulo César Castral deambulam por essa questão. Para isso, usam o conceito de cultura de Durham (1984), que a reconhece a partir de múltiplas referências, sendo uma delas referente aos produtos materiais da atividade humana, como objetos, monumentos e edifícios. Contudo, a significação fundamental para esse vínculo, é a carga simbólica carregada por ele que o caracteriza como pertencente de uma determinada cultura.

Como explicitado pelos autores anteriores,

a memória é o elo no presente com o passado, é ela que mantém viva a cultura de um determinado grupo e, consequentemente, é ela que irá constituir no presente essas "múltiplas referências" pertencentes a uma cultura. " Sem memória, o presente de uma cultura perde as referências ideológicas, econômicas e culturais que a originaram" (BARROS, 1999, p.35 apud ASSUMPCÃO; CASTRAL, 2022).

"A cidade é uma das alicerces que ligam indivíduos, famílias e grupos sociais entre si. Uma dessas resistências que não permite que suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhe dão ancoragem no espaço" (ABREU, 1998, p.14 apud ASSUMPCÃO; CASTRAL, 2022). É a partir dessas questões que o trabalho se torna de suma importância, tendo em vista que, é a partir da preservação do patrimônio cultural que pode-se garantir a continuidade do passado em um determinado lugar, para que, dessa forma, as memórias continuem sendo o elo vivo entre sujeito e a cidade, garantindo a relação de identidade de um grupo e a preservação de sua cultura.

**percepções do local**

# A História de São Carlos

Antes de iniciarmos a história do bairro, precisamos contextualizar a história da cidade. Região pertencente aos campos de Araraquara, foi ocupada a partir de 1718, com a descoberta das minas de Cuiabá. Inicialmente, se constituiu como um pouso, para os viajantes que passavam em direção às minas. Em 1831, foi demarcada a sesmaria do Pinhal, de propriedade de Carlos José Botelho. (BORTOLUCCI, 1991)

Com a expansão das lavouras cafeeiras para o interior paulista, Carlos José Botelho iniciou seu plantio das primeiras mudas de café, entre 1838 e 1840, na fazenda Conde do Pinhal.

A riqueza trazida pelo café, e os interesses dos cafeicultores de terem um núcleo urbano mais próximo que Araraquara e Rio Claro, para cumprimento de suas obrigações, principalmente as

religiosas, favoreceu o nascimento da cidade. Dessa forma, em 1857 São Carlos nasce como Distrito de Araraquara, tornando-se Freguesia em 1858, Vila em 1865 e Cidade em 1880.

Com o desenvolvimento da atividade cafeeira, surge a necessidade de um escoamento rápido da produção. Assim, em 1884, a ferrovia é implantada, (trecho Rio Claro- São Carlos), por insistência do Conde do Pinhal.

O café, por meio dos investimentos dos cafeicultores, trouxe um impulso demográfico para a cidade, pelo florescimento e a consolidação da vida urbana. O transporte ferroviário ajudou a consolidar essa dinâmica, permitindo, por exemplo, a importação de materiais e, consequentemente, novas construções e novas técnicas. (BORTOLUCCI, 1991)

A crise de 1929 acabou afetando a lavoura cafeeira. Em São Carlos, ela já dava sinais de decadência antes disso, por conta das novas zonas abertas no oeste do Estado. A partir desse momento, a industrialização e a pecuária passaram a ganhar força, acentuado por isenções fiscais concedidas à prefeitura. Nessa nova fase, destacaram-se as indústrias nas áreas de mecânica, metalurgia, material elétrico e comunicação, têxtil e alimentar.

Nos anos 50 a cidade já é conhecida pelas indústrias manufatureiras presentes em seu território. Nesse mesmo período chegam às universidades (1952 - Escola de Engenharia e 1960 a UFSCAR)

## evolução urbana São Carlos



## Vila Prado

A Vila Prado possui um traçado que não segue o convencional norte-sul da cidade, seu traçado é delimitado pela instalação da linha férrea. Com a chegada da linha férrea, a sudoeste do núcleo urbano original, atraiu o desenvolvimento de atividade industrial para essa área, e junto com ela, a vinda da classe trabalhadora assalariada, operários e ferroviários. A Vila do Prado foi o primeiro bairro operário, aberto em 1893, pelo Coronel Leopoldo de Almeida Prado. Este loteamento, atraiu os ferroviários por conta da proximidade do trabalho, e com o auxílio da então Companhia Paulista, que sedia o material para a construção das casas. (BORTOLUCCI, 1991)

Tempo depois, outros fazendeiros passaram a lotear suas terras, originando outros bairros que conformam a Grande Vila Prado, como o Bela Vista, loteado por Sallum, o Jardim Medeiros, a Vila Carmem, etc.



Rua Larga  
fonte: São Carlos agora, 2017



Rua Larga  
fonte: São Carlos agora, 2017



vista aérea  
fonte: São Carlos agora, 2017



Cine Joia  
fonte: São Carlos agora, 2019

## Vila Prado hoje

Atualmente a Vila Prado apresenta características de uma centralidade, podendo ser observada um eixo de comércios e serviços fortes em alguns pontos do bairro, principalmente na Rua Larga e Av. Sallum. Ainda existem galpões industriais, muitos deles remanescentes da fase inicial do bairro.

No zoneamento municipal o bairro se caracteriza pela Zona 2 de Ocupação condicionada com um coeficiente de ocupação de 70%, um coeficiente de aproveitamento básico de 1,4, gerando no bairro um gabarito baixo.

A expansão comercial no bairro tem gerado uma especulação imobiliária para essa finalidade, sendo comum observar a demolição de casas para a construção de salões comerciais. Porém, ainda existem exemplares arquitetônicos que caracterizam

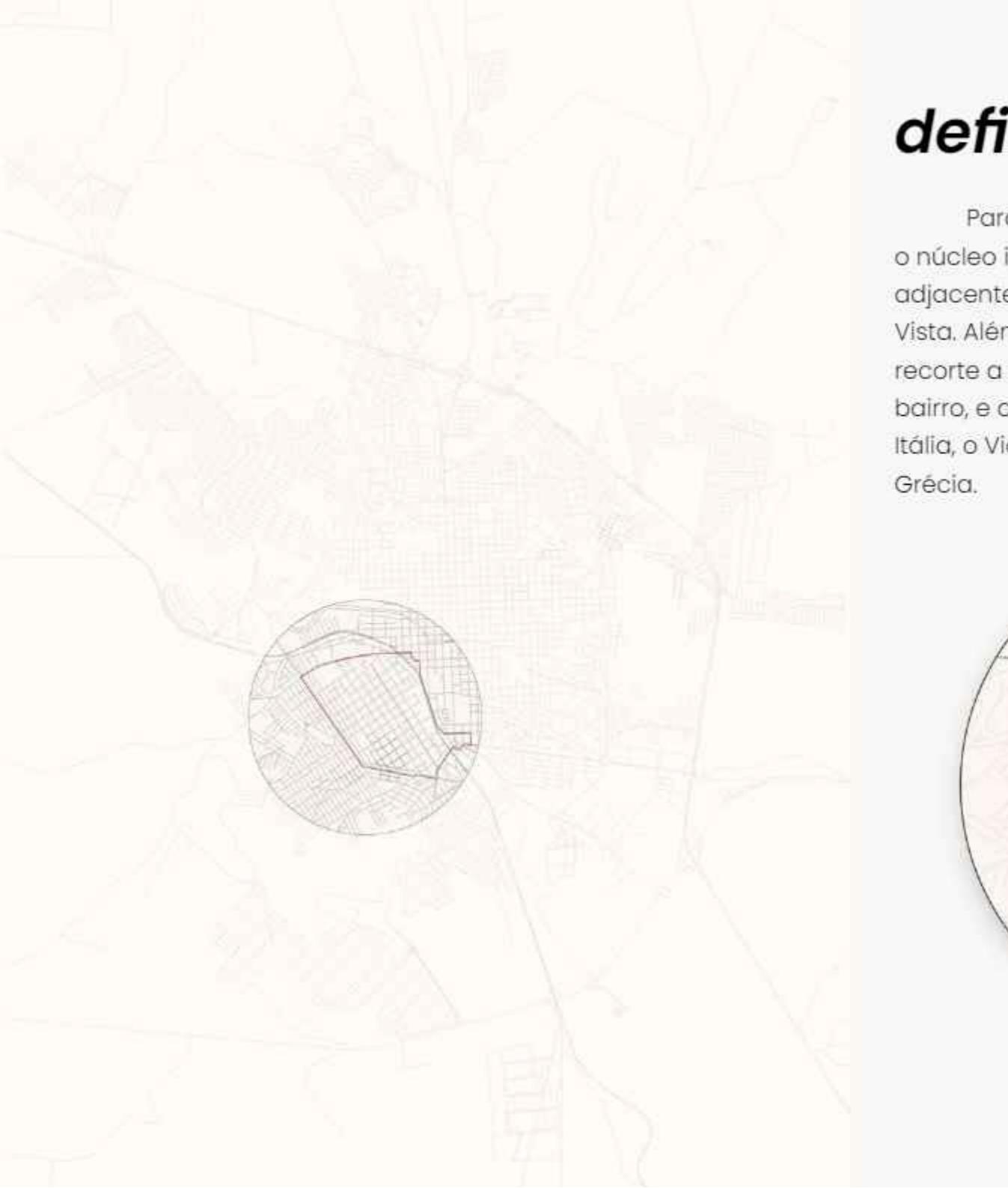
as tipologias existentes do bairro.

Suas casas se caracterizam pelo gabarito baixo, sem recuo frontal ou com um pequeno jardim na frente, com duas águas e algumas residências apresentam varanda na parte frontal. As janelas são voltadas para a rua são em madeira e com uma ornamentação simples em sua fachada. As casas sem recuo frontal também apresentam a porta de entrada da residência direto na fachada. Com terrenos grandes, suas casas apresentam um extenso quintal nos fundos que, no seu passado, serviu de sustento para as famílias, com horta e criação de animais. Em algumas entrevistas realizadas, os moradores contaram a importância do quintal, e que, em alguns trechos, esse espaço era coletivo, conforme denha a foto comunitária.



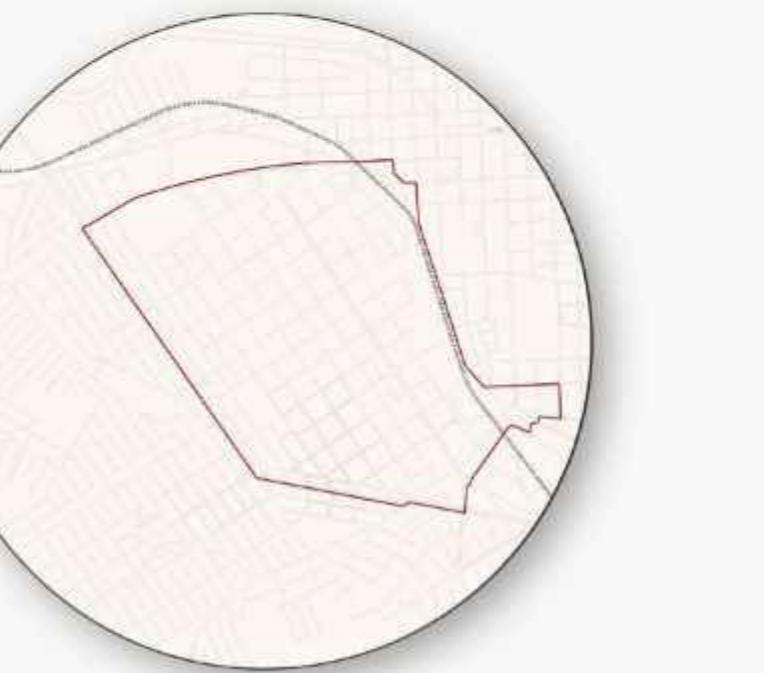
fachadas do bairro  
fonte: acervo pessoal, 2023.

**leituras do bairro**



## definição do recorte

Para a definição do recorte, foi considerado o núcleo inicial do Bairro da Vila Prado e os bairros adjacentes, como a Vila Pelicano, Bela Vista e o Boa Vista. Além disso, também foi adicionado a área de recorte a estação ferroviária, símbolo do início do bairro, e os pontos de acesso do bairro, como a Praça Itália, o Viaduto, indo até a Rua Henrique Gregori e a Av. Grécia.



legenda

- pontos de travessia e acessos
- barreiras físicas, causadas pela linha férrea
- passagens existentes
- eixo de mobilidade (todos os modais)
- via estrutural
- via estrutural secundária
- vias radiais
- vias coletoras
- vias perimetrais



## mobilidade

Os pontos de acesso do bairro se caracterizam por travessias, ou do rio, no caso da marginal, ou da linha férrea, que também se caracteriza como uma barreira física do bairro. Além disso, elas acabam priorizando o automóvel.

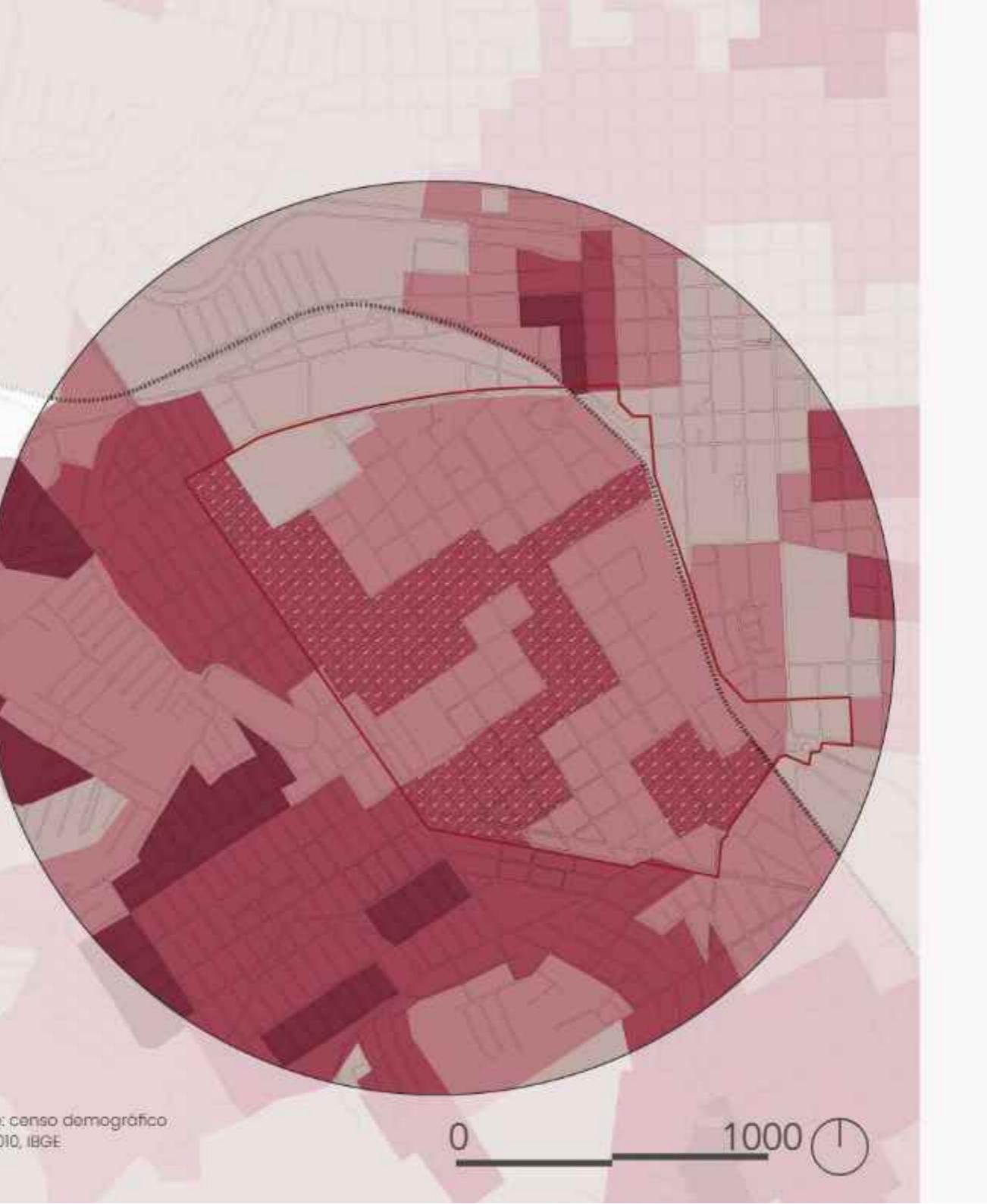
Os principais fluxos dos modais de transporte estão relacionados com essas travessias e com as vias radiais (continuação do viaduto e na Rua José Pereira Lopes) e das coletoras, como a Rua Larga e a Av. Sallum. Mas adiante, vamos perceber que as micro centralidades de comércios e serviços também estão vinculados a essas vias.



fonte: plano de mobilidade urbana de são carlos, 2011.

## ***densidade demográfica***

Podemos perceber uma maior concentração demográfica em alguns pontos, como na continuidade da travessa 4 e 5, e nas proximidades da Rua Henrique Gregori e Av. Grécia.



## ***renda***

Já com relação a renda, a região apresenta uma média de 2 a 5 salários mínimos.



## uso do solo

Como já dito anteriormente, o mapa de uso dos solos acaba corroborando com algumas leituras. A primeira se refere aos eixos comerciais, crescentes no bairro, e que se tornam característico em algumas regiões, como a Rua Larga e a Av. Sallum. Podemos perceber também que as indústrias ainda estão presentes no seu território, algumas, remanescentes do início de sua história. Há também alguns núcleos residenciais, que corroboram com o mapa de densidade populacional.

Também podemos perceber que o bairro é bem munido com relação à saúde e a educação pública, porém, sem muitas instituições culturais, sendo apenas a Biblioteca do Parquinho e o museu relacionados à estação ferroviária.

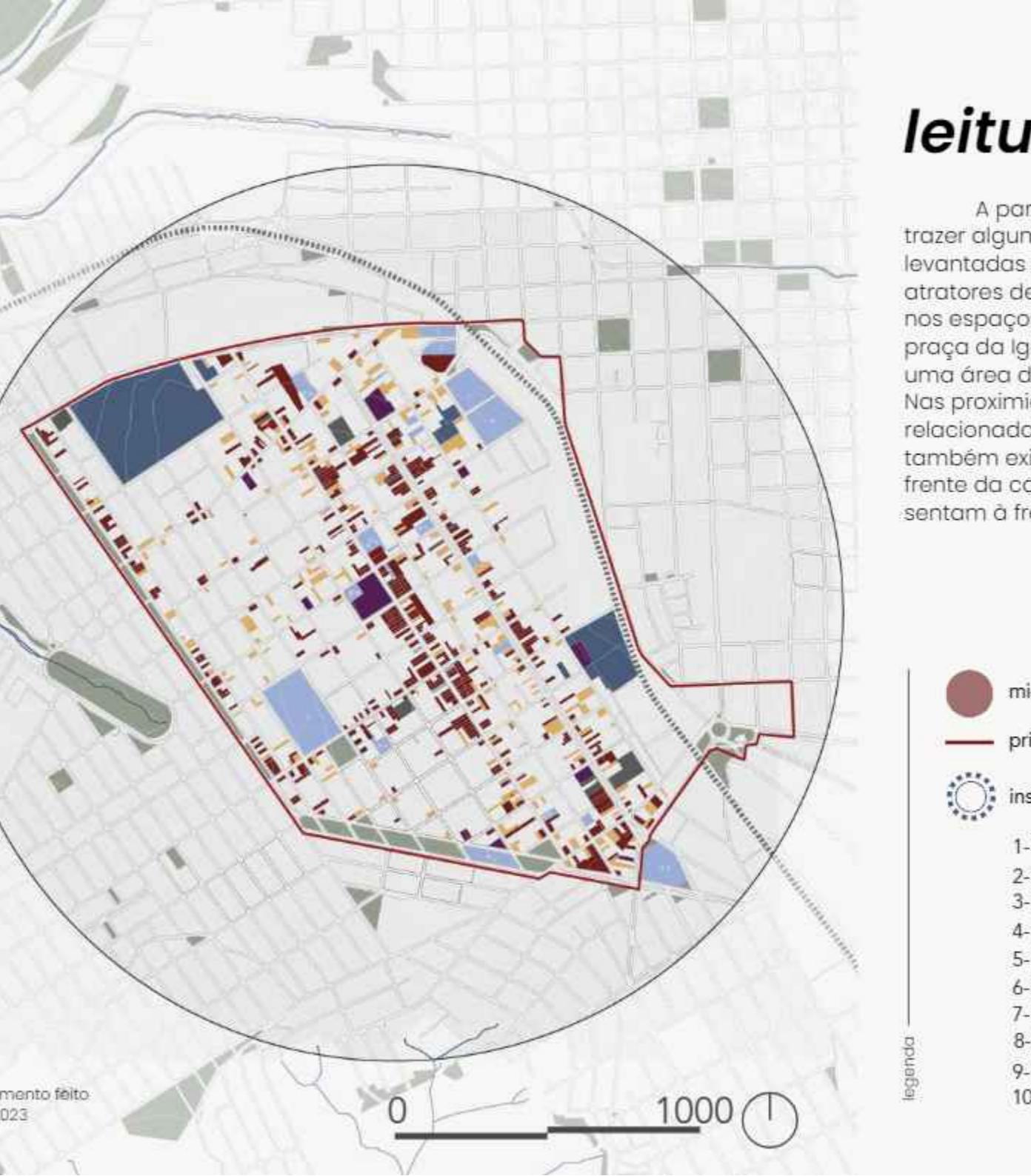
(E) escolas  
1- SENAI  
2- E.E. Dom Gatão  
3- Cemei Carmelita Rocha Ramalho  
4- Creche Aracy Leite Pereira Lopes  
5- SESI 106  
6- FESC  
7- E.E Jesuíno de Arruda

(H) equipamentos de saúde  
1- UPA  
2- Ame

outras instituições  
1- Poupatempo  
2- Casa da Criança  
3- Centro de Assistência Santo Antônio  
4- Biblioteca Municipal Alfredo Américo Hamar  
4- Estádio Municipal Prof. Luis Augusto de Oliveira (Luizão)

residencial  
comercio  
serviços  
industria

terrenos vagos  
igreja  
institucional  
áreas de recreio



fonte: levantamento feito  
pela autora, 2023

## leituras

A partir dos mapas já apresentados, podemos trazer algumas leituras. As micro centralidades comerciais levantadas e algumas instituições, funcionam como pólos atratores desse território. Já com relação a permanência nos espaços públicos, eles se dão mais no entorno da praça da Igreja Santo Antônio (que não é considerada uma área de recreio), e na continuidade da Rua Larga. Nas proximidades do Luizão, essa permanência é sazonal, relacionada aos dias de jogos. Vale aqui ressaltar que também existe uma relação intrínseca com a calçada/a frente da casa, com moradores que ao final da tarde se sentam à frente da residência.

● micro centralidades comerciais  
— principais vias de pedestre

○ instituições atratoras

1- Poupatempo  
2- SENAI  
3- E. E. Dom Gatão  
4- Cemei Carmelita Rocha Ramalho  
5- Igreja Santo Antônio  
6- SESI 106  
7- Estádio Municipal Prof. Luis Augusto de Oliveira (Luizão)  
8- Ame  
9- UPA  
10- E.E Jesuíno de Arruda



fonte: levantamento feito  
pela autora, 2023

# memória

Usando como base o conceito de Pierre Nora, explicitado acima, buscou-se, por meio desse mapa, tratar dos “lugares de memória” dominantes, constituídos por aqueles exemplares que realmente estão presentes no imaginário da população, e não aqueles impostos. Dentro dessa dinâmica de lembrar e esquecer que a memória se constitui, o que ainda é lembrado pelos seus moradores?

No texto, “Percepção urbana: entrelaçamentos entre o pensamento de Lucrécia Ferrara e de Armando Silva”, de Virginia Campos Grossi, Frederico Braida e José Gustavo Francis Abdalla (2021), os autores também explicitam como é importante compreender as cidades para além de seus aspectos físicos, para

que assim, possamos conhecer sua identidade.

Identificar essas relações presentes entre os usuários e o espaço urbano é de suma importância não apenas as atividades e os papéis sociais que exercem, mas também os seus símbolos e significados, que acabam ultrapassando o entendimento convencional das cidades. Lucrécia Ferrara, citada nos textos pelos autores, relata o perigo de se ler a cidade de forma homogênea, sem perceber os significados intrínsecos a ela, e as camadas, muitas vezes invisíveis, presentes nela.

“a percepção ou leitura do ambiente urbano, como instrumentos de sua interpretação, trazem para a ação sobre a cidade parâmetros reais do significado do espaço para o usuário”. (Ferrara, 1988, p. 5, apud GROSSI et al, 2021)

Dessa forma, o mapa foi desenvolvido por meio de entrevistas com moradores e a partir de livros e crônicas acerca das vivências e memórias constituídas no bairro da Vila Prado, buscando um entendimento do território para além de uma leitura homogênea e fria, e que possibilite dar ancoragem ao projeto em questão.

Durante as entrevistas com moradores do bairro, alguns pontos foram frequentemente mencionados, como o quintal da casa, espaço esse que fornecia sustento para as famílias, por meio do plantio e da

criação de animais, das cercas baixas, feitas de madeira, que possibilitaram enxergar o terreno dos vizinhos. Além disso, como já mencionado, alguns moradores relataram que em alguns quarteirões, esse quintal, localizado no centro da quadra, era compartilhado, com fogão a lenha e hortas comunitárias.

Outro ponto trazido pelas pessoas entrevistadas eram as indústrias do bairro, algumas ainda existentes, como a indústria de correntes, e outras onde apenas o prédio que se instalavam foi preservado, como a serraria, próximo à estação e a fábrica de sabão, (Indústria Reunidas de Sabão Apolo), na Rua Larga. Sobre isso, Eduardo Kebbe, cronista são carlense, em sua crônica, “Apito das fábricas”, explicita:

“O apito da fábrica (que hoje não escuta mais)Quero chamar de Operários e Operárias para o início da jornada de trabalho diário, de modo que, às 6 horas da manhã, quando eu ia para o tiro de guerra, via-se grupo de operários estugando os passos na calçada, vindos de distâncias pontos da cidade, para chegarem a tempo a tecelagem e se postarem diante dos teares” (KEBBE, 2007)

Outro ponto bastante comentado nas entrevistas é a Rua Larga, composta por um eixo de Flamboyant, um dia também foi o caminho da boiada em direção às fazendas que possuía nos arredores. Os moradores também contam que com o chão de terra vermelha, levantava-se a poeira depois que a manada

passava. Esse mesmo chão de terra vermelha gerou o apelido pelo qual os moradores do bairro ficaram conhecidos, como “pé vermelho”, por andarem descalços no chão de terra vermelha do bairro.

Ainda sobre a Rua Larga, Eduardo Kebbe, em sua crônica “Rua dos Flamboyants, esquina do bate-papo”, relata a tentativa de descobrir quem desenhou a Rua Larga. Em uma dessas tentativas, ele se encontra com um grupo de idosos, que diariamente se reúnem para conversar no canteiro central sob a sombra das árvores, com as cadeiras de plásticos trazidas de casa. Eles falam sobre as manadas que ali passavam, sobre a rivalidade existente entre as vilas da cidade (Vila Prado, Vila Ney e Vila Sobe), mas não sabem dizer quem projetou a Rua Larga. O ponto importante extraído nessa crônica é o fato das pessoas se reunirem diariamente para conversar na rua. A rua, durante as entrevistas, é sempre tratada pelos moradores como uma centralidade em suas vidas públicas. São nelas que brincavam quando eram crianças, que conversam e que encontram as pessoas.

Outro ponto de destaque, que é sempre enfatizado com orgulho pelos moradores, é a Igreja Santo Antônio. Atualmente ela está localizada na Av. Salim, mas antes, ela ocupava uma casa na travessa 4, enquanto a sua construção não completa. Os moradores relatam as quermesses que ocorriam para arrecadar

dinheiro e a Procissão das Pedras, onde os moradores carregaram as pedras de seu alicerce para a sua construção.

"Imagine uma procissão de fiéis que ao invés de portarem velas e imagens carregassem pedras. Pois uma multidão calculada em 3 mil pessoas, formou a inesquecível Procissão das Pedras, locomovendo-se desde a manhã até à noite em direção à chácara de Paulino Nunes, retornando com pedras de todos os tamanhos, destinadas à construção do alicerce

da igreja. Muitos, ainda hoje, comentam o fato, orgulhosos de terem carregado uma pedra nos ombros para o alicerce." (KEBBE, 2007)

Nos arredores da nova igreja também ocorriam quermesses (presentes até os dias de hoje), e feiras que os moradores frequentavam. No seu entorno, também estava localizado o Cine Joia, antigo cinema do bairro que não existe mais, e os campos de bocha, onde os moradores se reuniam domingo à noite para jogar.

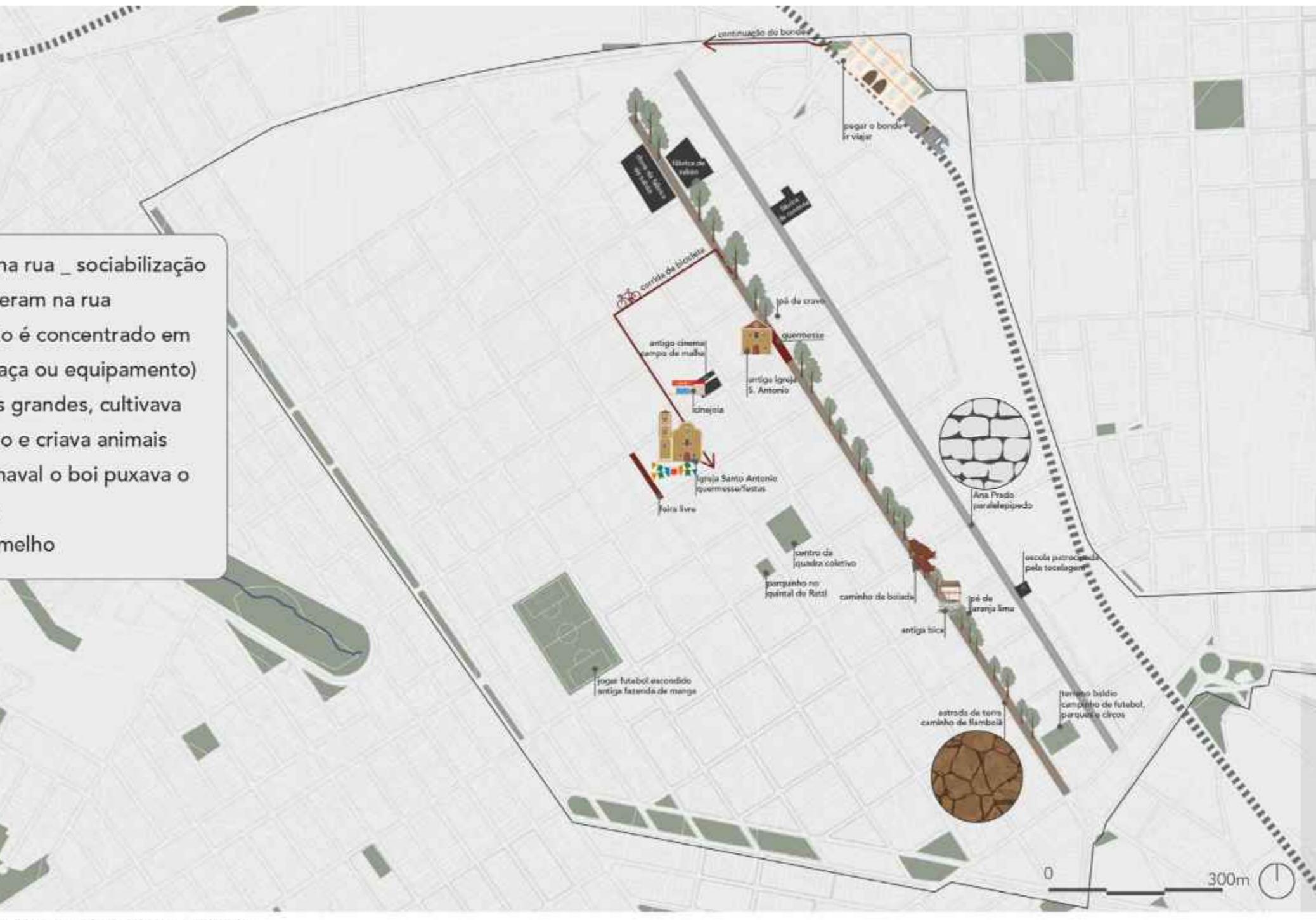
Outro ponto bastante comentado é o Luizão, estádio municipal construído sob uma antiga fazenda de mangas. Ele representa uma época que na cidade ocorriam muitos jogos de várzea, com clubes das fábricas ou dos bairros. Na Vila Prado, os times do bairro eram o Fluminense, o São Bento e o América, como descrito no livro "Saudades de Nossa Cidade" (2005), escrito pelo professor José do Prado Martins. Além disso, os moradores também contam assistir aos

mio São Carlense.

dessas memórias coletadas ficam claro  
entre memória e identidade trazidas  
e, e como a cidade, por meio de suas  
materiais, ancoram e mantêm viva essas  
criando essa relação de uma memória  
a formação de uma cultura.

das aderências que ligam indivíduos, sociais entre si. Uma dessas resistências e suas memórias fiquem perdidas no encorajem no espaço" (ABREU, 1998, p. 11).

.andar na rua \_ sociabilização  
e lazer eram na rua  
(isso não é concentrado em  
uma praça ou equipamento)  
.quintas grandes, cultivava  
alimento e criava animais  
.no carnaval o boi puxava o  
cordão  
.pé vermelho



praças e ruas

## ***o percurso***

Com o objetivo de reacender a camada histórica do bairro, o projeto em questão se estabelece a partir de um percurso, considerando as leituras do bairro trazidas anteriormente.

Dessa forma, o percurso se ancora tanto em pontos de memória, levantados nas entrevistas com moradores e nas crônicas do bairro estudadas, como as fábricas, a estação ferroviária, a igreja Santo Antônio, o Estádio Municipal Prof. Luis Augusto de Oliveira (Luizão) e a escola Jesuíno de Arruda, contribuindo para a valorização dessa camada histórica do bairro, e consequentemente, a cultura e a identidade do mesmo.

Também foram consideradas algumas instituições que funcionam como pólos atratores no

território, gerando um fluxo grande de pessoas, e as micro centralidades, levantadas anteriormente a partir do mapa de uso do solo e visitas no local.

Elas também foram consideradas no traçado do percurso por conta do fluxo alto de pessoas que frequentam esses lugares, para que assim, o percurso também estivesse ancorado na rotina dos moradores do bairro. Ademais, algumas dessas instituições atratoras também fazem parte da história do bairro, facilitando assim atrair o olhar cotidiano para essa camada histórica, muitas vezes invisibilizada do território.

legenda

- percursos
- permanências
- micro centralidades comerciais
- instituições atratoras
- 1- Estação Ferroviária (Pré-memória)
- 2- Poupa Tempo
- 3- SENAI
- 4- Cemei Carmelita Rocha Ramalho
- 5- Igreja Santo Antônio
- 6- SESI 106
- 7- Estádio Municipal Prof. Luis Augusto de Oliveira (Luizão)
- 8- EE Jesuíno de Arruda

- locais de memória
- 1- Estação Ferroviária
- 2- antiga Serraria Santa Rosa
- 3- antigo bar navio
- 4- antiga Fábrica de Sabão
- 5- Fábrica de Correntes
- 6- CEMEI Carmelita Rocha Ramalho
- 7- Santo Antonio
- 8- Luizão
- 9- Jesuíno de Arruda

fonte: autora, 2023



# vivências

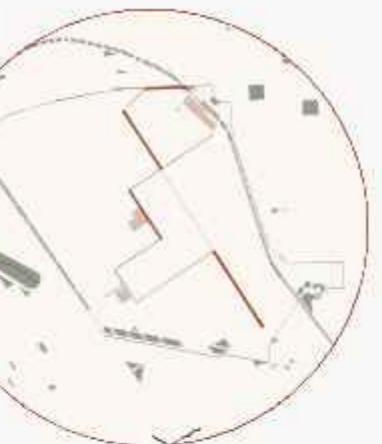
Como relatado anteriormente, durante as entrevistas, pode-se notar como a rua era um ponto central nas falas e narrativas dos moradores e das crônicas acerca do bairro. Essas relações continuam presentes na dinâmica do bairro e por isso, foram levantadas as vivências observadas no percurso e divididas em três categorias, para melhor estudo e análise.

A primeira refere-se as **vias de fluxo alto**, como a Av. Sallum e a Rua Larga, ambas com levantamento de micro centralidades presentes em seu traçado, relatadas anteriormente. Nas elas é possível observar usos relacionados a essa ocupação, como a pausa para o almoço dos funcionários ou as cadeiras do bar ocupando a calçada. Contudo, como elas se

constituem como vias estruturantes do bairro, o fluxo tanto de automóveis quanto de pedestres é alto, propiciando encontros e conversas no seu entorno.

A segunda refere-se as **vias de menor fluxo**, localizadas nas travessas e ruas paralelas à Rua Larga. Nelas a dinâmica se dá de forma distinta. Com o fluxo baixo de veículos, a ocupação do leito carroçado pelas pessoas é maior, sendo comum observar pessoas andando na rua, carros parados para conversar com os pedestres, etc. Além disso, por serem ruas com um maior número de residências, as calçadas funcionam como uma extensão da casa, é nelas que as pessoas se sentam para conversar no final do dia. Nelas, também é possível observar bancos e outros aparelhos projetados para que esses encontros aconteçam.

A terceira está relacionada **às praça e os espaços de estar** como a Praça da Santo Antônio, a Estação, o Luizão e a praça adjacente a ele. Neles, as dinâmicas observadas se distinguem com relação aos usos neles ancorados, e serão descritos mais adiante.



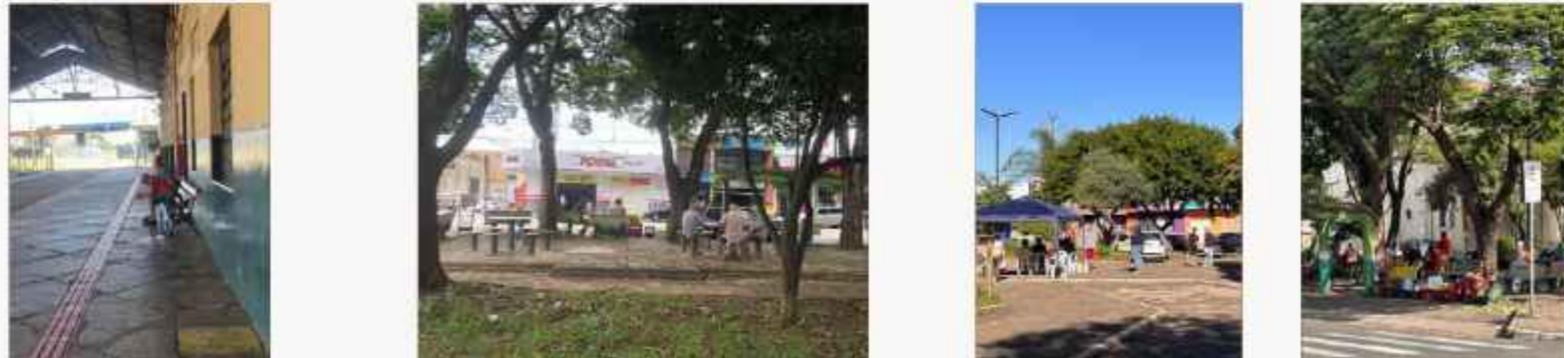
*ruas de fluxo alto*



*ruas de fluxo baixo*



*praças e espaços de estar*

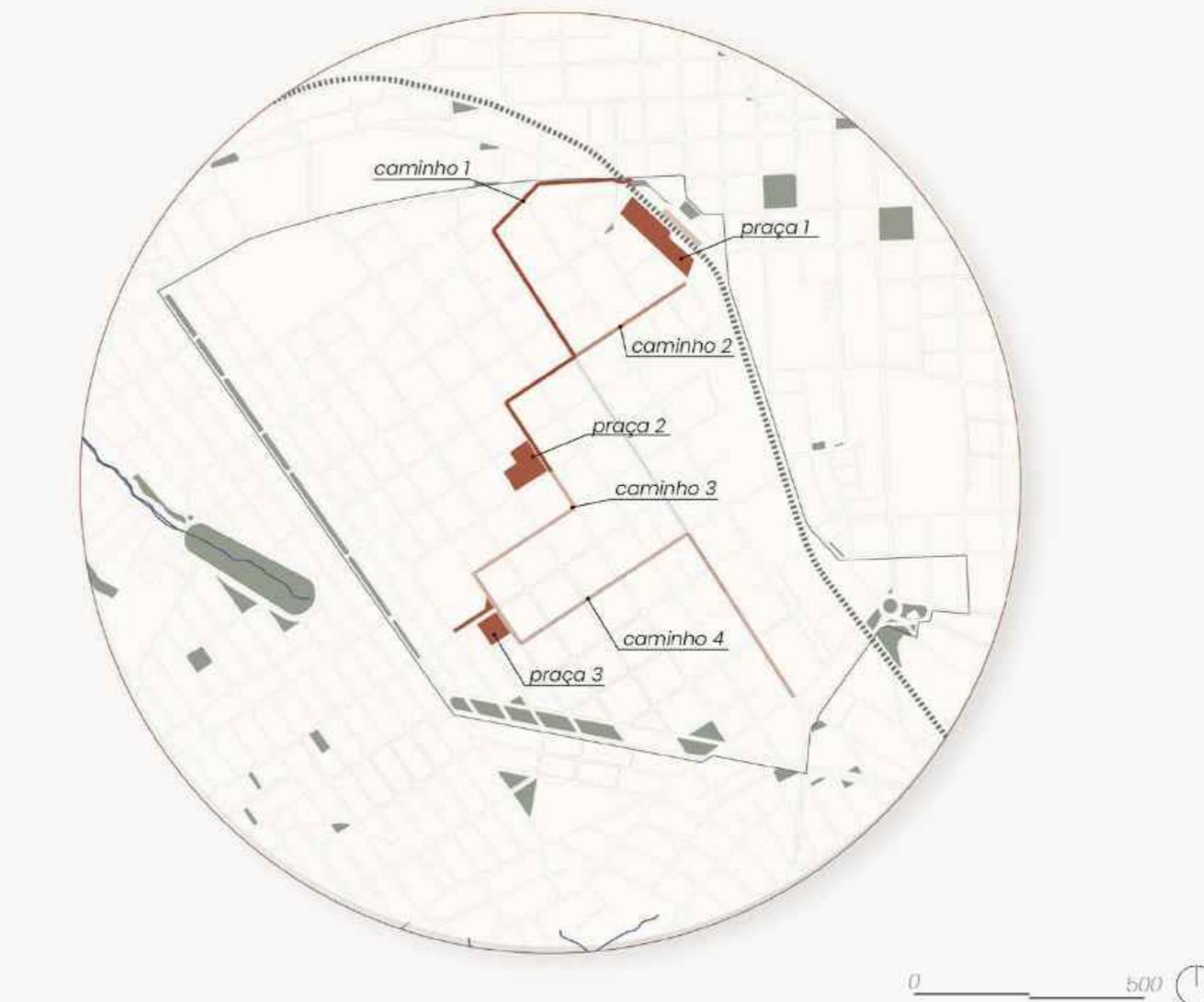


*estação*

*praca da santo antonio*

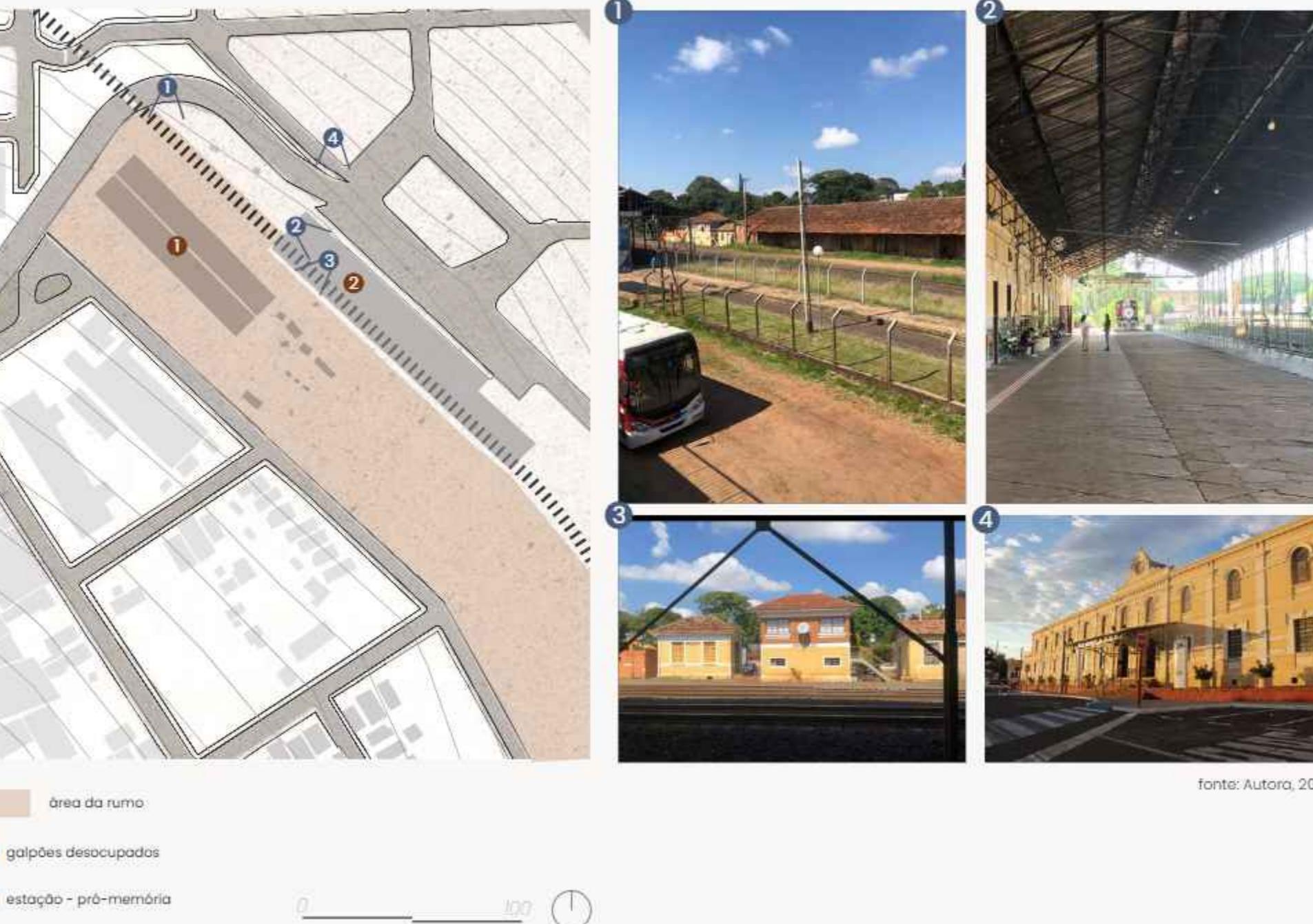
## *Leituras do percurso*

A partir disso, o percurso, que corresponde a área de projeto deste trabalho, foi dividido em **caminhos e praças**, tanto para facilitar a leitura, quanto para estabelecer diretrizes projetuais. Os caminhos, correspondem às vias pelo qual se estabelece o percurso. Já as praças são os bolsões de área livre pelo qual o trajeto se angra, podendo ser tanto praças já legitimadas e ditas como tal pela prefeitura, como a praça da Igreja Santo Antônio e a Praça Presidente Castelo Branco, quanto áreas com potenciais para tal, como o terreno da estação.



## ***praça 1 estação***

Fundada em 1884 pela Companhia de Estradas de Ferro. Até 1908 o edifício era caracterizado pelo fachada com tijolos aparentes, quando foi ampliado, reformado e revestido, adquirindo características da arquitetura eclética. Atualmente está instalado nela a sede do Pró-Memória e o Museu São Carlos. Nela também ocorreram alguns eventos como o encontro de ferromodelismo e durante um período ocorreram alguns festivais musicais.



## Caminho 1

O caminho 1 sai pela gare da estação e passa pelas ruas General Osório, Duarte Nunes, Rua Dr. Teixeira de Barros (Rua Larga), Rua Antônio de Almeida Prado e Av Sallum. Durante seu trajeto, a maioria das ruas apresenta um fluxo alto de automóveis e pessoas, com exceção da Rua Antônio de Almeida Prado. Nesse trecho, podemos destacar a Rua Larga (configura-se como uma rua muito característica do bairro). Ele também se ancora em pontos importantes do bairro, a estação, as indústrias, remanescentes do início de sua história (Serraria próxima à estação, a fábrica de sabão - Indústria Reunidas de Sabão Apolo e a fábrica de correntes - Insduscomel), o CEMEI Carmelita Rocha Ramalho, conhecida como creche do parquinho e a Igreja Santo Antonio, seu destino final. Dessa forma,



estão presentes no trajeto tanto pontos importantes para a história do bairro, como as instituições atratoras, fazendo-o parte da rotina dos moradores do bairro.



ver o trem passar



estação ferroviária



estação



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



Rua General Osório



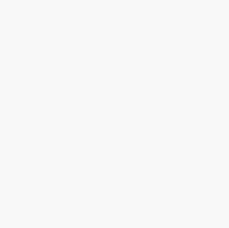
Rua General Osório



&lt;p



antiga serraria Santa Rosa



antigo Bar Navio



beco quebra  
do padrão do  
percurso



antiga fábrica de sabão



Rua General Osório



Rua Duarte Nunes



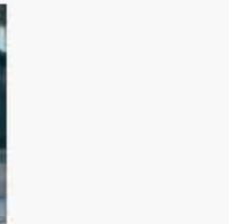
Rua Largo



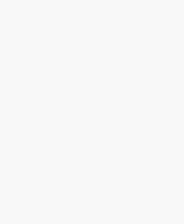
sentar no canteiro - almoço de funcionários - estar  
relacionado aos comércios



sentar no canteiro - almoço de funcionários - estar relacionado aos comércios



vivencia na calçada - rua como extensão da casa



fluxo de pais buscando crianças

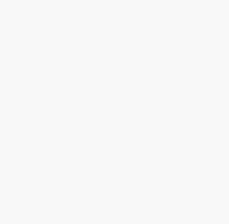
*vivências/estares*



fábrica de correntes



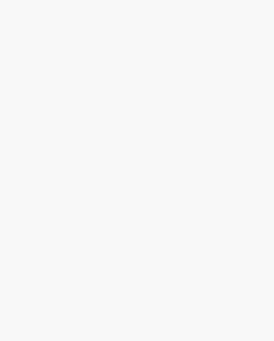
creche do parquinho CEMEI



Igreja Santo Antonio

*pontos focais - históricos e do cotidiano*

Rua Larga



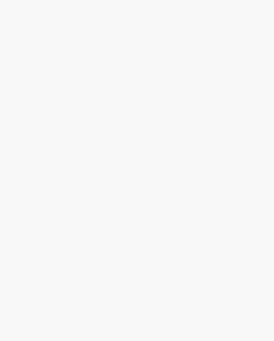
Rua Antonio de Almeida Prado



rua de moderado - residencial (bolsão de calmaria)

rua de fluxo alto - eixo comercial (microcentralidade)

Av. Sallum



*leitura imediata*

*rua*

## Caminho 2

O caminho 2 parte do início da Rua Antônio de Almeida Leite, e se encontra com o caminho 1 na Rua Larga. Seu ponto forte é a vista para a gare da estação e para o centro da cidade, proporcionada pelo desnível do terreno. Durante seu trajeto, é possível observar casas com tipologias típicas do bairro. Além disso, a calmaria é um ponto forte do trajeto, com um fluxo baixo de veículos.



vivências/  
estórias

pontos focais -  
históricos e do  
cotidiano



platô de visualização do  
centro e da estação



leitura  
imediata

rua



fonte das imagens: Autora, 2023



vivência na calçada - rua  
como extensão da casa

5

## Praça 2 Igreja Santo Antonio

A Igreja Santo Antônio foi a primeira paróquia a ser desmembrada da Catedral e até antes de 1943 ela se localizava na Rua Larga. O seu terreno foi doado por Saba e Nicolau Sallum, industriais do bairro e foi projetada por Durval Duarte, engenheiro da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Moradores contam que a paróquia foi construída graças aos fiéis que carregavam as pedras para o alicerce da igreja, ficando conhecido como Procissão das Pedras. O novo templo foi inaugurado em 1949, com paredes nuas, teto para terminar e torre pela metade. Com os anos, por meio das festas, foi se arrecadando dinheiro para a melhoria da igreja.

Nela há eventos e festas típicas do bairro (patrimônio imaterial) como as quermesses, festa de



Santo Antônio e a Festa do Milho. Sua praça possui vitalidade durante a maior parte do dia, sendo possível observar senhores sentados nas mesas jogando carteado, vendedores de verduras, saídas dos estudantes e dos fiéis da igreja. Ademais, ela é o centro "burocrático" do bairro, tornando-se o encontro para reuniões administrativas ou para eventos da prefeitura. Além da escola (Sesi 106) seu espaço também abriga os Alcoólicos Anônimos.



- 1 Igreja Santo Antônio
- 2 Alcoólicos Anônimos
- 3 Sesi 106
- 4 Casa do Padre
- 5 Salão de Eventos da Igreja



fonte das imagens: Autora, 2023

59

### **Caminho 3**

Ele parte da Igreja Santo Antônio em direção ao Luizão, passando pela Av. Sallum, rua São Pio X e Benjamin Constant. Nele é possível observar um fluxo alto apenas na Av. Sallum, sendo as outras mais caracterizadas pela calmaria. O ponto alto desse trajeto é a Rua São Pio X, onde desde seu início no percurso, é possível observar o portão de entrada do estádio, configurando-se como ponto focal do trajeto.



estar em dias de jogos - uso  
saxonal



*vivências/estares*

visual portão de entrada do  
estádio

Praça Presidente Castelo Branco

*pontos focais - históricos e  
do cotidiano*

rua de fluxo baixo - residencial  
(bolsão de calmaria)

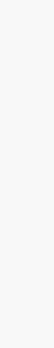
trecho de fluxo moderado - fluxo  
sazonal

*leitura imediata*

Rua São Pio X

Rua Benjamim Constant

*rua*



## **Praça 3** Estádio Municipal Prof. Luis Augusto de Oliveira (Luizão) e Praça Presidente Castelo Branco

O estádio Municipal foi construído em 1968, onde já existia o Campo Municipal Boa Vista desde 1952, um campo de terra batida onde se disputava jogos de várzea entre os times dos bairros da cidade. A torcida se instalava em um talude que existia para compensar o desnível do terreno. Hoje ele abriga os jogos amadores da cidade e os jogos dos times da cidade (São Carlos e Grêmio São Carlense).

A praça adjacente possui uma vivência mais contida, sendo mais utilizada as suas áreas de estacionamento nos dias de jogos, caracterizando uma permanecia sazonal.



- ① Estádio Luis Augusto de Oliveira
- ② Praça

0 100



foto: Autora 2, 23

## Caminho 4

O caminho 4 sai da praça Presidente Castelo Branco em direção do final da Rua Larga. Ele passa pela Rua Itália e termina na Rua Larga, sendo que a primeira se caracteriza por um fluxo baixo de veículos e a segunda com um fluxo alto.

O ponto alto desse trajeto é a caminhada pelo canteiro central da Rua Larga, rua característica do bairro pelo seu canteiro central com flamboyants, que um dia já foi o caminho da boiada das chácaras adjacentes ao bairro e hoje é o caminho dos moradores. No final, pode-se ter uma visual da Escola Jesuíno de Arruda, escola estadual importante do bairro.



vivências/  
estóries

jetura /  
pontos focais -  
históricos e do  
cotidiano

rua /  
fluxo moderado  
- fluxo sazonal

Rua Benjamim  
Constant



fonte das imagens: Autora, 2023

vivência na calçada - rua como  
extensão da casa



FESC - local de esportes, cursos

rua de fluxo baixo - residencial  
(bolsão de calmaria)

Rua Itália





sentar no canteiro - almoço de funcionários - estar relacionado aos comercios - fluxo constante de pessoas - estudantes



beco - quebra do padrão do percurso



visão para Escola Jesuina de Arruda

rua de fluxo baixo - residencial  
(bolsão de calmaria)

Rua Itália

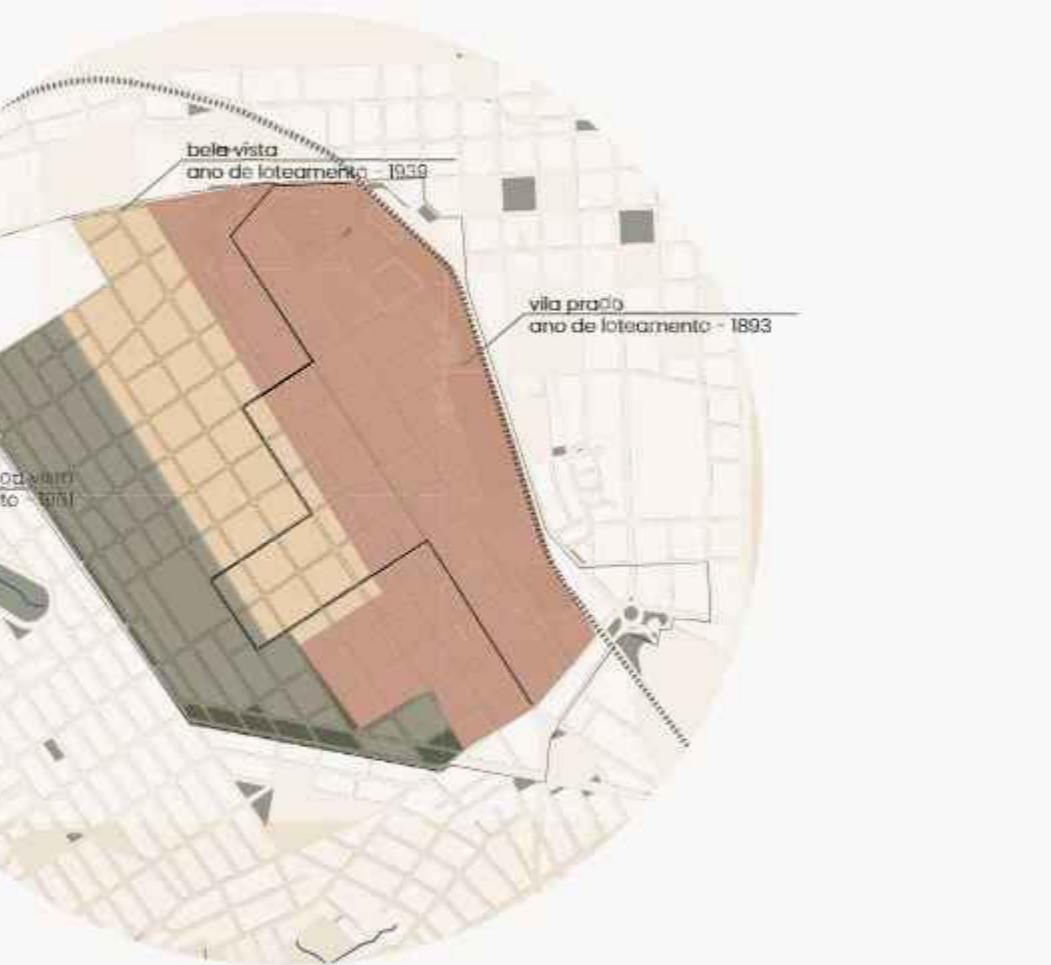


## estudos das tipologias

Durante as visitas na área, pode-se perceber a presença de diferentes tipologias ao longo do percurso. Isso se deve ao fato de que ela se desmembra em três outros bairros, pertencentes à grande Vila Prado, e que possuem anos de loteamento diferentes, acarretando em uma diferença na paisagem ao longo do trajeto.

O primeiro bairro, mais próximo à estação, é a Vila Prado (vermelho), fundada em 1893, o segundo, refere-se ao bairro da Bela Vista (amarelo), loteado em 1939, e o último, é o Boa Vista (verde), de 1961.

Essa diferença na paisagem e nas datas é algo muito visível na paisagem, e será abordado nas escolhas projetuais.



<sup>2</sup> montagem feita com base no mapa de ruas e bairros da Prefeitura de São Carlos. PREFEITURA MUNICIPAL DE SAO CARLOS. São Carlos: área urbana. São Carlos: [s. n.], 2011. Mapa urbano. Escala 1:2500. Disponível em: <http://www.saocharles.sp.gov.br/images/stories/pdf/Ruas%20e%20bairros%20Area%20Urbana%201-2500.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

**o projeto**

## **partido**

Como descrito acima e evidenciado pelas imagens e levantamentos do local, a rua tem um caráter central na vida dos moradores do bairro, como o espaço que ancora as sociabilidades ali existentes. Tendo isso em vista, o trabalho pretende trazer como foco esse espaço, por meio de um projeto que garanta e priorize a peatonalidade, e com ela, os encontros e conversas que a rua acaba propiciando.

Além disso, as praças, nesse projeto, são lidas como extensões das ruas, cada uma com necessidades específicas, mas projetadas como uma unidade com os caminhos, garantindo o reconhecimento pelo usuário.

Cabe aqui ressaltar, que o intuito principal

do projeto é garantir as vivências já existentes no bairro, incorporando, principalmente nas praças, novos espaços para novas sociabilidades, tanto as já observadas e que não necessariamente possuem espaços para se ancorar, bem como e espaços de uso livre, para que novas camadas e usos da cidade possam surgir e se ancorar.

Como as motivações iniciais do trabalho surgiram por conta da camada histórica presente no bairro, o percurso também busca reacender o patrimônio cultural do bairro, direcionando o olhar do observador, para esses aspectos, muitas vezes invisibilizados no bairro.

## **diretrizes gerais**

Para o trabalho, foram utilizadas como bases as cartas patrimoniais, principalmente a Carta de Washington de 1987, e a Recomendação de Nairobi, de 1976, que tratam do patrimônio de cidades e conjuntos históricos. Por mais que o bairro da Vila Prado não seja considerado com conjunto histórico pelo poder público, iremos aqui considerar essas cartas pela sua relevância do bairro na história do município e pela sua importância para a cultura e identidade dos moradores.

Dessa forma, é explicitado por essas cartas a realização de mudanças que levem em consideração a vida contemporânea que já está estabelecida nesse território, buscando um projeto que adequa todas essas dinâmicas, e não uma volta ao passado.

"os valores: a preservação do conjunto de elementos materiais e espirituais que lhe determinam a imagem; a forma urbana definida pela malha; as relações entre edifícios, espaços verdes e espaços livres; a forma e o aspecto dos edifícios; as relações da cidade com o seu ambiente natural ou criado pelo homem; as diversas vocações adquiridas pelo bairro de sua história" (Carta Patrimonial, 1987)

Além disso, o projeto também se atenta para a não criação de um falso histórico, algo que é recorrente e alertado pelas cartas patrimoniais.

# Escolhas Projetais a materialidade

Um ponto importante para a concepção do projeto foi a busca de uma unidade, algo que caracteriza-se o percurso e que também estivesse conectado com a história e com a formação do bairro. Durante essa busca, os materiais presentes na calçada acabaram se tornando foco de estudo, uma vez que são nelas que a maioria das vivências levantadas acabam se ancorando.

A pedra acabou se tornando o elemento central do trabalho, essa pedra que conforma os alicerces das construções presentes no bairro, a pedra da Procissão das Pedras, realizadas por fiéis para a construção da Igreja Santo Antônio, e a pedra que forra e ornamenta as calçadas e fachadas do bairro.

Além disso, pode-se perceber como o seu uso muda das áreas mais antigas para as áreas mais novas do bairro. Nos trechos mais antigos, é comum observarmos o seu uso em grandes lajotas de arenito, principalmente o arenito vermelho, além de estar presente nos alicerces das casas, possível de ser

observada em alguns lugares, onde o revestimento descascou. Já nas áreas mais novas, a pedra ganha um caráter mais ornamental, sendo usada em lajotas picotadas nas paredes, ou nas pedras portuguesas no chão.

Tendo isso em vista, a unidade projetual do percurso ficou garantida na materialidade do chão, por meio de um piso em arenito claro. Esse piso, além de trazer a unicidade, também busca informar ao observador a temporalidade do trecho em que está ocorrendo. Nas áreas mais antigas, o piso é formado por lajotas maiores, remetendo os blocos de pedras



usadas nos alicerces das casas e, conforme se aproxima das áreas mais novas, a pedra se fragmenta em lajotas menores em sua paginação, remetendo os novos usos de ornamentação que a pedra acabou adquirindo no território.

Buscando reacender o patrimônio cultural do bairro e direcionar o olhar do observador, para esse aspecto, nos pontos de memória e nos pontos que evidencie a narrativa de cada caminho estabelecido, a paginação do piso tocará para arenito vermelho, tornando-se um foco de atenção.

O arenito vermelho foi escolhido como referência as calçadas de arenito vermelho, presentes no bairro, e ao chão de terra batido vermelho, que um dia forrou o chão do bairro, e conferiu aos moradores o apelido de "pé vermelho". Além disso, nas praças, as lajotas de arenito vermelho são utilizadas para demarcar as questões históricas particulares de cada uma, e que será reacendida pelo projeto, e para delimitar as vivências também específicas a cada espaço, sejam elas já existentes e que o trabalho pretende garantir, ou as sociabilidades potenciais, que serão ancoradas.

Vale aqui ressaltar que, para que as pedras não causassem um falso histórico, buscou-se um piso com mais retificado e quadrado que não foi observado nas materialidades levantadas do bairro, garantindo assim que elas falam de uma história velha, mas garantindo entendido pelo observador como novo.



*piso 1*

trecho mais antigo - pedra remetendo os blocos do alicerce das casas



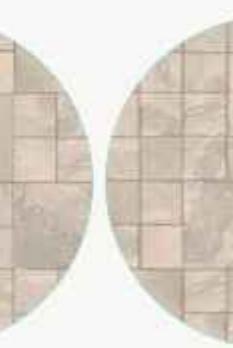
*piso 2*

trecho de transição



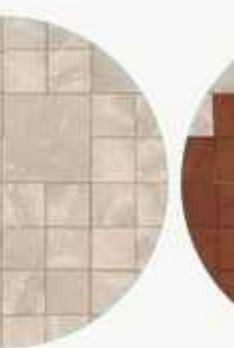
*piso 3*

trecho de transição



*piso 4*

trecho mais novo - pedras menores que remetem o novo uso da pedra na ornamentação



*piso de ponto focal*

trecho de ponto focal evidenciando trechos históricos e de notoriedade para o bairro



*piso de arenito*  
pontos históricos e locais de vivência - lajotas de arenito fazendo referência ao chão de terra batido do bairro

## **Escolhas Projetuais a paisagem**

Outra escolha projetual refere-se à paisagem e à vegetação escolhida, o cerrado. Estima-se que o município de São Carlos, usando como base a tese de doutorado de Marco Bertini, intitulada de Cobertura Vegetal como parâmetro da qualidade ambiental do município de São Carlos (2014), que 43% de seu território pertencia ao cerrado, com diferentes fitofisionomias. Porém, atualmente, apenas 28% de seu território possui cobertura vegetal, divididos em Cerrados, Matas ripárias e Matas Mesófilas.

Mariana Turati de Oliveira, em seu trabalho de conclusão de curso, Resgate da paisagem de cerrado na cidade de São Carlos (2021) trata e caracteriza

a vegetação do cerrado no território do município. Ela traz um cerrado admitido na cidade, observado muitas vezes como massas arbóreas nas praças, e compreendido por espécies como ipês, jerivás, oitis, etc.

Além disso, ela também trata de um cerrado espontâneo, encontrado em terrenos baldios, ou espaços onde a interferência do homem na paisagem é menor. As espécies ali encontradas, muitas vezes estão no imaginário popular como mato ou invasor, sem reconhecer a importância dessas espécies para o bioma.

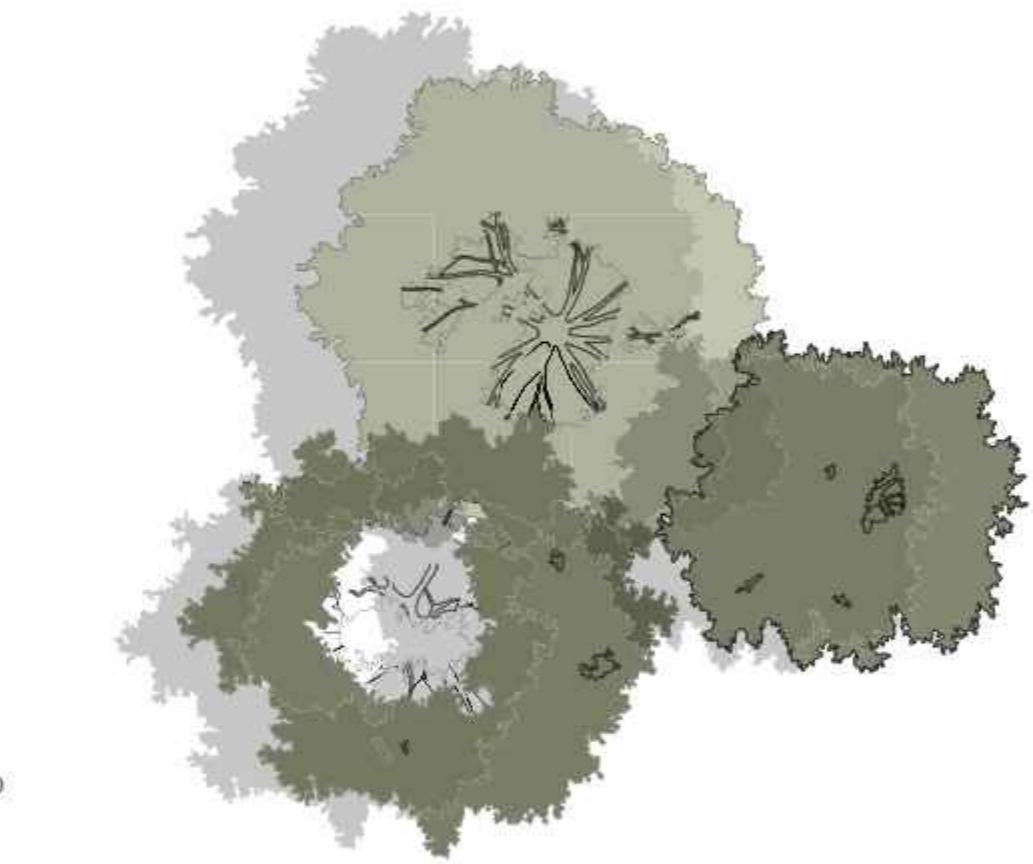
Dessa forma, o trabalho pretende trazer para o bairro a paisagem do cerrado, tanto as já presentes e reconhecidas pelo imaginário popular, como os ipês, as aroeiras e os manacás, quanto aquelas que são marginalizadas, como o sapé e o picão vermelho. Essa escolha se deu também pensando em um caráter educativo que essa paisagem pode despertar nos observadores, valorizando o bioma.

Esse ponto se torna ainda mais importante quando analisamos o bioma no recorte nacional. Atualmente, apenas 21,6% do bioma do cerrado resiste no território, e desses, apenas 2,85% está sobre área de proteção (SIQUEIRA, 2016). Portanto, educar a população acerca de sua importância é ainda mais fundamental para a sua preservação.

Dessa forma, as espécies escolhidas fazem parte do bioma do Cerrado. Também buscou-se trazer espécies que não possuíssem espinhos ou que fossem venenosas, garantindo que os moradores pudessem interagir com a paisagem do projeto.

Outro ponto fundamental observado no bairro, seja pelas entrevistas realizadas pelos moradores, ou pelas crônicas lidas, é a importância do quintal, esse quintal com leguminosas e árvores frutíferas, que serviam de sustento para seus moradores. Por isso, das espécies definidas, as únicas que não fazem parte do bioma do cerrado são algumas das árvores frutíferas, escolhidas por conta dessa importância dada aos moradores. Vale também ressaltar que, das espécies do cerrado utilizadas, algumas possuem uso na medicina popular, também como uma forma de remeter a algo encontrado e cultivado nos quintais do bairro.

Para as escolhas das espécies, foi utilizado como referência o trabalho Cerrado Infinito de Daniel Caballero, onde o artista cataloga e ilustra espécies do bioma encontradas em terrenos baldios na cidade de São Paulo. Também foi utilizado o Guia de Plantas da Regeneração Natural do Cerrado e da Mata Atlântica (2017), de Paolo Rodrigues Sartorelli e Eduardo Campos Filho.





## Escolhas Projetuais mobiliário

Visando garantir a unidade do projeto, os mobiliários de apoio das praças e dos caminhos são os mesmos, e foram pensados de maneira a seguir a linguagem da materialidade já estipulada nos pisos.

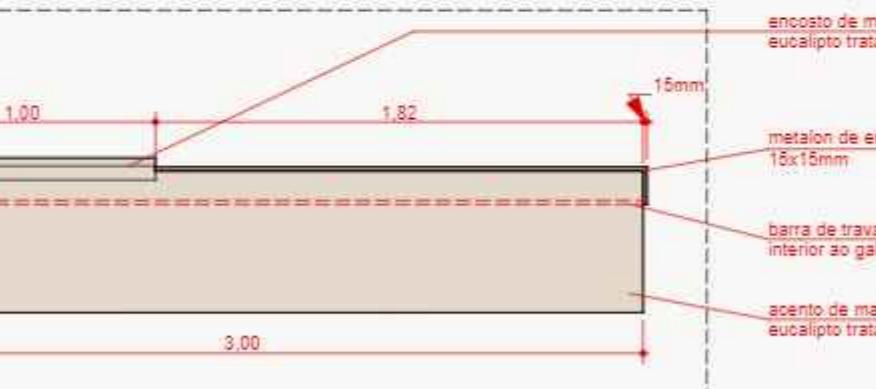
Dessa forma, buscou-se utilizar elementos como o muro de gabião, como uma forma de referenciar as pedras nos alicerces da casa, de uma forma diferente. Além do uso da madeira, por conta do conforto térmico e o aço pintado de terracota, em referência aos pisos de arenito.

A partir disso foram projetados o banco, mesa com 4 cadeiras, bicicletários, balizador, lixeira, ponto de ônibus, poste para iluminação das praças e o poste de iluminação das ruas.

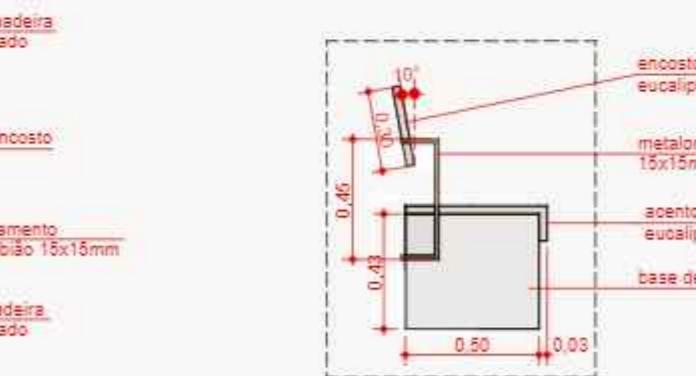
fonte: autora, 2023

### 1 banco

O banco foi pensado com o gabião como base, madeira no assento, por conta do conforto térmico. Também há uma barra em metalon para o encosto, engastada internamente ao gabião, garantindo sua fixação. Vale também ressaltar que ele foi pensado a partir dessas medidas, mas durante o projeto, seu comprimento vai variando conforme a demanda.



planta



elevação lateral



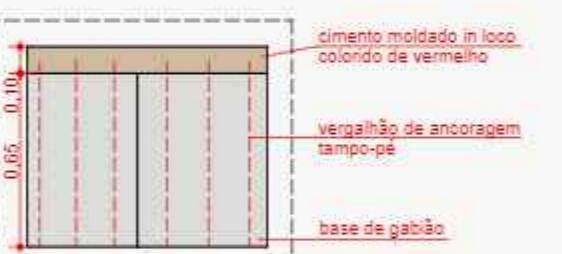
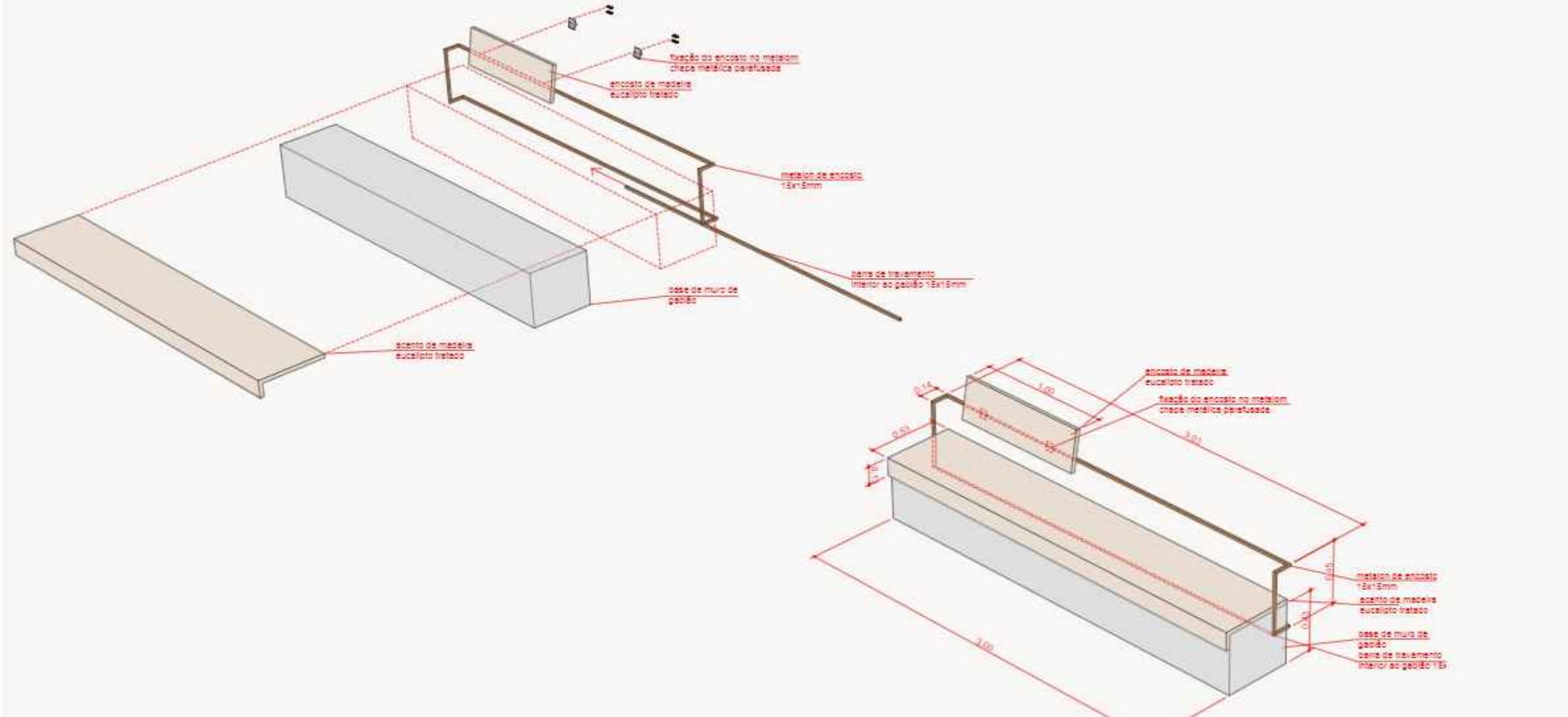
elevação frontal

0m 1m

esa

A mesa apresenta como elementos os pés, em aço, que, por meio de vergalhão metálico, engastam o topo feito em concreto moldado.

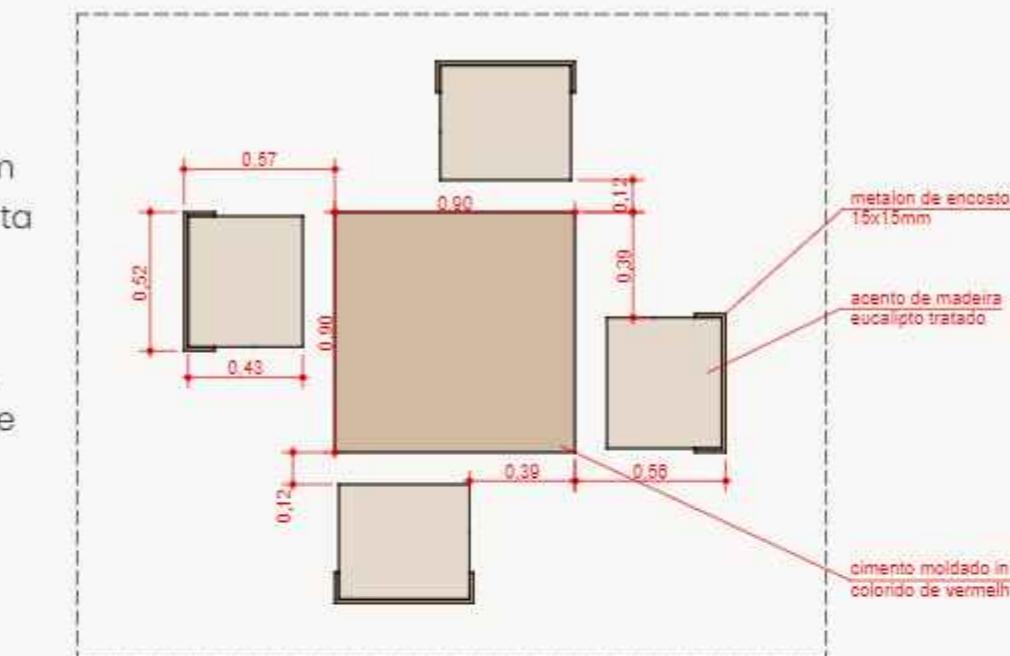
Os 4 bancos que compõem o conjunto, são com concreto moldado e acento de madeira, dando no conforto térmico do usuário. A barra de apoio do encosto, é encastrada no concreto.



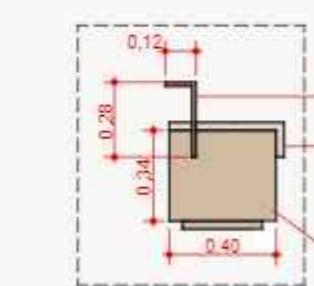
### *elevacão mesa*



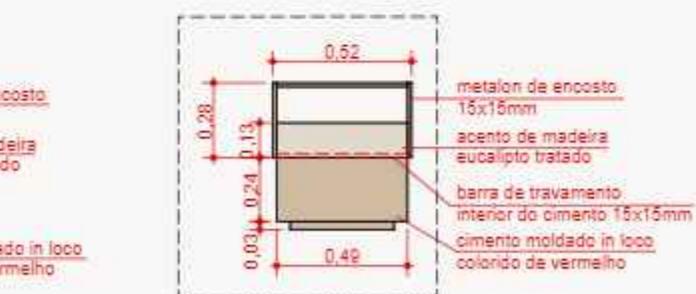
### *elevação mesa*



planta coniur



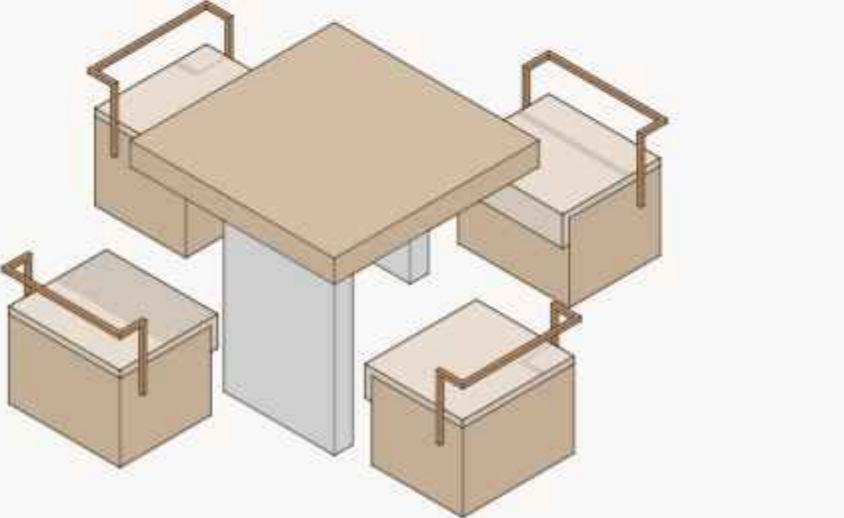
elev



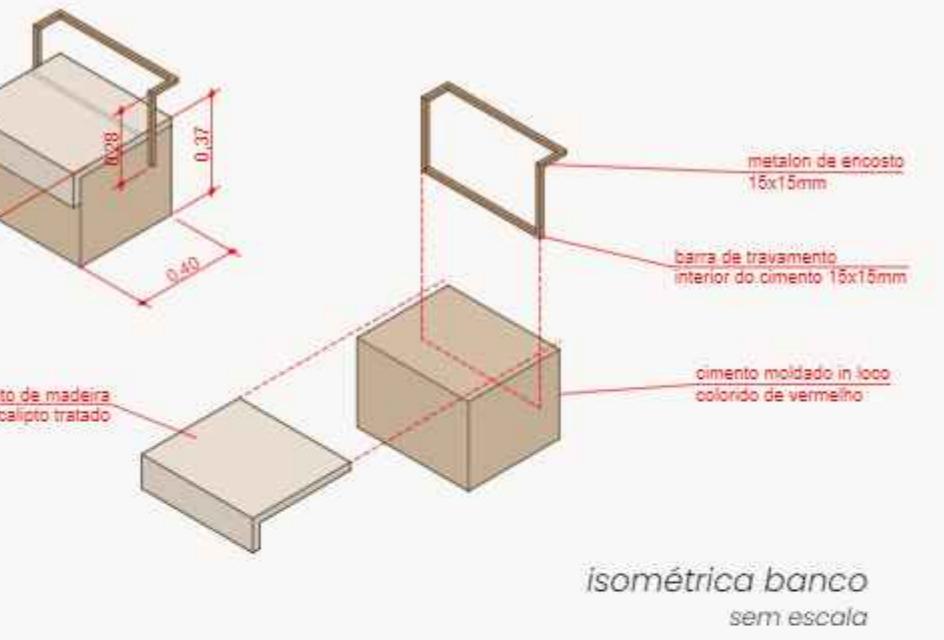
### *elevacão banco*



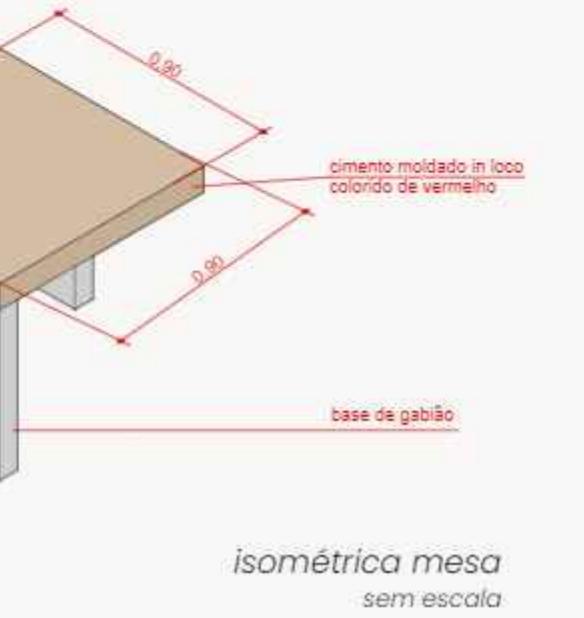
Tente autora, 2023



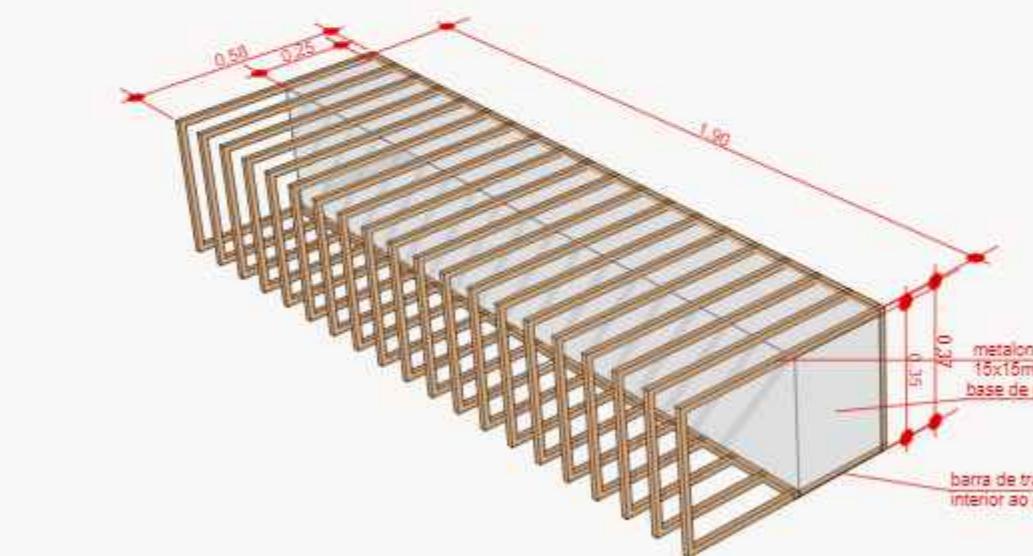
isométrica  
sem escala



isométrica banco  
sem escala



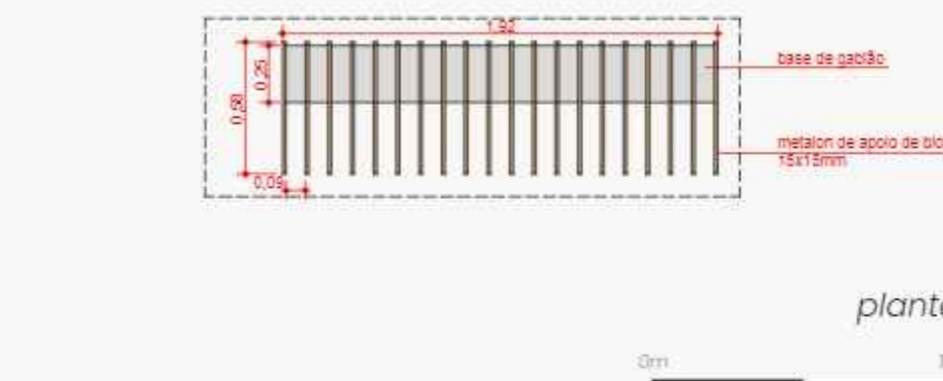
isométrica mesa  
sem escala



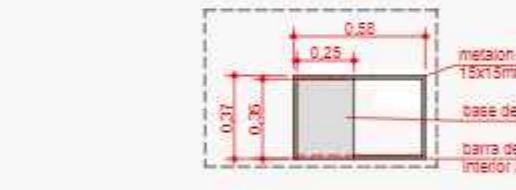
isométrica  
sem escala

### 3 bicicletário

O bicicletário, pensando na linguagem da materialidade proposta, também usa como base o gabinete, envolto por um quadro de metalon, onde as bicicletas serão apoiadas.



planta



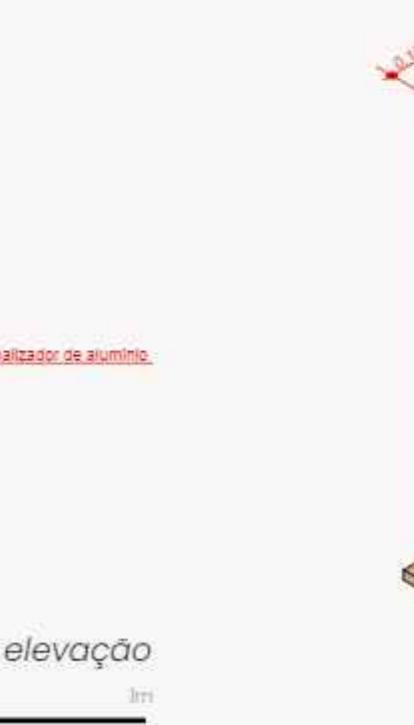
elevação lateral



elevação frontal

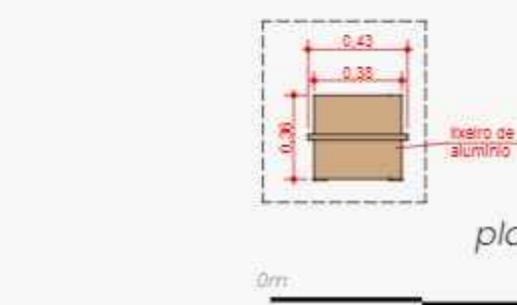
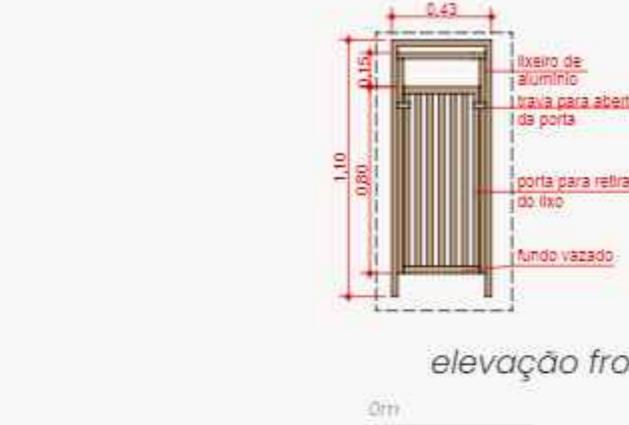
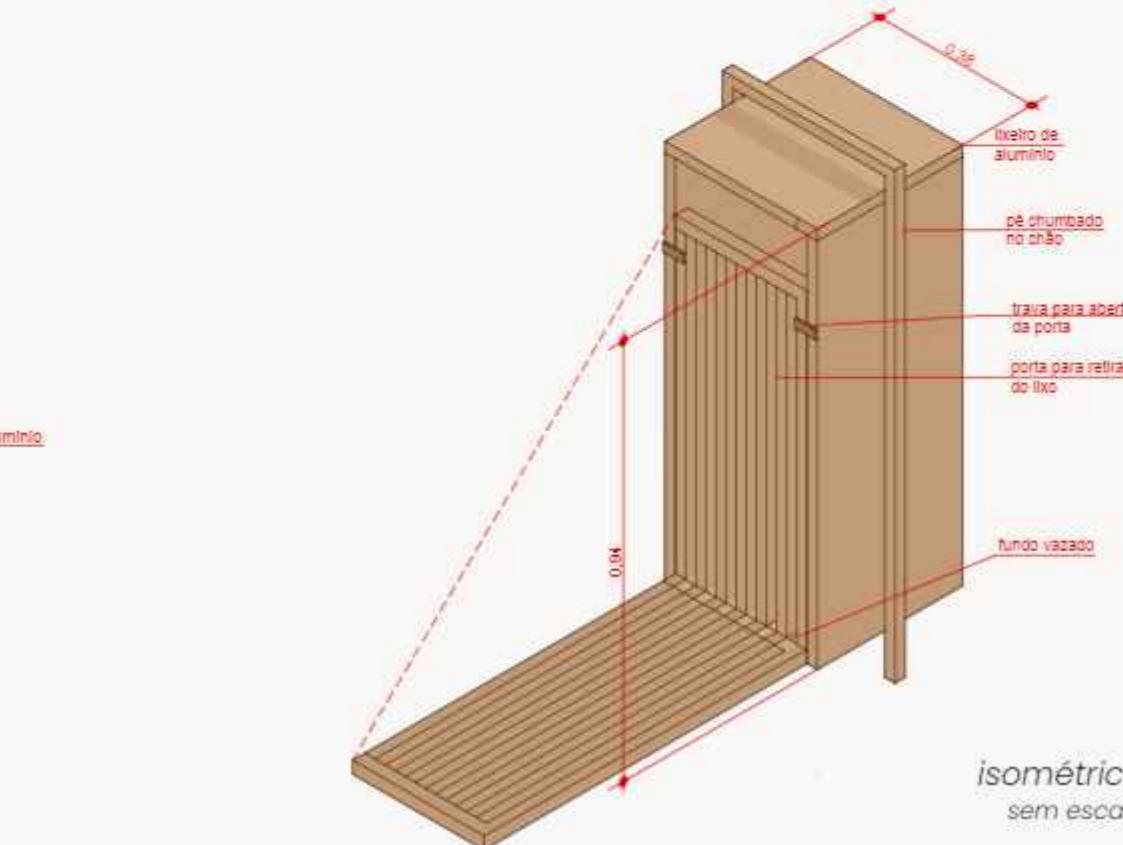
## 4 balizador

O balizador é formado por alumínio, com spots de led que iluminam de cima para baixo e foi pensado para o uso em locais onde o leito carroçado é nivelado com a calçada.



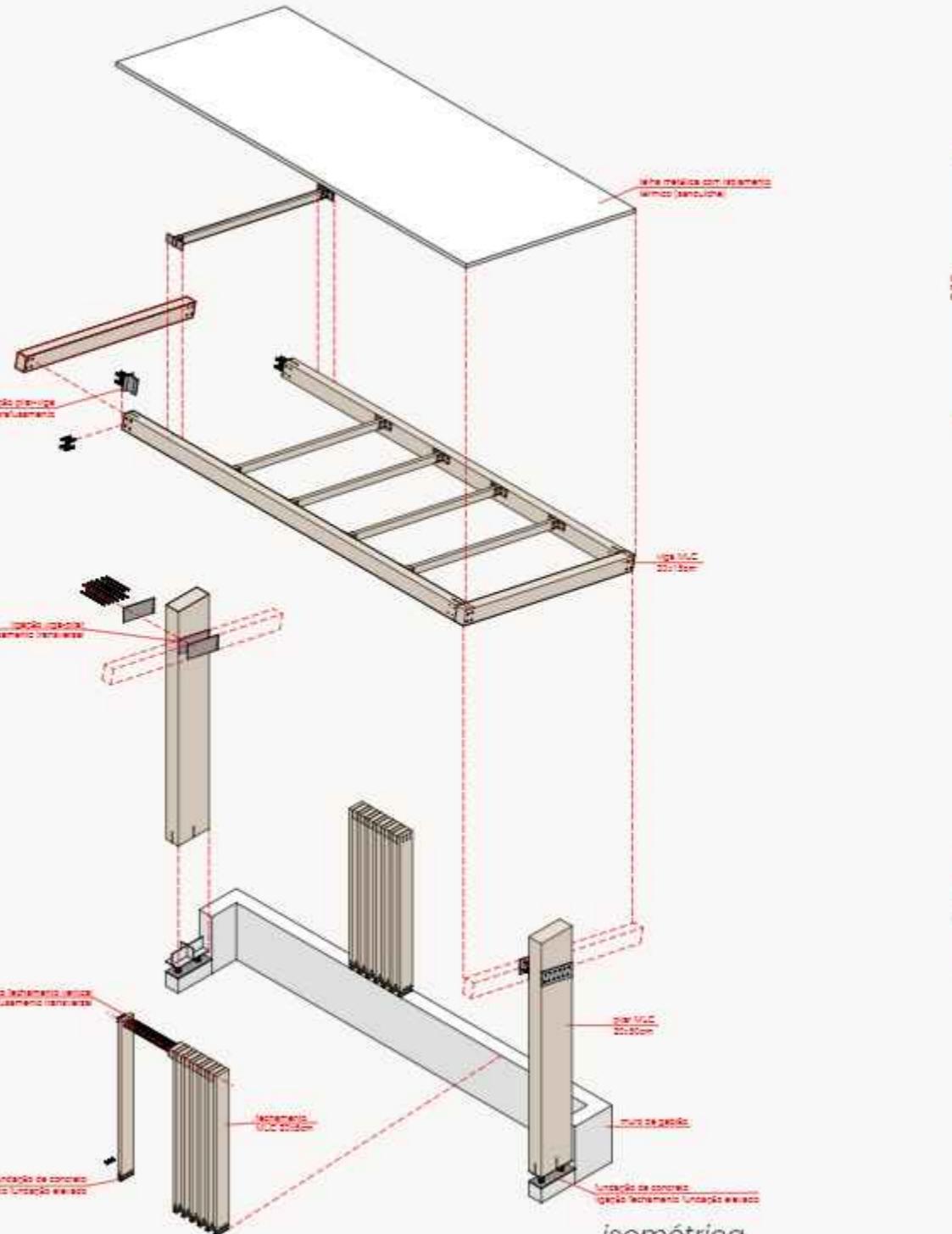
## 5 lixeira

A lixeira, também em alumínio, é vazada para evitar o acúmulo de água em seu interior. Além disso seu acesso é lateral, também para evitar a entrada de água. A sua parte frontal pode ser aberta, por meio de uma dobradiça, com a finalidade de facilitar a retirada de lixo.

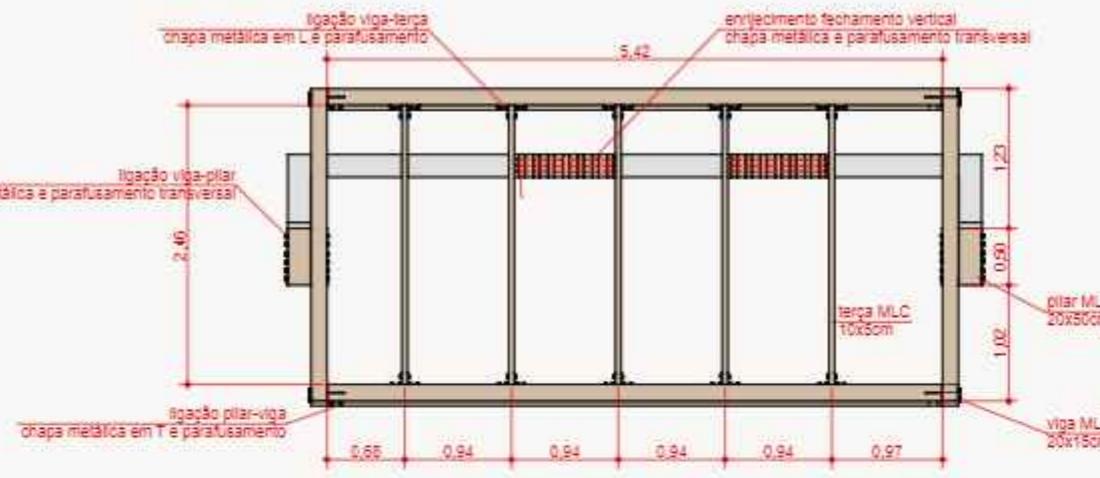


## 6 ponto de ônibus

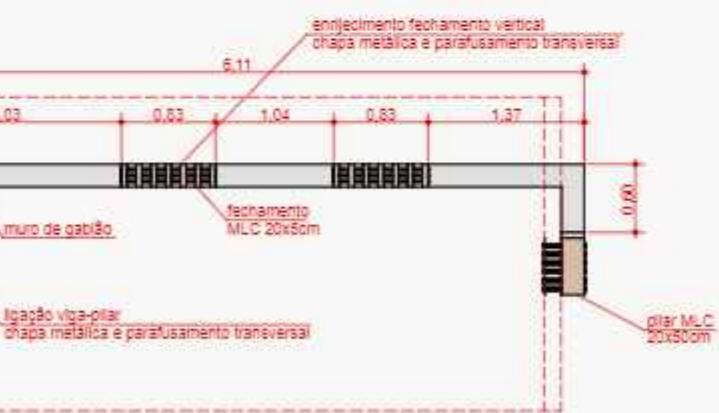
O ponto de ônibus, pensando na unidade da linguagem, utilizou-se dos mesmos materiais já apresentados ao longo do projeto: gabião e a madeira lamelada colada. Para isso, sua base é feita de gabião, os seus dois pilares, são chumbados a fundação, por uma conexão metálica que garante que a madeira esteja elevada do solo. Sua viga é fixada ao pilar por meio de um apoio, feito a partir de chapas metálicas e parafusos que traspasam viga e pilar. Ela é fixada inclinada, garantindo assim a queda do telhado (telha metálica com isolamento térmico). A viga lateral e a viga frontal, onde serão apoiados os caibros, são unidas por conexão metálica em T.



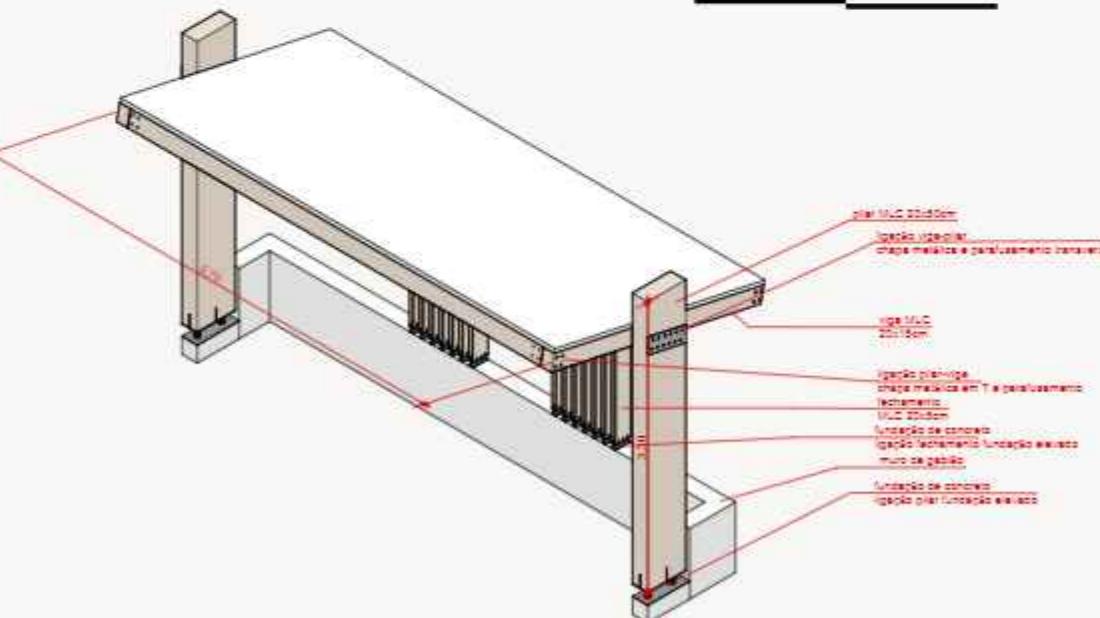
de cobertura



*planta de cobertura*  
0m



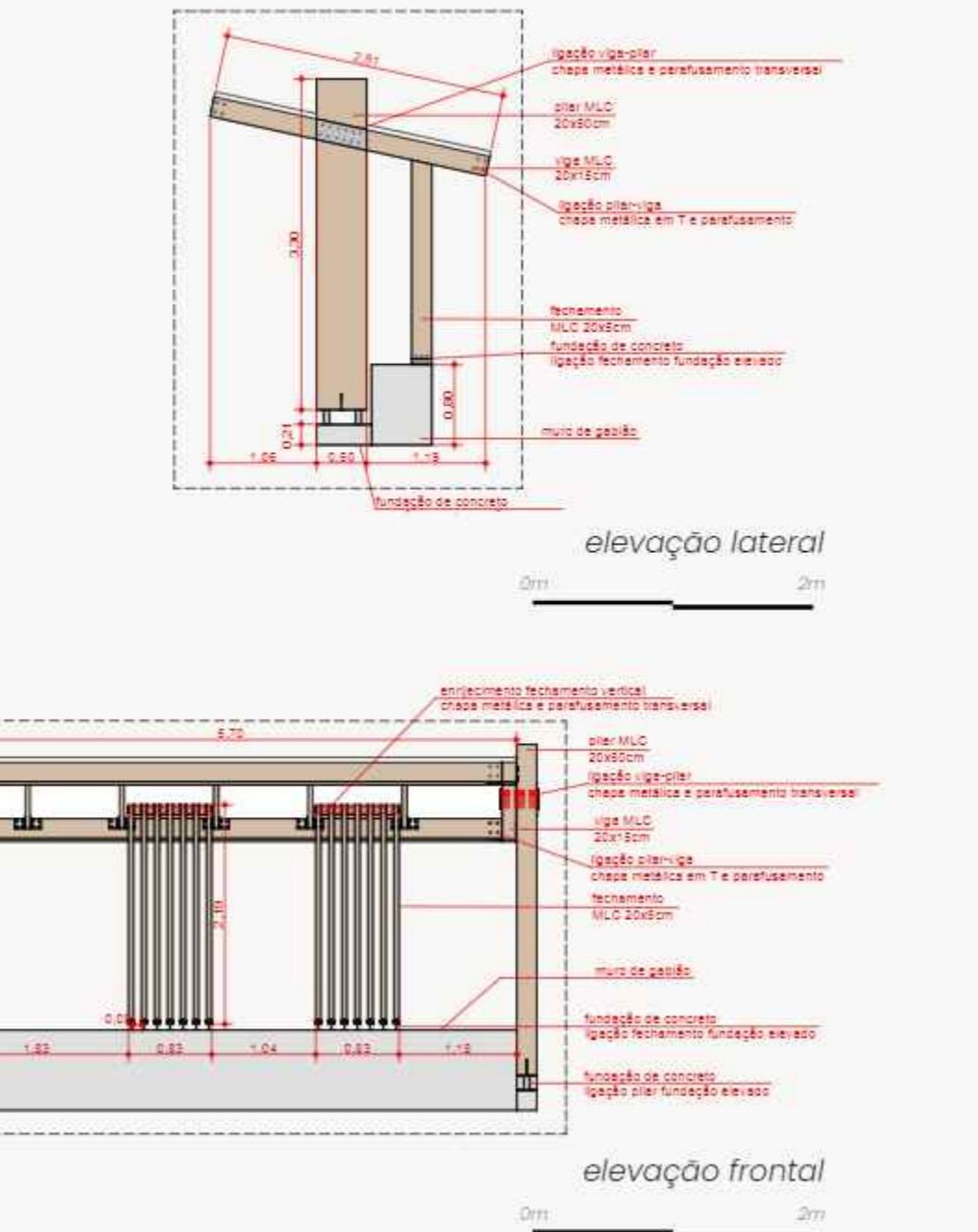
*planta baixa*



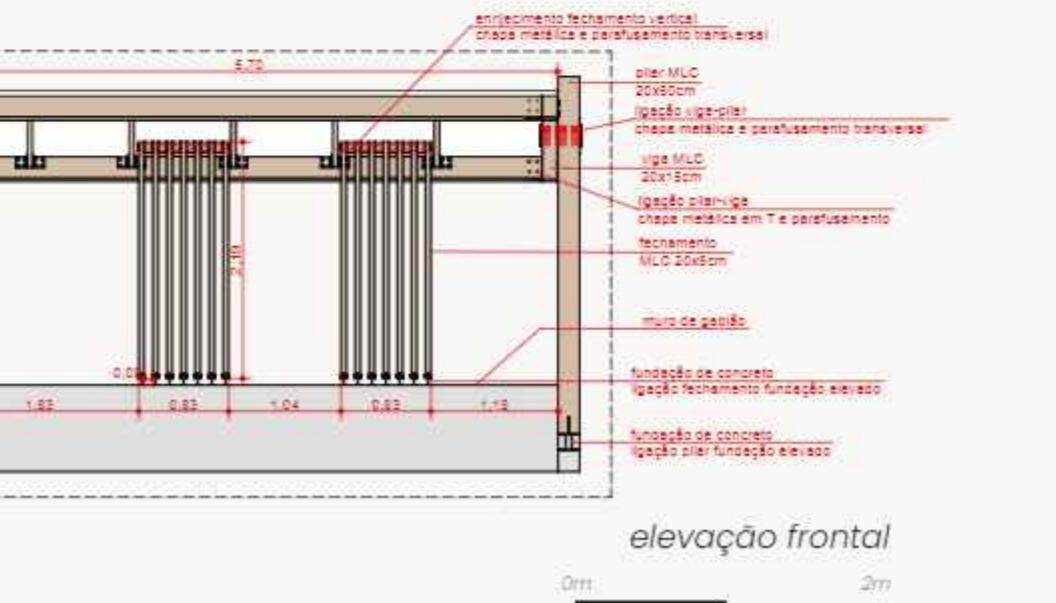
isométrica  
sem escala



fonte: autora, 2023



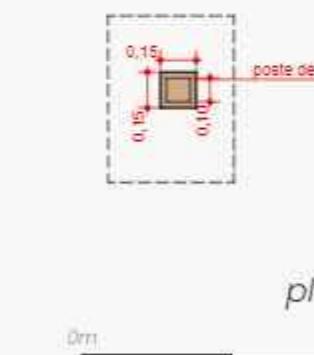
elevação lateral



elevação frontal

## 7 poste praças

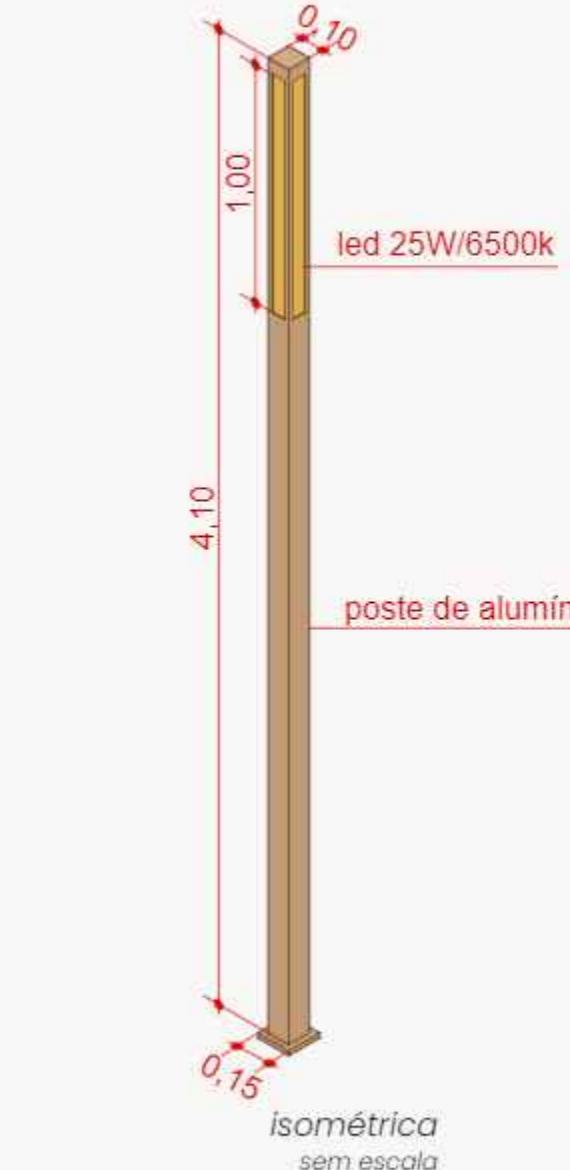
Esse poste é destinado a iluminação principalmente das praças, tendo em vista que a sua altura, 4,10m, é mais destinada aos pedestres.



planta



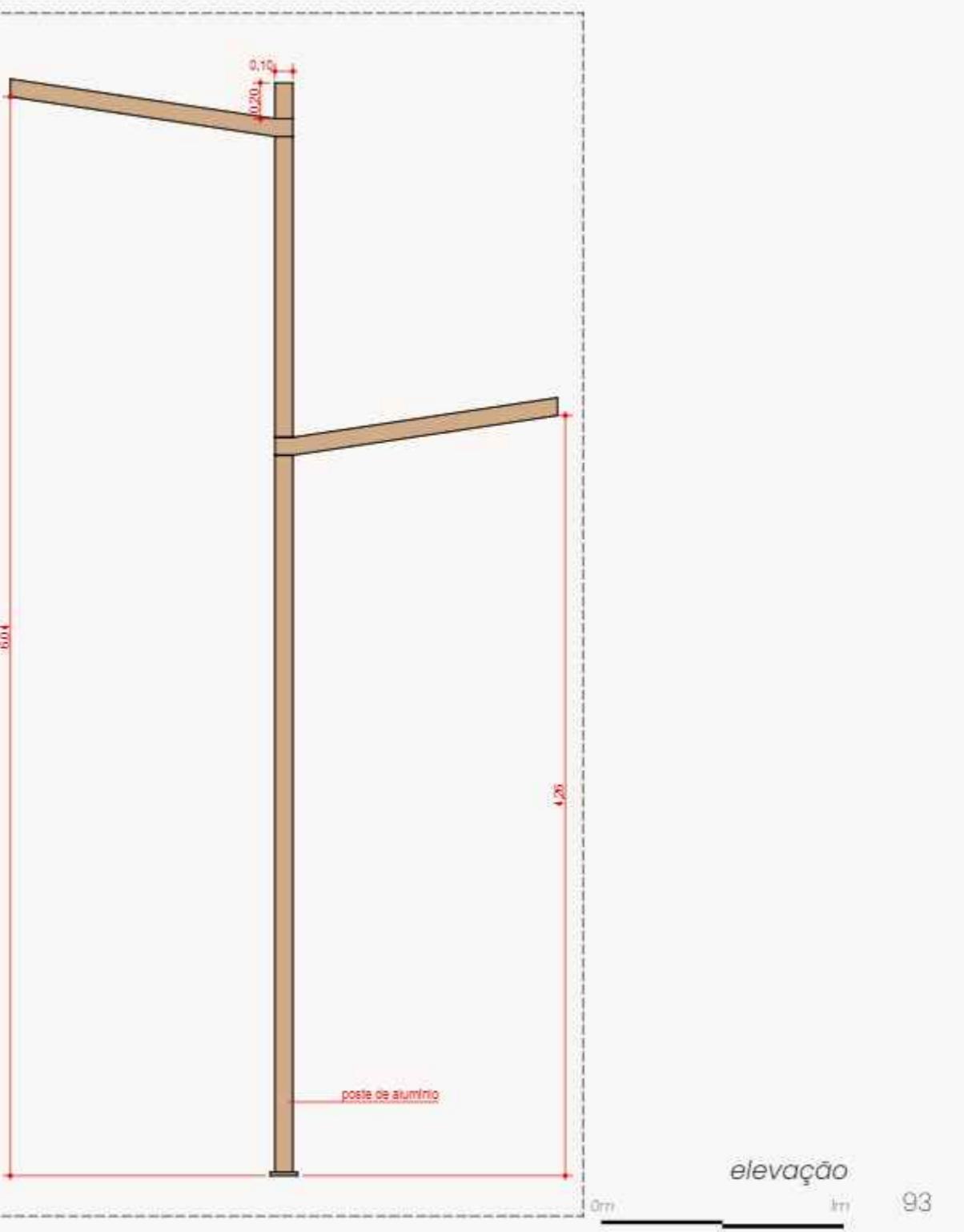
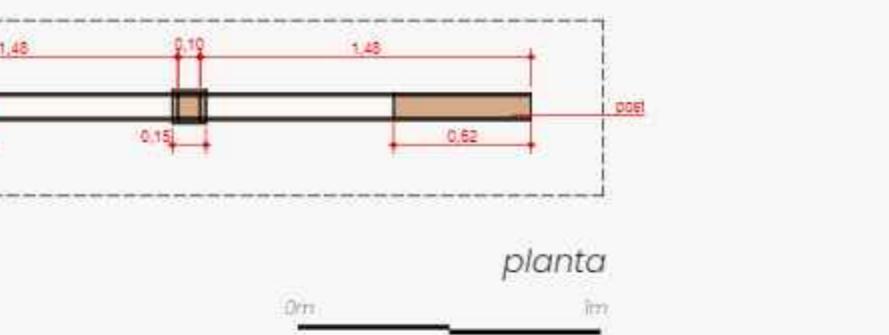
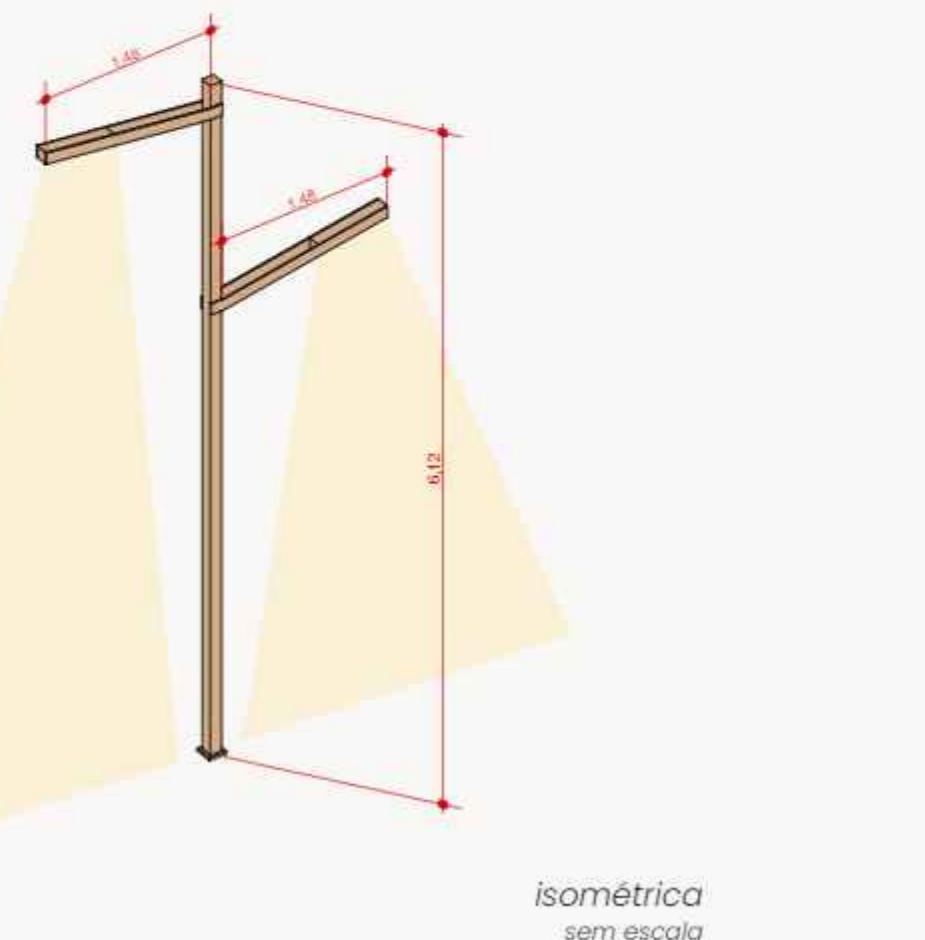
elevação



isométrica  
sem escala

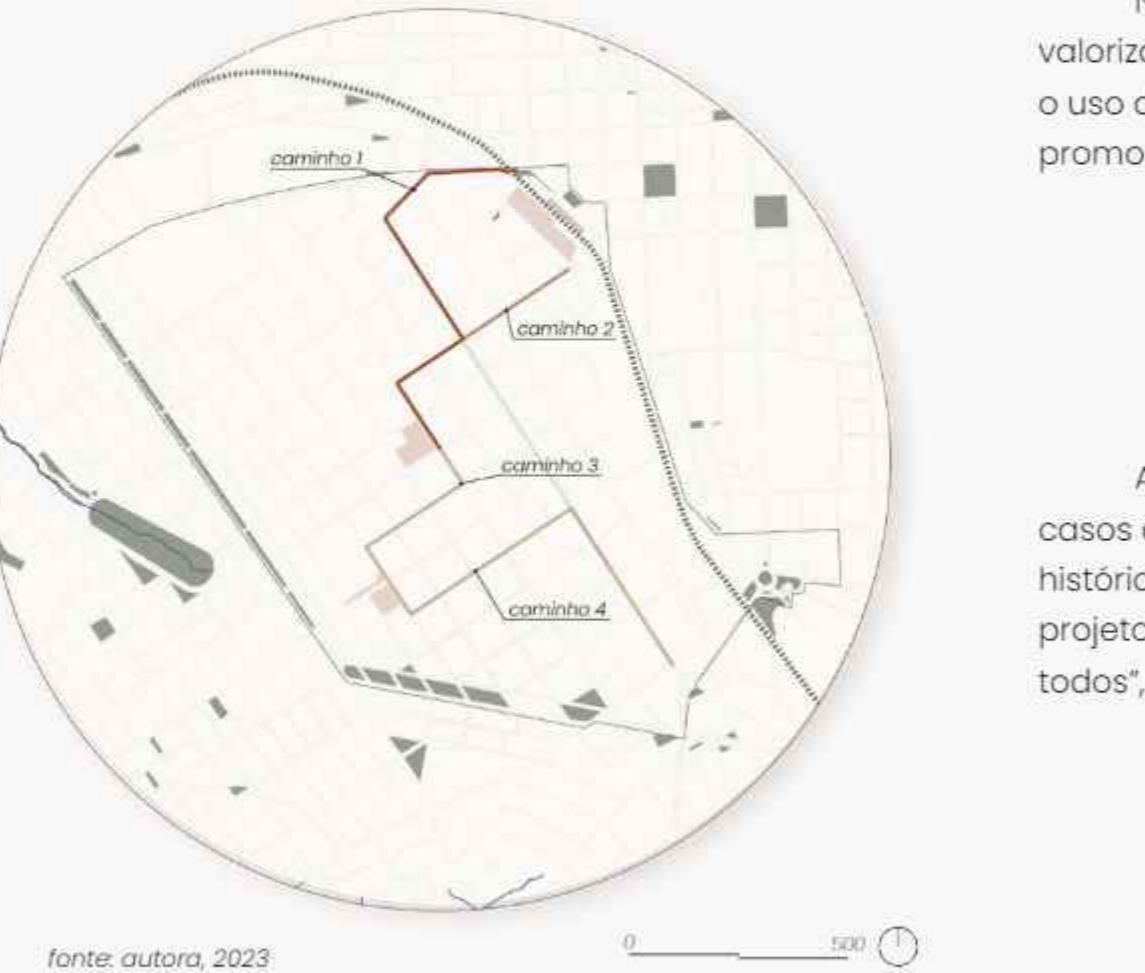
## 8 poste ruas

Já esse modelo de poste, é destinado às ruas que compõem o percurso, tendo em vista que possui iluminação em duas alturas diferentes, tanto para o leito carroçado, quanto para os pedestres.



# Escolhas Projetuais

## caminhos



Caracterizados como a centralidade do projeto, os caminhos foram os primeiros lugares pensados. Para suas diretrizes, foram levados em conta pontos trazidos na Carta de Washington e no texto Mobilidade e acessibilidade urbana em centros históricos, de Sandra Bernardes Ribeiro (2014).

Neles são explicitados a importância de se valorizar a peatonalidade nesses lugares, e diminuir o uso de automóveis e os estacionamentos, além de promover o uso de bicicletas.

"As zonas de estacionamento deverão ser dispostas de modo a não degradar o seu aspecto nem ambiente envolvente: as grandes redes viárias previstas no quadro do ordenamento do território não devem penetrar nas cidades históricas, mas apenas facilitar o tráfego na aproximação dessas cidades e permitir-lhes fácil acesso"

Ademais, Sandra Ribeiro também traz estudos de casos de melhoria da mobilidade em alguns centros históricos brasileiros, como em Pirenópolis-GO, no projeto "Paraisópolis sem barreiras, patrimônio para todos", e evidencia a sua importância.

"As intervenções que buscam promover a acessibilidade e melhor mobilidade têm impacto positivo nos espaços urbanos e podem e devem resultar também na qualificação desses espaços, na medida em que agregam elementos que valorizam a melhor circulação de pessoas, o uso de equipamentos urbanos e propiciam maior contato e fruição do patrimônio afetivo, histórico e cultural, além de democratizar os espaços públicos." (Ribeiro, 2014)

No projeto, não foram realizadas mudanças nos fluxos viários já existentes da cidade e nem a restrição de ônibus ou veículos no bairro, mas buscou-se filtrar algumas questões trazidas nos textos acima e adaptá-las à realidade contemporânea de hoje, levando em conta as dinâmicas territoriais ali presentes.

Além disso, como já mencionado acima, nos caminhos buscou uma maior arborização, feito por árvores frutíferas, tendo em vista que, se a calçada funciona como uma extensão das casas, o trabalho pretende trazer os pomares presentes em seus quintais para a rua. Para as escolhas das espécies frutíferas, foram definidas espécies mencionadas pelos moradores e de forma que garantisse a colheita de frutas o ano todo, como pode ser observado no disco compositivo das espécies.

## disco compositivo de frutificação

### goiabeira

*Psidium guajava* L.

### amoreira

*Morus nigra*

### pé de uvaia

*Eugenia pyriformis*

### jabuticabeira

*Plinia cauliiflora*

### pé de ameixa amarela

*Eriobotrya japonica*

### acerola

*Malpighia emarginata*

### pé de limão-cravo

*Citrus × limonia*

### pé de limão-taiti

*Citrus taitensis*

### pé de pitanga

*Eugenia uniflora* L.

### pé de laranja lima

*Citrus aurantiifolia*

### pé de laranja pera

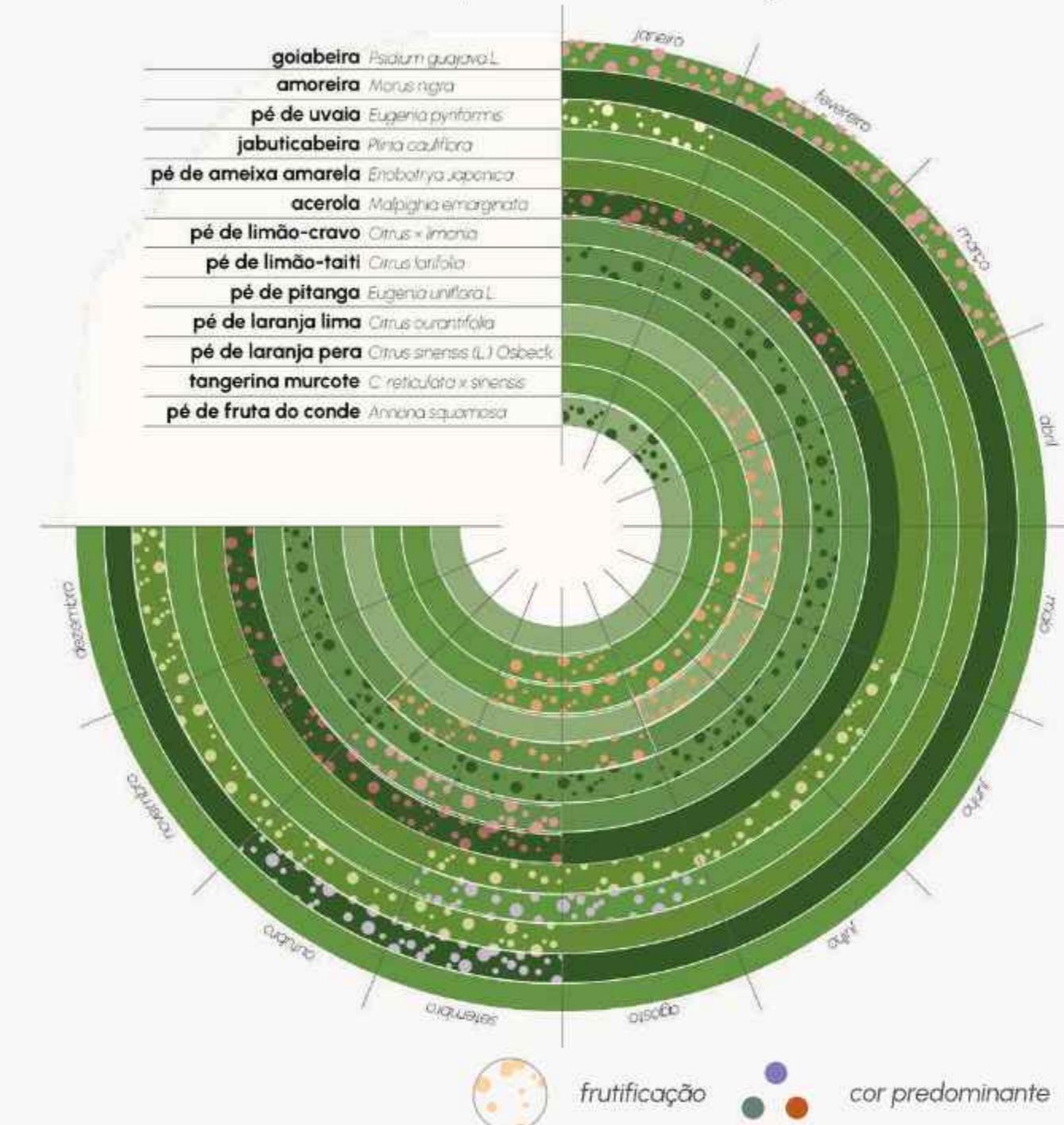
*Citrus sinensis* (L.) Osbeck

### tangerina murcote

*C. reticulata* x *C. sinensis*

### pé de fruta do conde

*Annona squamosa*



## Aspectos observados:

Durante as visitas in loco, pode-se observar como a organização das vias do bairro acabam privilegiando os veículos. Em um bairro, onde pode-se observar a importância do andar na rua e do estar na rua, como uma extensão da casa, o pedestre acabou se tornando coadjuvante.

Em geral, as calçadas medem 2,50 metros, podendo em alguns trechos chegar a 3,00m. Nelas, não há uma limitação clara de faixa de serviços e da faixa de livre passagem, o que acaba ocasionando na obstrução da passagem por árvores e lixeiras. Também é importante observar que todas as vias apresentam vagas para estacionamento em ambos os lados do leito carroçado, espaço esse que poderia

estar sendo utilizado pelos pedestres, melhorando a personalidade do percurso, tornando-o peça central do desenho urbano.

Com relação aos mobiliários de apoio, eles são mais comuns de serem observados nas praças do bairro. Apenas a Rua Larga que apresenta bancos e lixeiras instalados. Em todo o caso, em ambos os casos, eles apresentam um design genérico, sem uma ligação com o desenho ou aspectos do bairro. Nas demais vias, é comum observarmos um mobiliário de apoio feito pelos próprios moradores e instalados na calçada, tratando-a como a extensão de sua residência.

A iluminação nas vias está na escala do automóvel, iluminando o leito carroçável, e não a calçada. O único local que podemos observar uma iluminação na escala do pedestre é na Rua Larga, localizada no canteiro central.

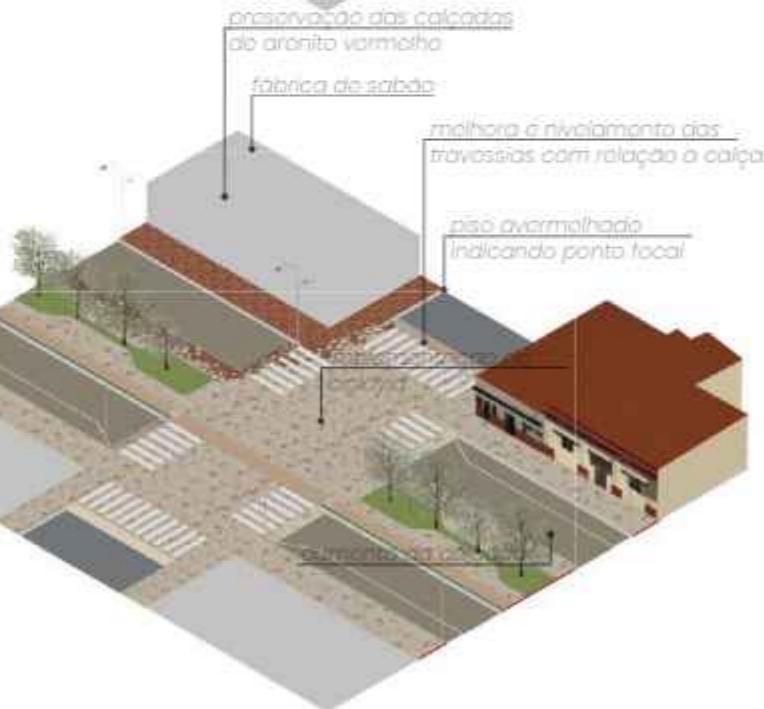
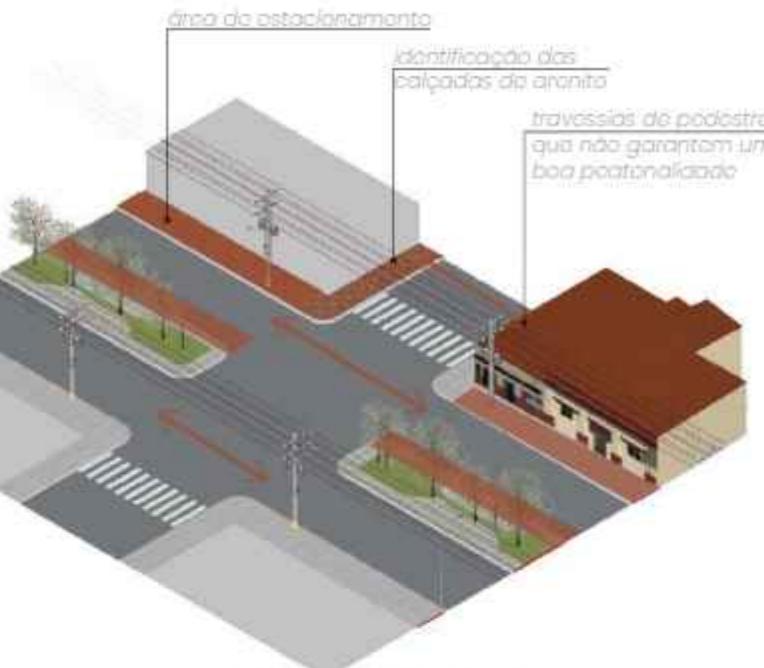
Dessa forma, as diretrizes para os fluxos foram as seguintes.



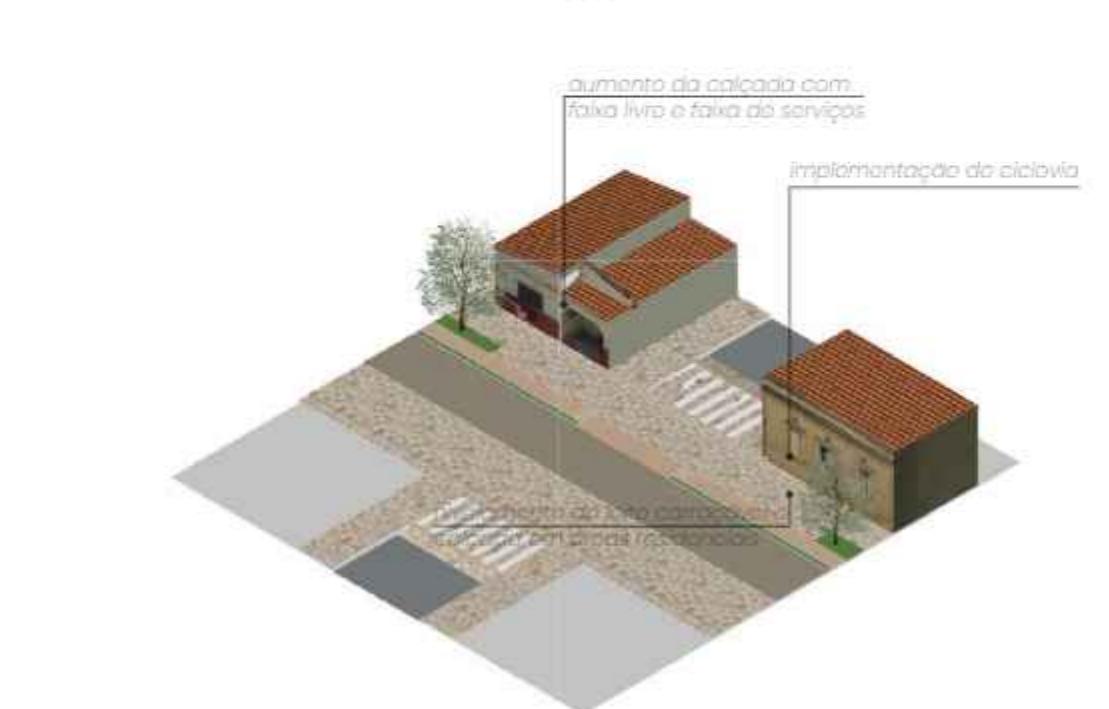
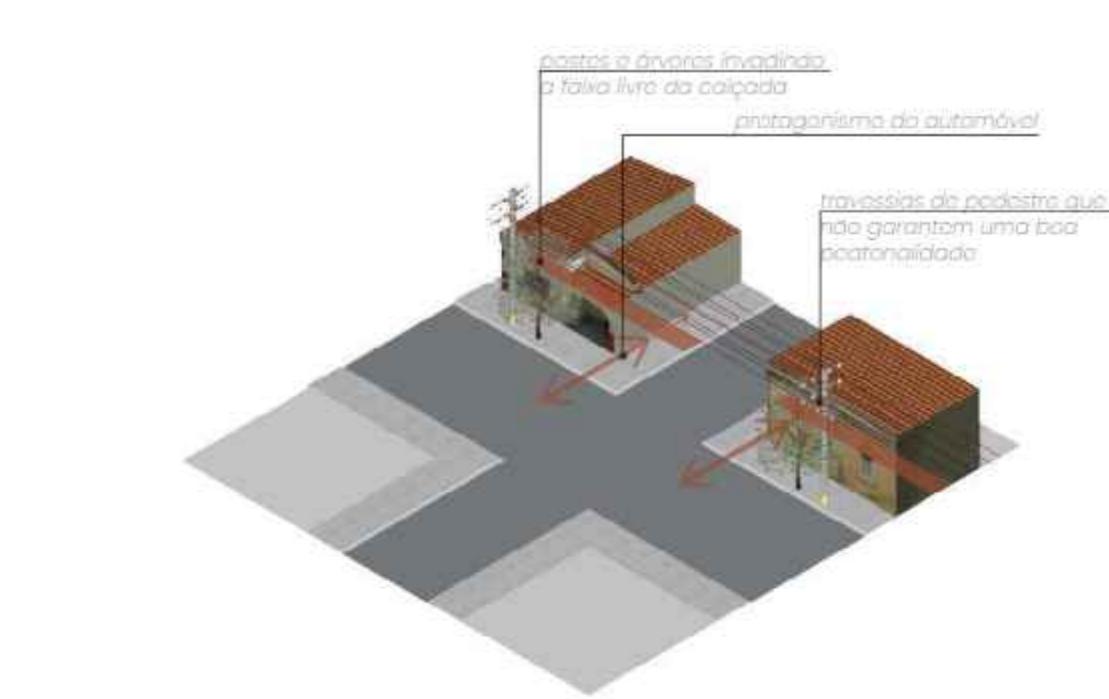
## ***diretrizes:***

- diminuição das vagas de estacionamento, para aumento da calçada, propiciando maior espaço para ancoragem das vivências ali presentes e da faixa de serviço (postes, mobiliário, lixeira, árvores).
- Implementação de ciclovia via no percurso
- Nivelamento de calçada e leito carroçado nas vias de fluxo baixo, onde há uma maior concentração residencial. Essa mudança é possível nesses lugares uma vez que, foi observado durante o levantamento das vivências, a ocupação leito carroçável por pedestres.

- Promover a unidade por meio da materialidade explicada anteriormente.
- as calçadas de lajotas de arenito, que serviram de inspiração para a questão dos materiais, serão levantadas, mantidas e restauradas.
- Vale também ressaltar que, em nenhum outro desenho de via, foi aplicado o canteiro central, por ser algo muito característico da Rua Larga.



*diagrama tipo antes*



*diagrama tipo depois*



fonte: autora, 2023



fonte: autora, 2023

antes x depois  
miguel de exemplo  
da Rua Larga

# ***Escolhas Projetuais***

## ***praças***

Já nas praças do trabalho, buscou-se sua idealização a partir dos fluxos, como extensão dos mesmo, com a finalidade de manter uma unidade projetual. Além disso, as materialidades pensadas para o percurso, se mantiveram nesses espaços.

Os projetos em questão mantêm algumas decisões projetuais em comum. Nelas buscou-se, por meio do piso de arenito vermelho, reacender características caras e particulares a cada uma, sejam elas relacionadas às vivências, presentes na cultura do bairro, pré-existências, que um dia fizeram parte daquele espaço, ou do patrimônio presentes nelas.

Além disso, todas elas apresentam eixos traçados e demarcados no piso, feitos a partir de proporções retiradas de suas pré-existências. Vale também ressaltar que, por conta desses espaços abrigarem patrimônios culturais importantes para a história e para a identidade do bairro, sejam eles relacionados às vivências e festas locais, ou ao patrimônio material, as cartas patrimoniais, principalmente a de Veneza, de 1964, e a recomendação de Paris, de 1989, acerca da salvaguarda da cultura tradicional e popular, foram utilizadas como referências.

Dessa forma, algumas diretrizes gerais foram estabelecidas como:

spaço para que a cultura popular e  
l do bairro possa se ancorar, assegurando  
tinuidade;  
as escalações do patrimônio material  
nos espaços, fazendo com que a  
construída conviva em harmonia com  
lso histórico;  
r o velho do novo.



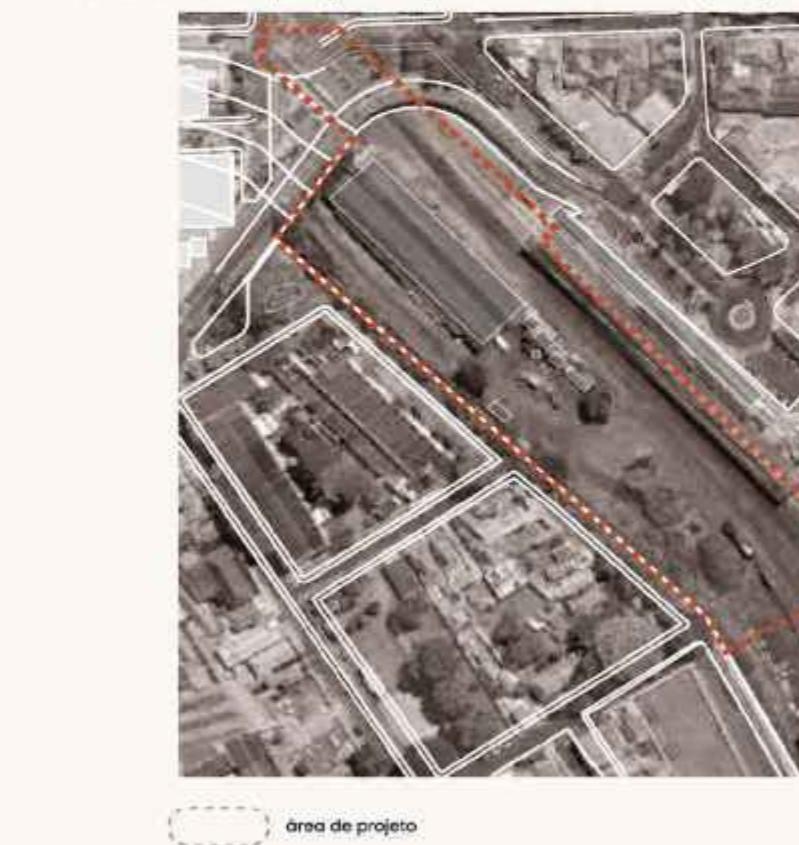
## *Terreno na estação*

Nesta praça é onde o percurso se inicia, atualmente é utilizado pela rumo. Nele, as potencialidades reservadas são as visuais, tanto para a gare da estação quanto para o centro da cidade, geradas a partir do pátio de arrimo localizado no limite do terreno. Elas são potencializadas pelo projeto, utilizando o piso de areia melho para demarca-lás. Os eixos de proporção só



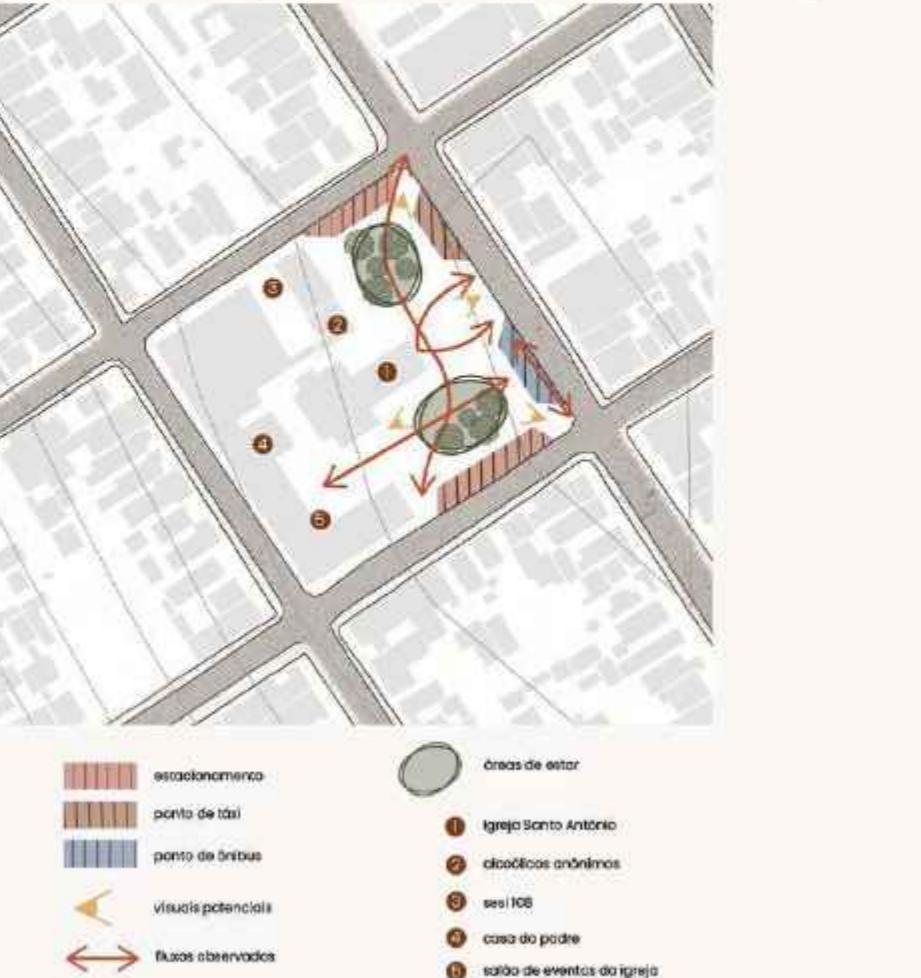
traçados a partir do desenho de antigos trilhos que existiam no espaço.

Nele também há os galpões da estação, o prédio da estação e algumas construções antigas que serão mantidas, delimitadas pelo piso de arenito vermelho e potencializadas pelo projeto, garantindo a harmonia da sua relação com a paisagem. Além disso, a prática de observar o trem passar, é algo que será a base para o desenho do projeto e para as decisões projetuais.



*praça da igreja santo  
antonio*

Já na praça da Santo Antônio sua principal característica é a concentração de diversas atividades que nela ocorrem, tanto cotidianamente, como os jogos de carteado feitos pelos moradores do bairro, quanto as festas realizadas pela igreja (piso de arenito vermelho). Os eixos de proporção são traçados a partir do desenho dos antigos



a igreja.

rojeto pretende abraçar todas essas  
s, realizar um melhoramento no  
eja, que hoje, por conta do desnível do  
confinado e não aberto a praça, além  
ugem de um espaço mais brincante,  
atrair as crianças, principalmente por  
e com a creche do parquinho e com o

## *a presidente castelo co*

a Praça Presidente Castelo Branco, pautou-se  
mente por um espaço de uso livre, por conta  
ade dos jogos, e da possibilidade de ser utilizada  
, instituição que oferece cursos e práticas  
s para a população, podendo ser utilizada co  
de ativação pelo poder público, com eventos



Além disso, seu caráter livre também busca garantir que novos usos e apropriações, que venham a surgir no bairro, tenham espaço para se ancorar.

Já a pré-existência aqui reacendida retoma o antigo campo de terra batida, predecessor ao estádio, e a fazenda de mangas, anterior ao loteamento do bairro. Tendo isso em vista, os eixos de proporção foram traçados a partir das medidas da copa de uma mangueira.

# implantação geral



## ***Camadas Projetuais***

Como já mencionado acima, nas diretrizes gerais e nas escolhas projetuais do trabalho, os mapas ao lado revelam algumas camadas do projeto presentes no percurso, como as calçadas de arenito em laje, levantadas e que serão mantidas na paginação do piso. Além disso, os pontos focais do projeto, compostos por pontos importantes, históricos e visuais do bairro, foram levantados e a paginação correspondente a essa camada está localizada no mapa, bem como a paginação de piso correspondente a cada trecho, remetendo a temporalidade do percurso em questão.

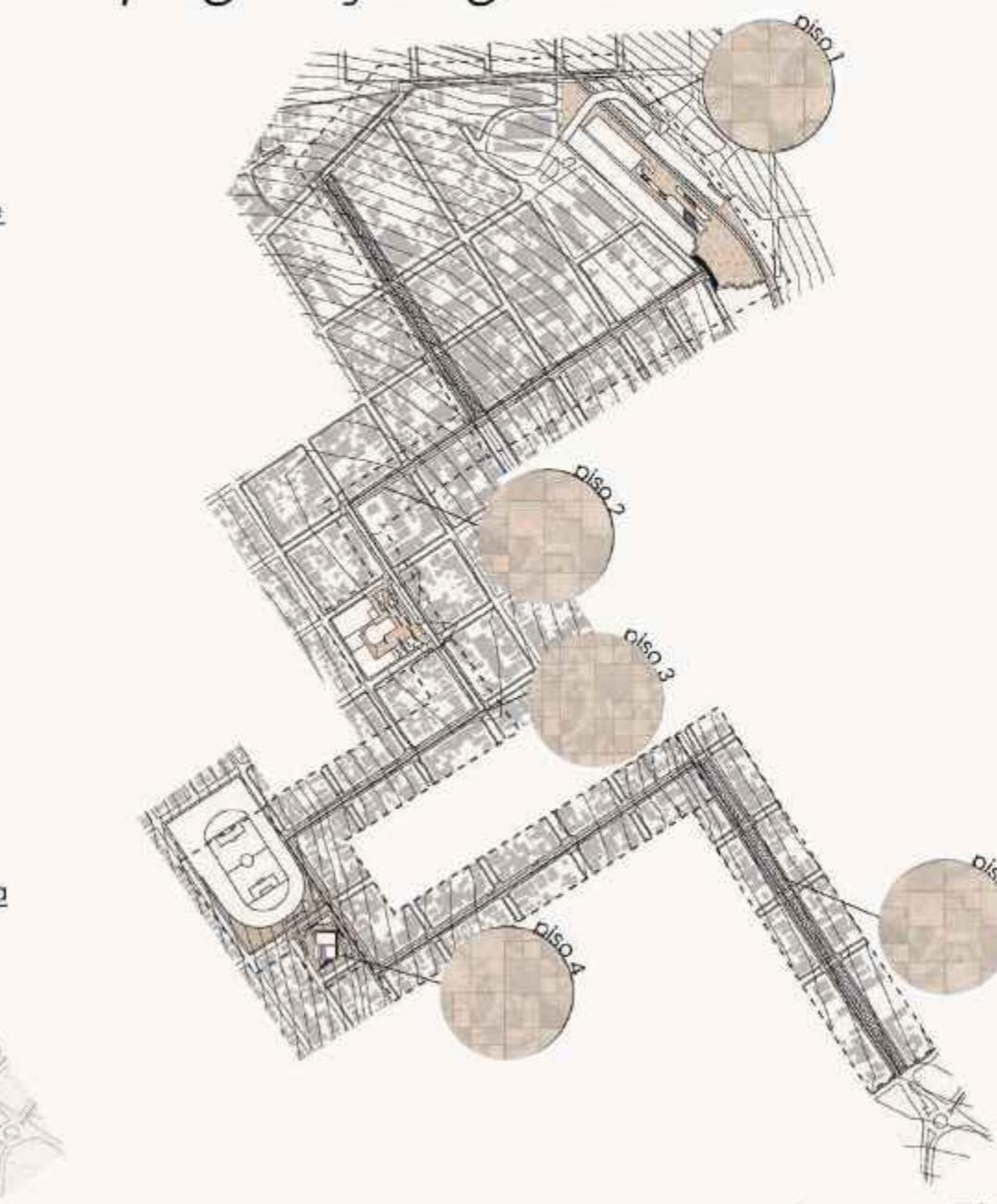
cadas em arenito  
entidas



### *pontos focais*



paginação



## Trecho 1

O trecho 1 comprehende a parte inicial do percurso e possui as construções mais antigas do bairro e as mais características, como as indústrias e a estação ferroviária, motivadoras da fundação do bairro, além da igreja Santo Antonio. Portanto, o piso para esse trecho comprehende as paginações mais antigas, e os pontos que foram escolhidos destacar, por meio do piso focal, foram justamente as indústrias e a igreja.



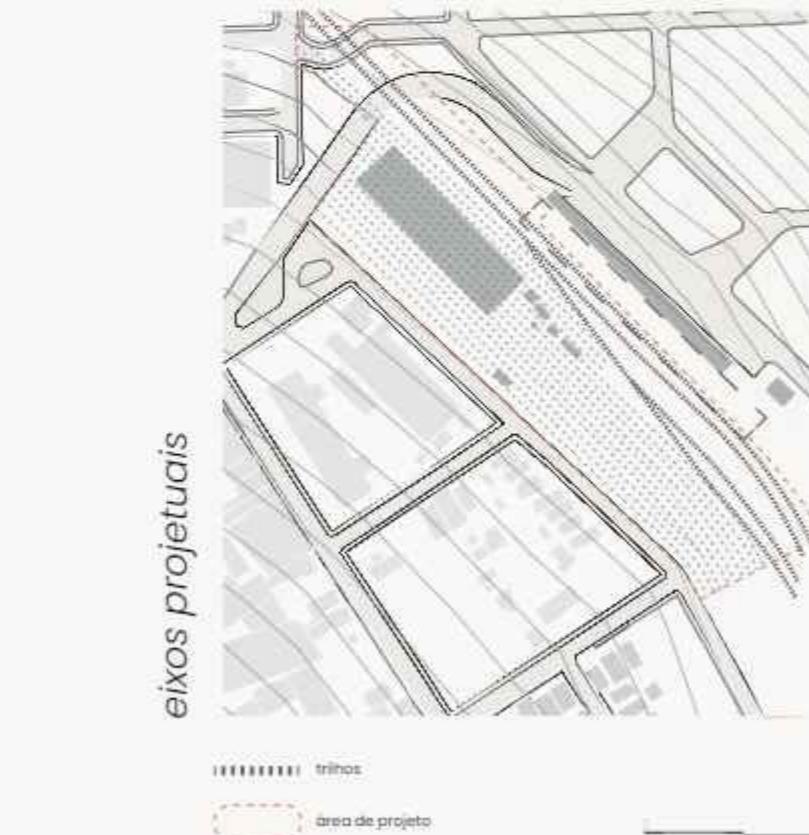
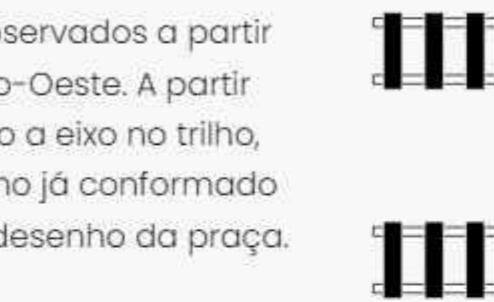
levantamento dos trilhos



Fonte: mapa produzido pela autora, informações disponíveis em <http://vtco.brazilia.org.br/>

## 1 Praça da Estação

Na praça da estação, o elemento de partida que norteou as decisões do projeto foram os trilhos, tanto os mantidos quanto os retirados, observados a partir de uma planta encontrada no acervo online, Viação Férrea Centro-Oeste. A partir desse levantamento pode ser estipulado o distanciamento de eixo a eixo no trilho, correspondente a 4,00 metros. A partir dessa medida, e do desenho já conformado pelos trilhos mantidos, foram traçados os eixos que nortearam o desenho da praça.



## 1.1 programa

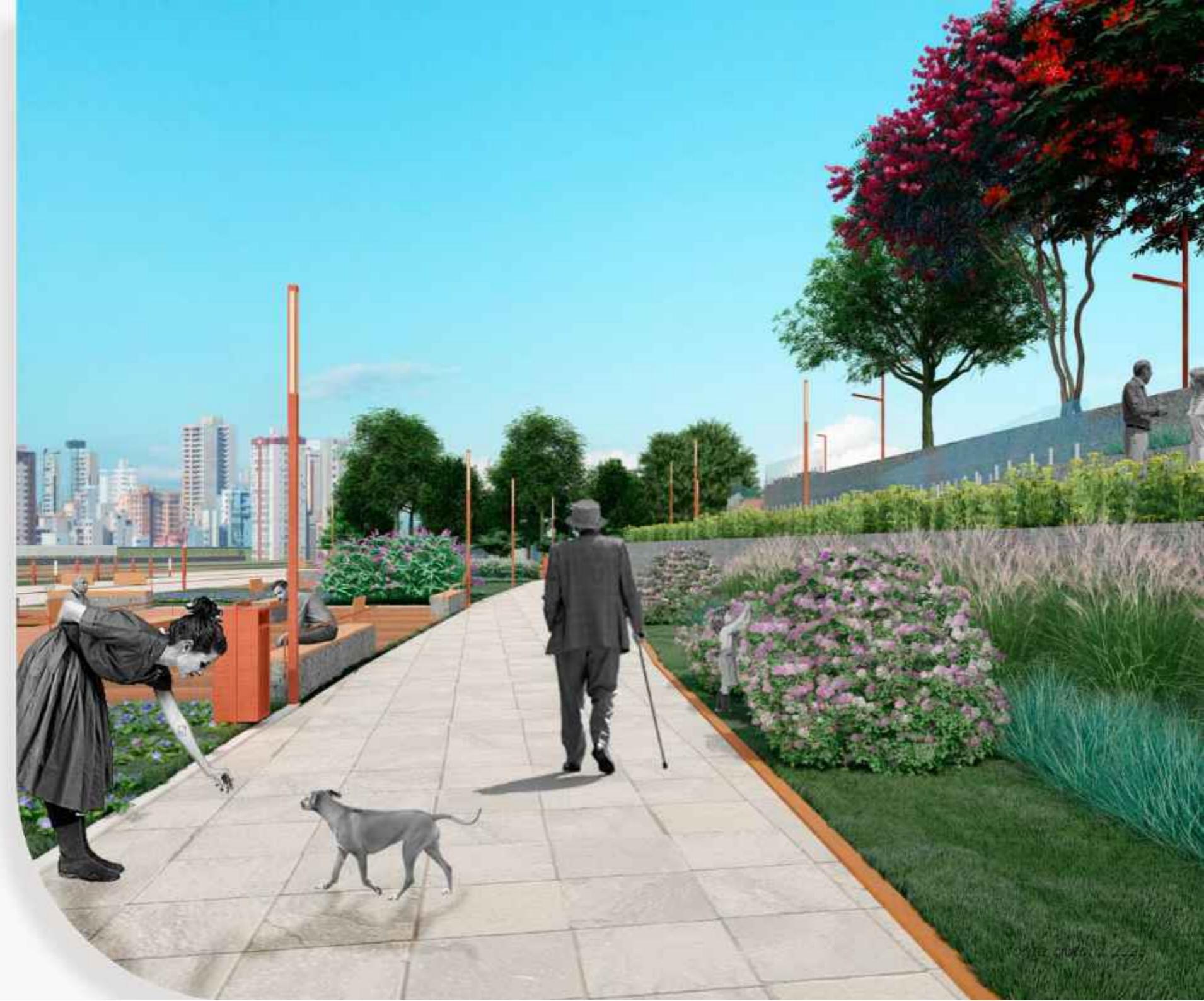
A partir disso, foram traçados os eixos principais do projeto, como explicitado no mapa de programas. O eixo 1 e 2 refere-se, respectivamente, aos eixos que conectam a praça à gare da estação e ao jardim da estação, esses eixos são de suma importância pois, são eles que transpõem a linha férrea. Além disso, eles são traçados a partir das vias existentes e que chegam até a praça, com destaque ao eixo 2, que é onde parte o caminho 2, presente no percurso proposto pelo projeto, na Rua Antônio de Almeida Leite.

Já o eixo 3 traz como elemento central a visual, traçado a partir da fachada do galpão, ele o enquadra como um ponto focal para observador, e estrutura os caminhos e canteiros propostos.

Com relação ao eixo 4, sua proposta é a conexão entre a praça projetada e o caminho 1, que parte a partir desse trecho da rua General Osório.

Nessa praça, as visuais, o olhar e o observar tornaram-se centrais para o estabelecimento do programa. Na extremidade sudoeste da área de projeto, por conta do muro de arrimo já presente, foi delimitado um aparato que se comporta tanto como arquibancada, garantindo as visuais potenciais que o terreno proporciona, além do olhar o trem passar, quanto como elemento de acesso, com rampas que garantem a acessibilidade do pedestre.

Já no espaço entre os eixos 1 e 2, foi estabelecido áreas de estar e contemplação da visual do terreno. Mais próximo aos galpões existentes, por conta da morfologia já existente, foi estabelecido estar mais calmo.

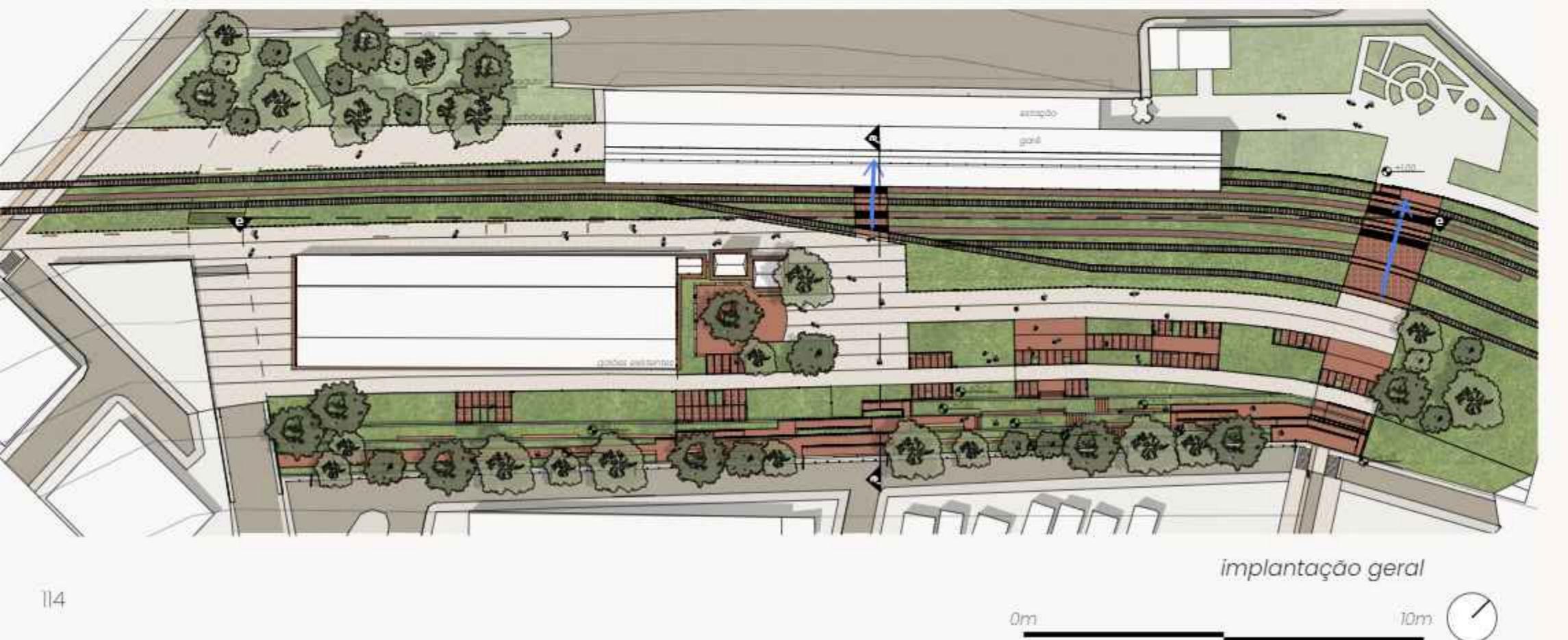


## 1.2 o projeto

A partir disso, foi estabelecido os canteiros e caminhos do projeto, considerando os eixos principais já mencionados e os eixos do traçado do trilho. Com relação à materialidade, o piso determinado para a praça compreende ao piso 1, referente às áreas mais antigas do percurso. Já o piso de arenito vermelho, demarca os estares que propiciam a

legenda

- rua
- ciclofaixa
- piso 1
- grama
- chapa metálica perfurada
- arenito vermelho
- madeira (mobilários)
- brita \_ demarcação de trilhos antigos
- trilho existente
- acessos de conexão entre a praça e a garê da estação



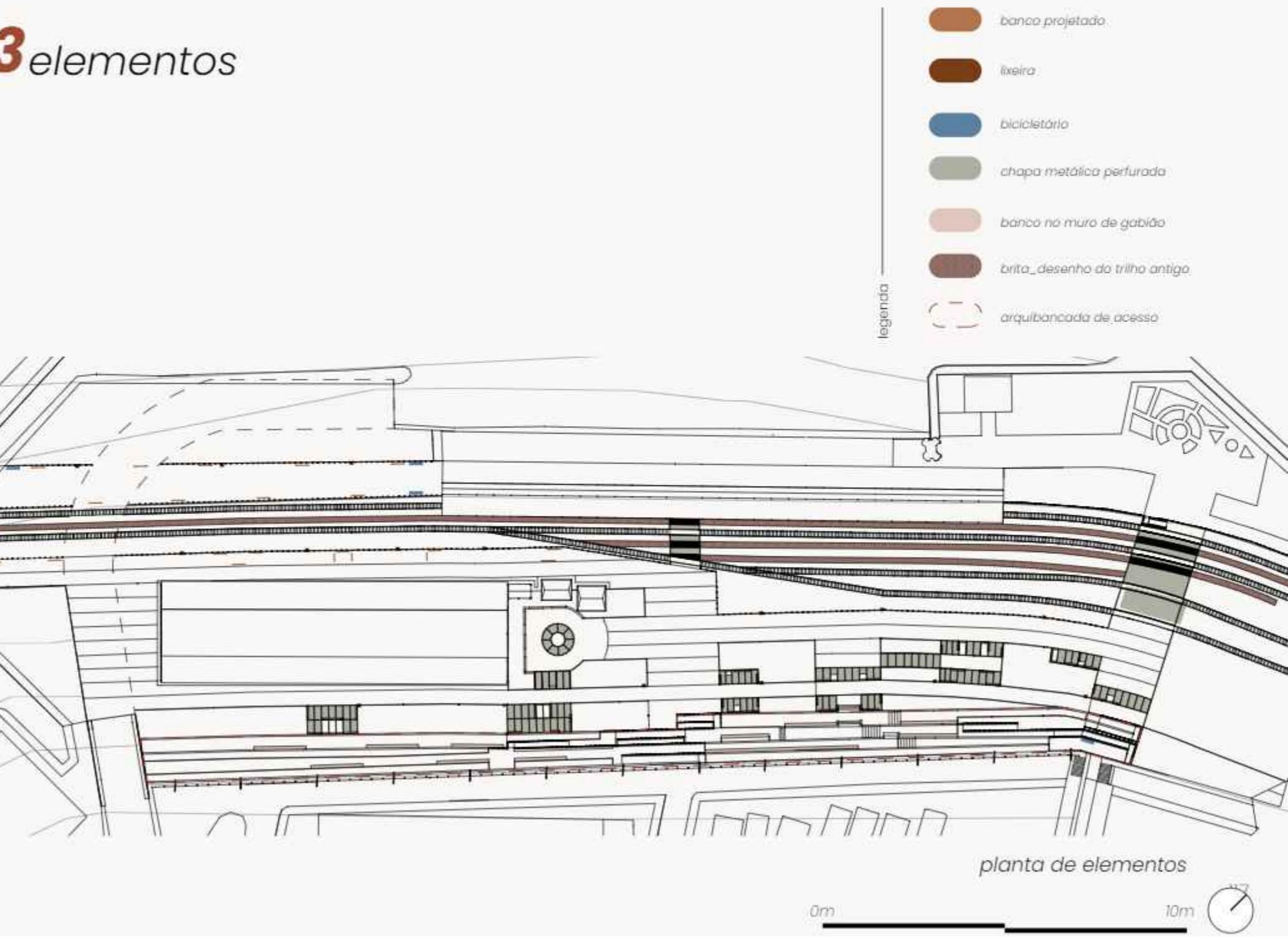
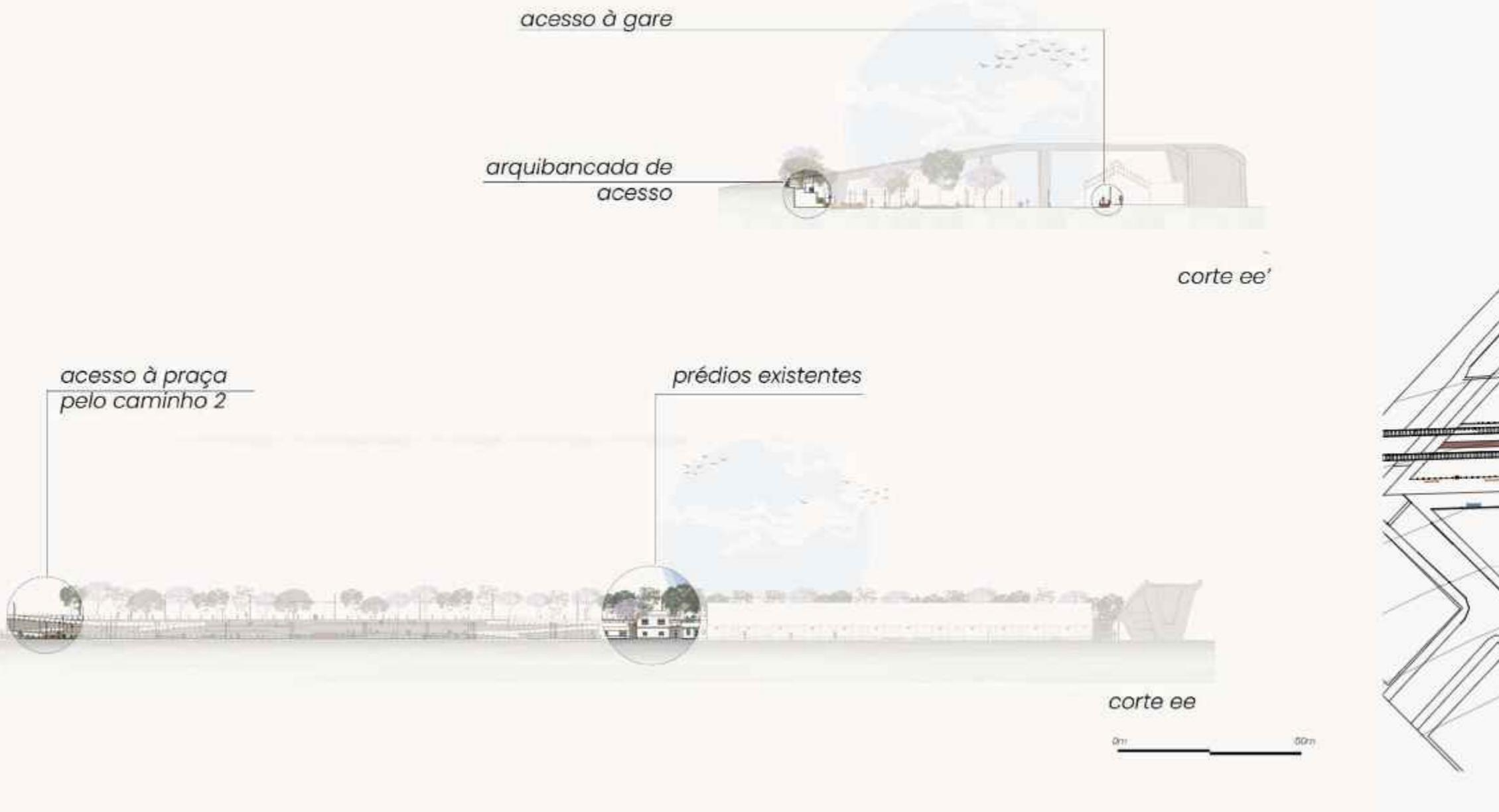
observação da passagem do trem. Além disso, ele também é utilizado como uma área delimitadora do galpão e das outras construções existentes, informando ao observador as pré-existências do local.

Também foi escolhido como materialidade chapas metálicas perfuradas, presentes nos bolsões de estar, a fim de garantir uma maior permeabilidade ao local.

No desenho dos antigos trilhos que foram retirados, a pedra, utilizada de diversas formas no projeto, é usada como brita, a fim de representar um elemento e um desenho que um dia esteve ali, mas que foi retirado.



## 1.3 elementos



Na praça foram alocados os mobiliários projetados para todo o percurso, mas também foram projetados novos elementos, de acordo com a necessidade do desenho e do programa em questão. Esses elementos são as chapas metálicas e a arquibancada de acesso ao projeto, que serão explicitados de uma melhor forma mais adiante. Os bancos foram alocados voltados para o trilho e para a gare, garantindo esse visual e contemplação, e a



*fonte: autora, 2023*

partir deles, outros bancos foram colocados de forma paralela ou na perpendicular, garantindo triangulação de conversas. As lixeiras estão alocadas segundo um raio de 20 metros, e os bicicletários estão próximos aos acessos da praça pelos caminhos do percurso (Rua General Osório e Rua Antônio de Almeida Leite).

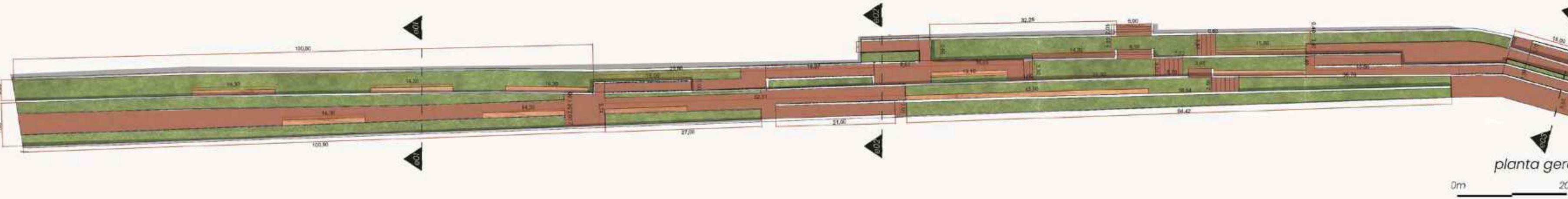
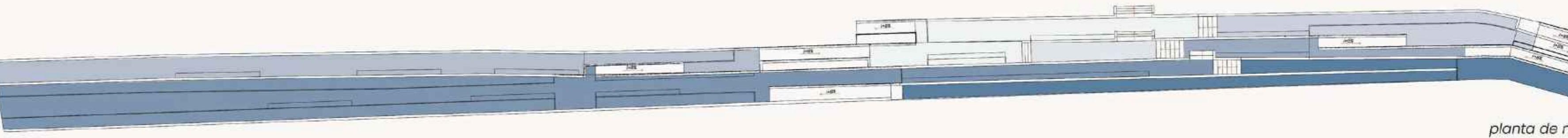
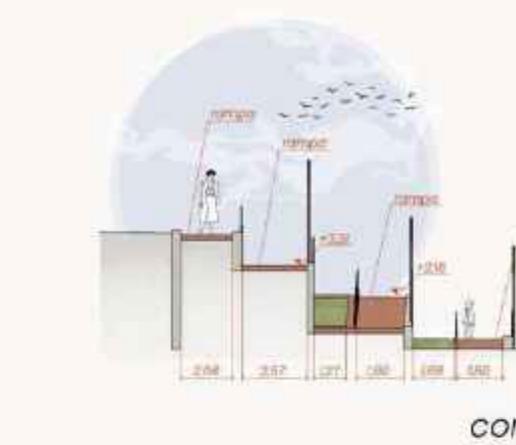
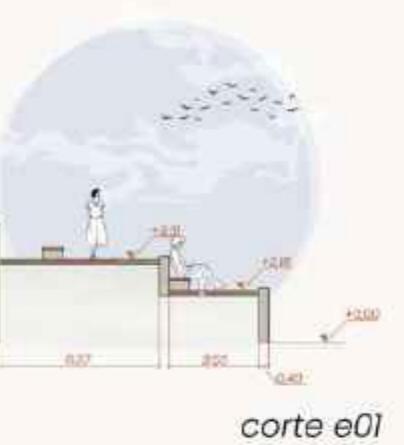
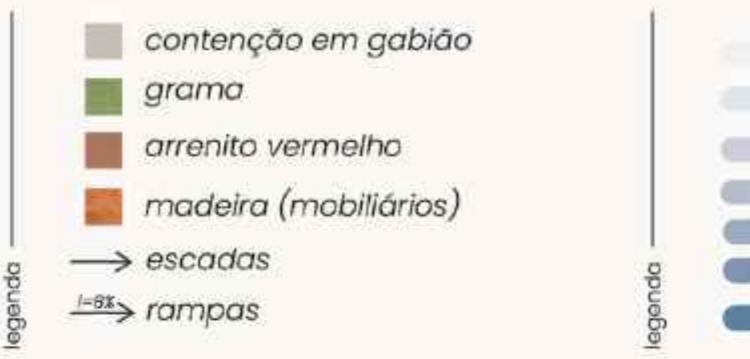
## 1.4 arquibancada de acesso

A arquibancada de acesso do projeto é desenhada a partir de níveis, tendo em vista o muro de arrimo já existente no terreno, com altura de 4,50 metros em alguns pontos. Esses níveis podem se conformar como espaços de estar, a partir de bancos instalados e como espaços de acesso, feitos a partir de rampas com 8% de inclinação, e escadas. Vale ressaltar que as escadas estão postas, mas seus níveis também são acessíveis pelas rampas.

Seu escalonamento é feito a partir do muro de gabião de 0,40 m de espessura. Esse material foi escolhido tendo em vista a sua utilização em outros pontos do projeto.

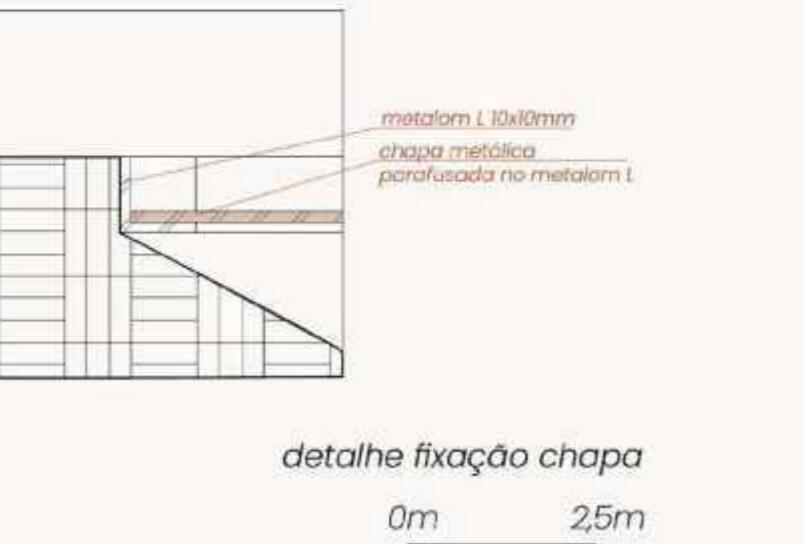


*fonte: autora, 2023*



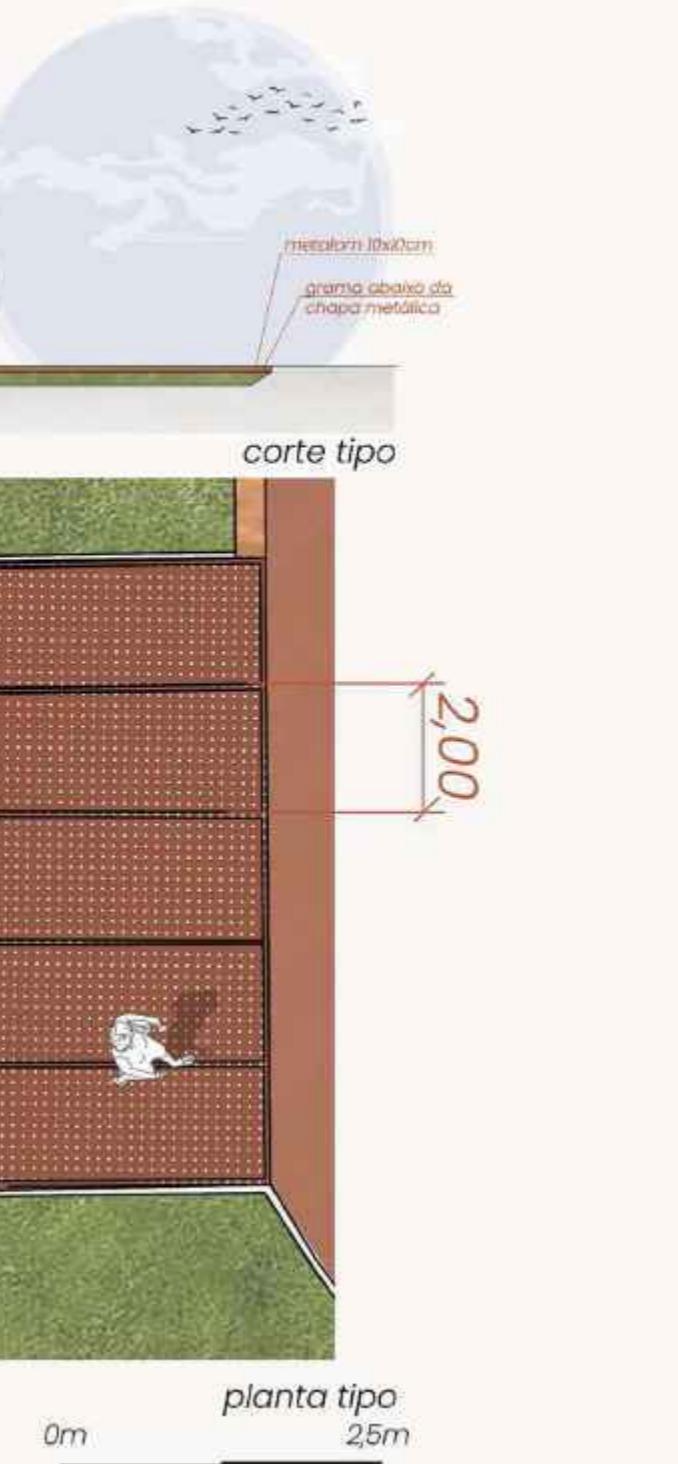
## 1.5 chapa metálica

Nos trechos onde a chapa metálica é utilizada, seu terreno é rebaixado em 30 cm, com pequenos taludes nas bordas. É feita uma estrutura independente com canaletas metálicas em L, seguindo um vão de 2,00 e a chapa é parafusada.



detalhe fixação chapa

0m 2,5m



0m 2,5m

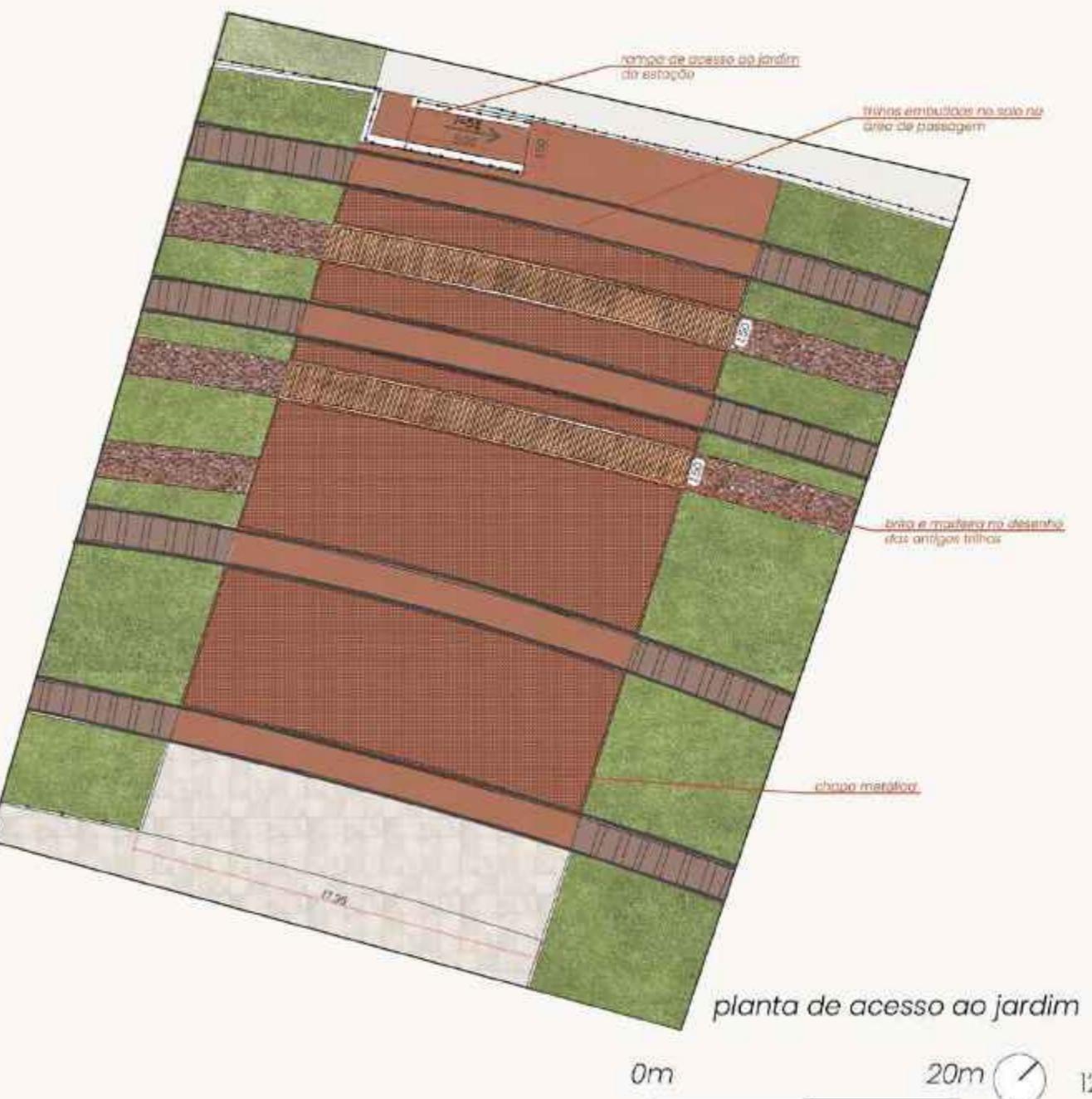
## 1.6 acessos



planta de acesso à gare

legenda

- piso 1
- grama
- chapa metálica perfurada
- arenito vermelho
- madeira (mobiliários)
- brisa\_demarcação de trilhos antigos
- trilho existente



0m 2,5m 23

Os acessos entre o prédio de estação e praça são feitos em dois pontos, como já explicado, um em frente da entrada principal do prédio da estação e o outro, parte do eixo de chegada do caminho 2 estabelecido pelo percurso. A partir das plantas apresentadas, fica mais evidente o uso da pedra em brita conformando o desenho dos antigos trilhos.

Para a forma de se estruturar o acesso, foi escolhido um acesso feito pelo nível da praça, com uma rampa de chegada à plataforma da gare. Essa escolha foi feita procurando uma alteração mínima na paisagem, e na preservação estética e escalaronar do patrimônio material presente na praça, preceitos esses presentes na Carta de Veneza (1964).



*fonte: autora, 2023*

Dessa forma, um acesso que passasse por cima do trilho, poderia competir na paisagem com o patrimônio. Além disso, o passar pela linha para chegar ao centro e o andar pelo trilho é algo presente na história do bairro e no cotidiano dos moradores, que também buscou-se ser mantido no projeto, modificando elementos para que se torne acessível. Por isso, os trilhos nesse trecho são rebaixados e embutidos junto ao piso, as pedras que compõem o desenho do antigo trilho são substituídas por madeira e a rampa de acesso à plataforma tem uma inclinação de 5 %.

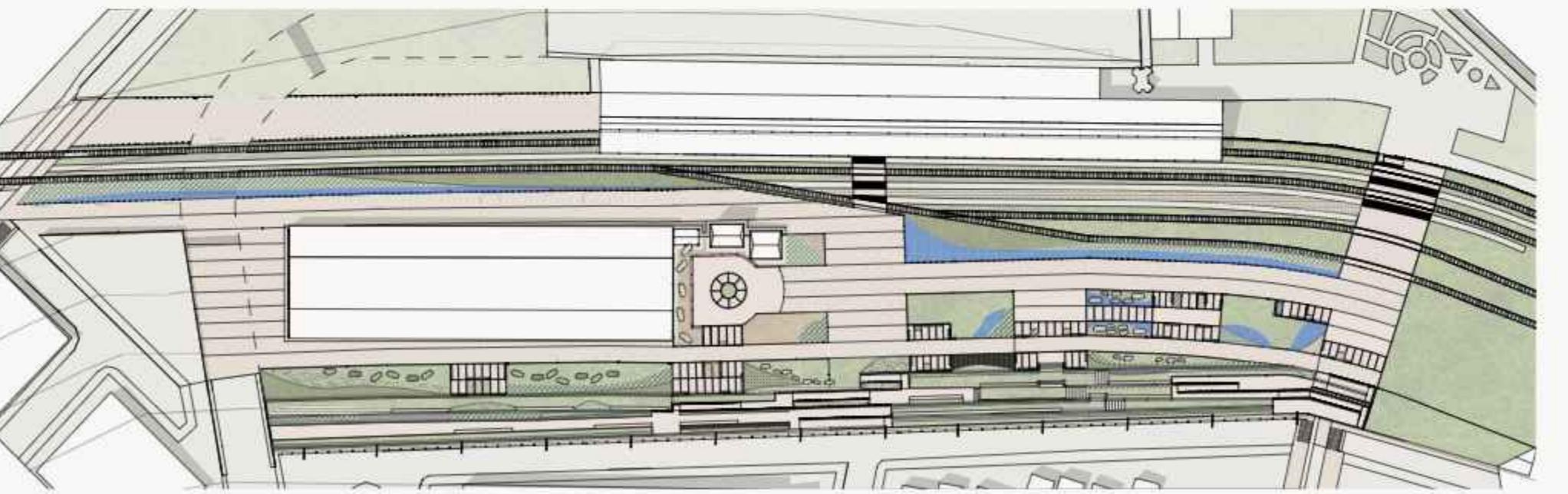
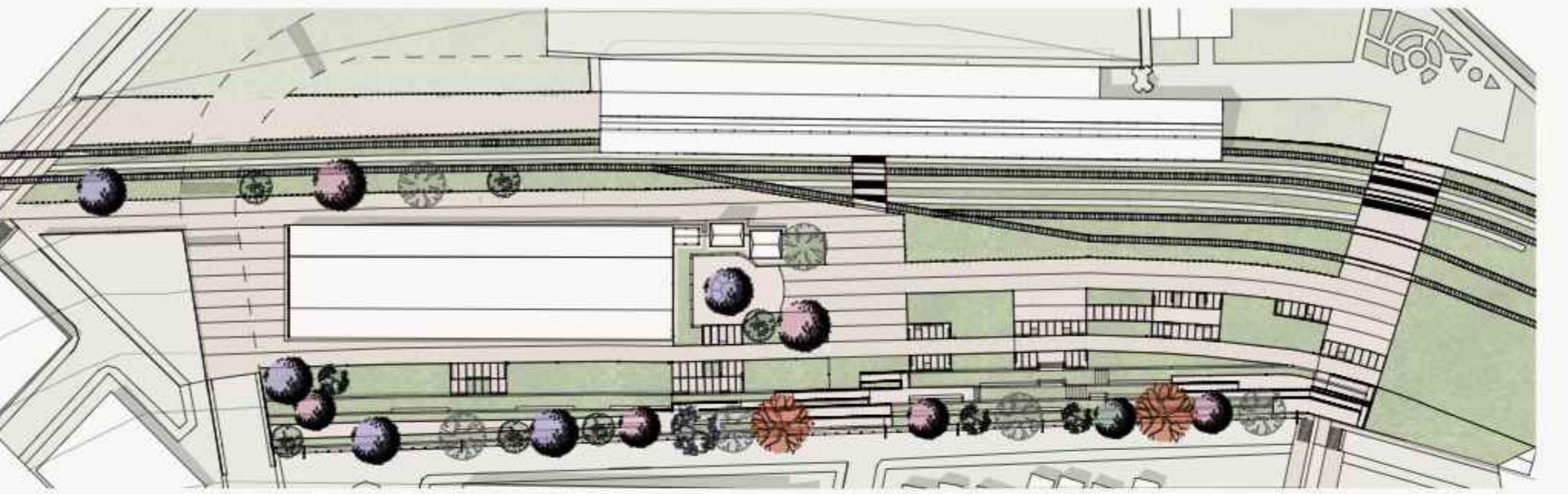
## 1.7 paisagem

Com relação à disposição das espécies, como já mencionado, foram escolhidas exemplares do cerrado, e árvores frutíferas. As massas arbóreas foram dispostas de maneira a não atrapalhar a visual (elemento central do projeto) e os canteiros possuem mais áreas gramadas, podendo ser ocupados pelos frequentadores. A listagem das espécies está relacionada na tabela abaixo, com as hachuras específicas de cada uma. Sua numeração faz referência à sua localização no disco compositivo.

O disco compositivo serve para observarmos as mudanças que ocorre na paisagem de acordo com a época do ano, floração e frutificação. Cada seção representa um mês do ano, a cor de fundo da seção faz referência a cor predominante de suas folhagens, a textura acima adicionada refere-se a cores de suas flores, caso esteja no período de floração, ou a cor dos seus frutos, caso esteja no período de frutificação.

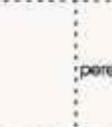
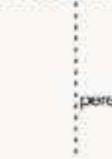
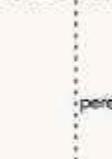
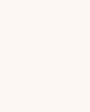
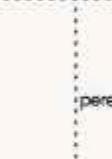
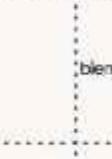
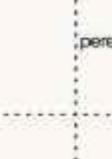
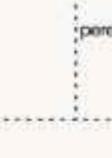


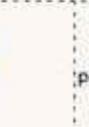
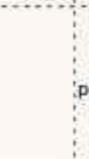
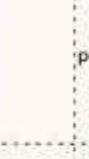
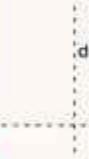
*fonte: autora, 2023*



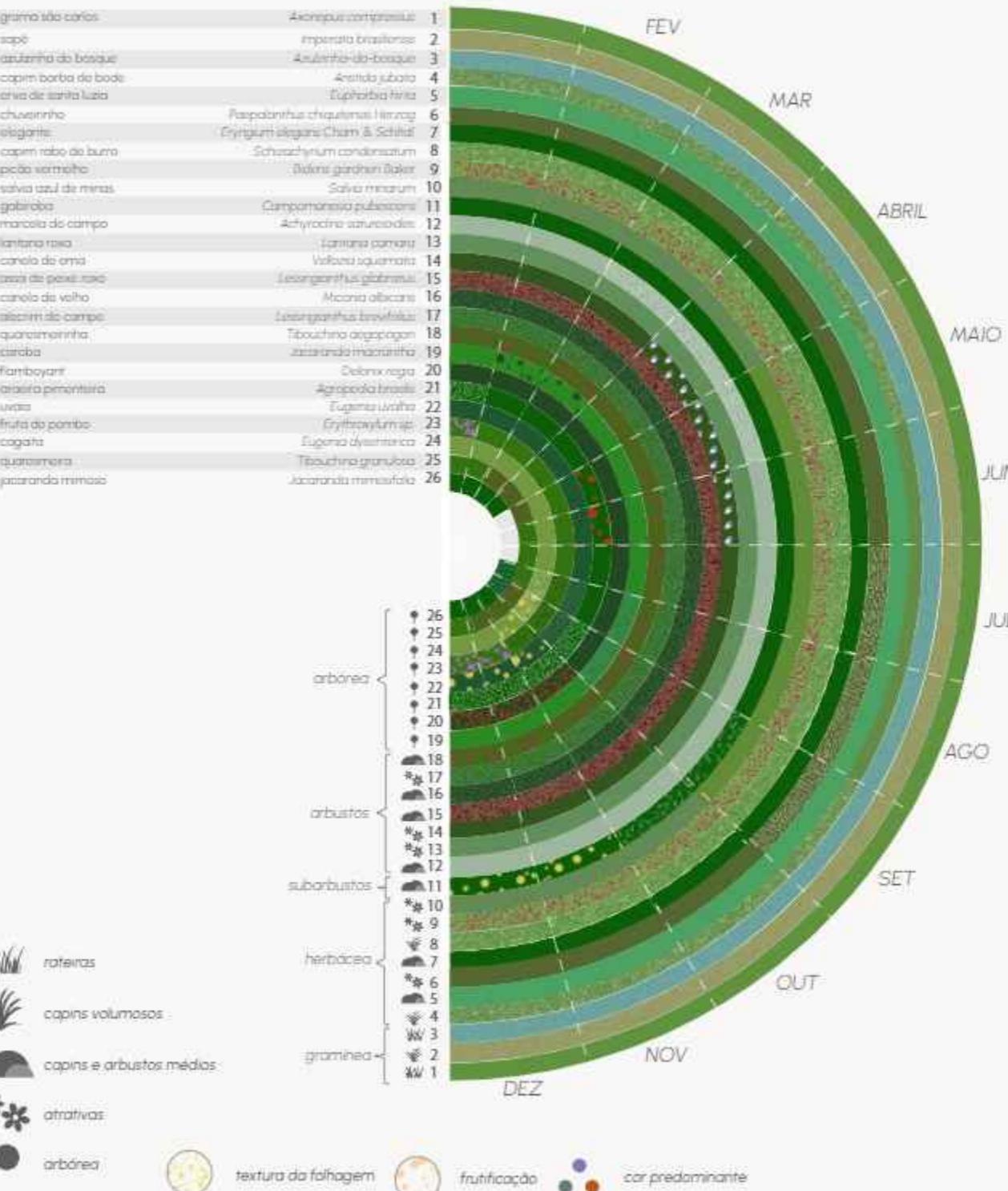
## tabela de espécies

número	nome popular	nome científico	foto	zonalidade	porte	características	tipo	tempo	florido	fruta	outros usos
1	grama são carlos	<i>Axonopus compressus</i>		perene	rasteiro	gramínea					
2	sapé	<i>Imperata brasiliensis</i>		perene	20 à 52 cm	capim volumoso	gramínea	campos abertos e restinga	floração: primavera	grandeza: utilizada em estreitas e cinturões	
3	azulzinha do bosque	<i>Azulinha-do-bosque</i>		perene	rasteira	rasteira	américa latina	ano todo	azulada	planta ornamental com frutos azuis intensos e comestíveis	
4	capim barba de bode	<i>Aristida jubata</i>		perene	40 à 80 cm	capim volumoso	herbácea	do mato grosso ao rio grande do sul	setembro a junho	planta resistente e ornamental	
5	Erva de Santa Luzia	<i>Euphorbia hirta</i>		perene	40 cm	arbustivos médios	herbácea	cerrado	ano todo		
6	chuveirinho	<i>Poepalanthus chiquitanus Herzog</i>		até 1 m	eretivas	herbácea	cerrado, caatinga e mato atlântico	inverno (flor branco)		usos florais e ornamentais comercializadas	
7	elegante	<i>Eryngium elegans Cham. &amp; Schlecht.</i>		perene	30 cm	médios	herbácea	sudeste e centro-oeste			planta ornamental

8	capim rabo de burro	<i>Schizachyrium condensatum</i>		perene	35 a 100 cm	capim volumoso	herbácea	em toda a américa	ano todo	permite uma boa cobertura e estabilização do solo		
9	Picão vermelho	<i>Adonis glandulosa</i> Bokor		perene	50 cm	atrativas	herbácea	campos, savanas e florestais	ano todo			
10	salvia azul de minas	<i>Salvia minima</i>		perene	até 50 cm	atrativas	herbácea	campos	primavera, verão e outono			
11	gabiroba	<i>Campomanesia pubescens</i>		perene	até 150 m	arbusto médios	subarbusto	pe de ser encontrada do mato grosso ao parana	setembro a novembro (flores brancas)	novembro - dezembro	fruto é consumido in natura ou em geléias. As folhas são usadas para combater infecções urinárias	
12	marcela do campo	<i>Achyrocline satureoides</i>		bienal	até 1m	arbusto médios	arbustiva	cerrados e campos	março a junho (flor branca)			
13	tantana roxa	<i>Tantana comara</i>		perene	até 12m	atrativas	arbustiva	pe de ser encontrada em todo o brasil	floresce no ano inteiro			
14	canela de ema	<i>Vellozia squamata</i>		perene	50 a 200 cm	atrativas	arbustiva	cerrado	abril e junho	uso ornamental e na medicina popular é usada anti-inflamatória no tratamento de contusões e dores em geral		

15	asse de peixe roxo	<i>Tessmannia glabratus</i>		perene	100 cm	arbustos médios	arbustiva	centro-oeste, sul e sudeste	ano todo	as flores atrairão as borboletas	
16	canela de velho	<i>Miconia albicans</i>		perene	até 2 metros	arbusto médios	arbustiva	pe de ser encontrado em todo o brasil, do cerrado a restinga	ano todo (flor)	sucesso é indicado para arroz	
17	alecrim do campo	<i>Tessmannia brevifolius</i>		perene	30 cm	atrativas	arbustiva	campos e savanas	final de março e inicio de junho		
18	quaresmelinha	<i>Tibouchina acajupogon</i>		perene	até 40 cm	médias	arbustivas	centro-oeste e sudeste	ano todo	uso comercial	
19	caroba	<i>Jacaranda mimosifolia</i>		decidua	altura: 8 m copa: 8 m	arbórea	arbórea	rio de janeiro, minas gerais e são paulo	dezembro a setembro	tembro a marco	
20	flamboyant	<i>Delonix regia</i>		perene	altura: 12 a 15 m copa: 20 a 25 m	arbórea	arbórea	cerrado	dezembro a junho		
21	araeira pimenteira	<i>Agapetia brasiliensis</i>		perene	altura: 5 a 10 m copa: 10 m	arbórea	arbórea	mata atlântica e pampa	setembro a junho	frutos são comercializados como pimenteira e suas flores são utilizadas como corante	
22	uvaia	<i>Eugenia uva-ursi</i>		perene	altura: 5 a 10 m copa: 8 m	arbórea	arbórea	sudeste a sul do brasil	dezembro a setembro (flor)	semente de uvaia é ocorre vitamina C	

# disco compositivo



fonte: autora, 2023

23	fruta do pombo	<i>Erythroxylum</i> spp.		perene	altura: 2 a 3 m cota: 2 a 4 m	arbórea	arbórea	sul, sudeste e centro-oeste do país.	agosto a novembro	novembro a dezembro	seus frutos atraem pássaros	
24	cogalha	<i>Eugenia</i> dysenterica		perene	altura: 2 a 4 m cota: 2 a 4 m	arbórea	arbórea	cerrodo	agosto a setembro	setembro a outubro	floras aromáticas e frutos comestíveis	
25	quaresmeira	<i>Tibouchina</i> granulosa		perene	altura: 12 m cota: 10 m	arbórea	arbórea	mata atlântica	outono e primavera		floras ornamentais	
26	jacaranda mimoso	<i>Jacaranda</i> mimosifolia		decidua	altura: 15 m cota: 10 m	arbórea	arbórea	mata atlântica	agosto e novembro	maio a setembro (sem folhas)	floras ornamentais	

fonte das imagens: compilação da autora.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Imagens retiradas do site do projeto Cerrado Infinito (Caballero, s.d.) e (SARTORELLI E CAMPOS FILHO, 2017)



estar mais calmo  
próximos aos galpões  
existentes.



arquibancada de  
acesso .



próximas das escadas  
de acesso ao  
acesso.



fonte: autora, 2023



fonte: autora, 2023

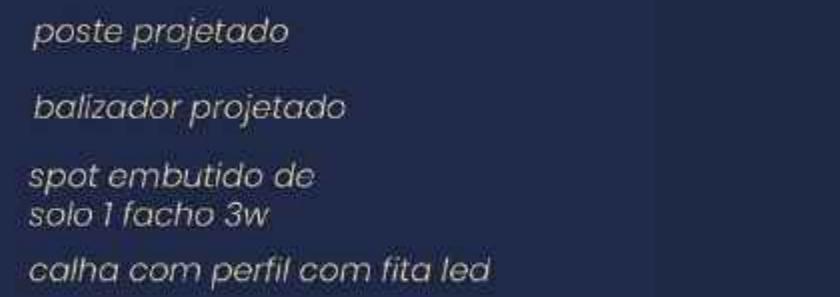
arquibancada de  
acesso .

arquibancada de  
acesso .

## 1.8 iluminação

Para a iluminação do projeto, os postes já demonstrados no trabalho foram posicionados a partir de um raio de 15 metros de distância. Os balizadores, que também apresentam spots de led para iluminação, foram dispostos ao longo do trilho, para garantir um distanciamento entre frequentadores e os trilhos.

Já com relação à iluminação cênicas, foram dispostas calhas com led marcando o ritmo dos galpões e na parte de baixo das chapas perfuradas. Além disso, spots de chão com 1 facho horizontal foi colocado nas rampas de acesso.



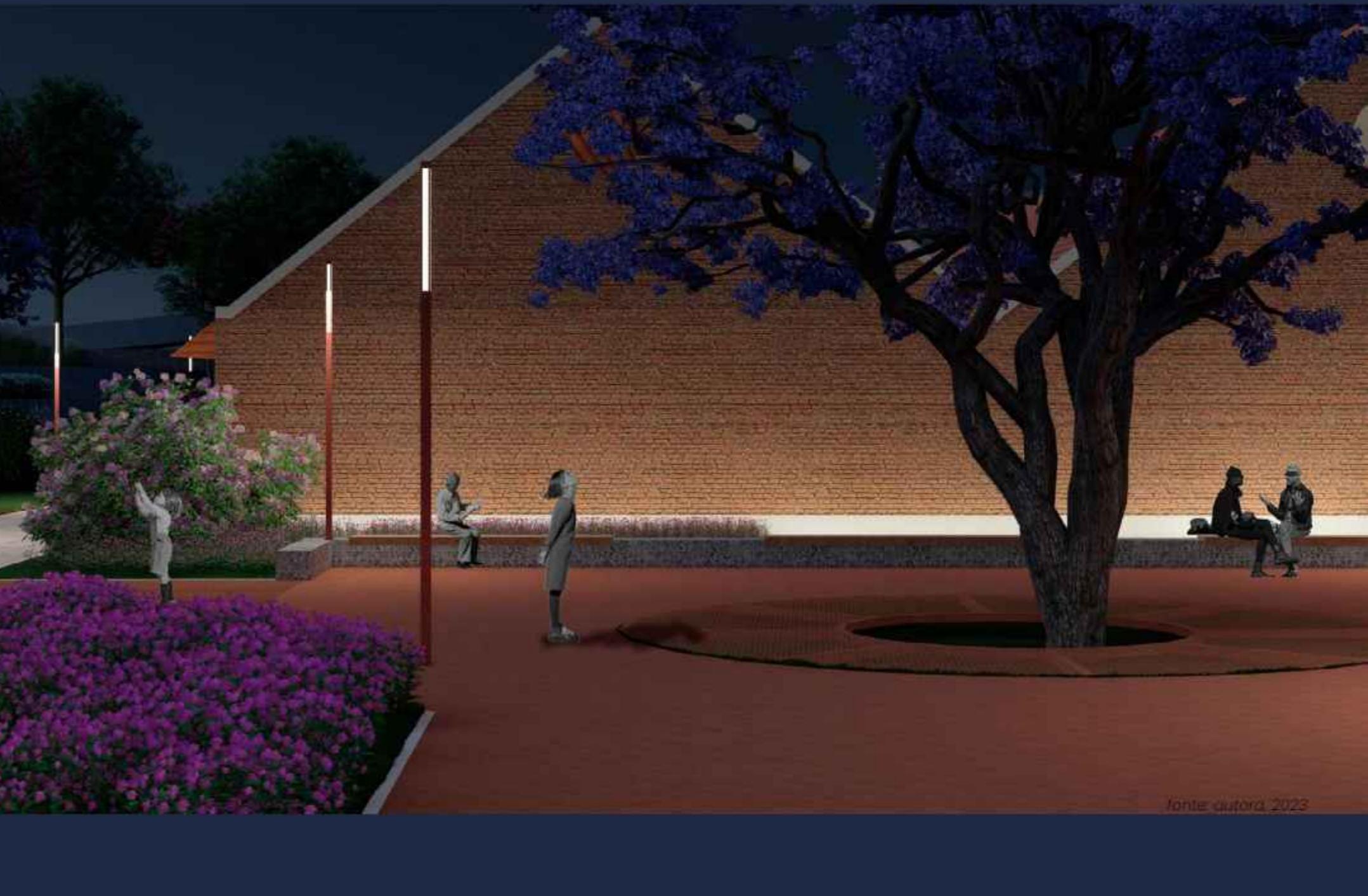
planta de iluminação

iluminação  
acentuando o ritmo  
do galpão.



eixo focal aos  
galpões existentes





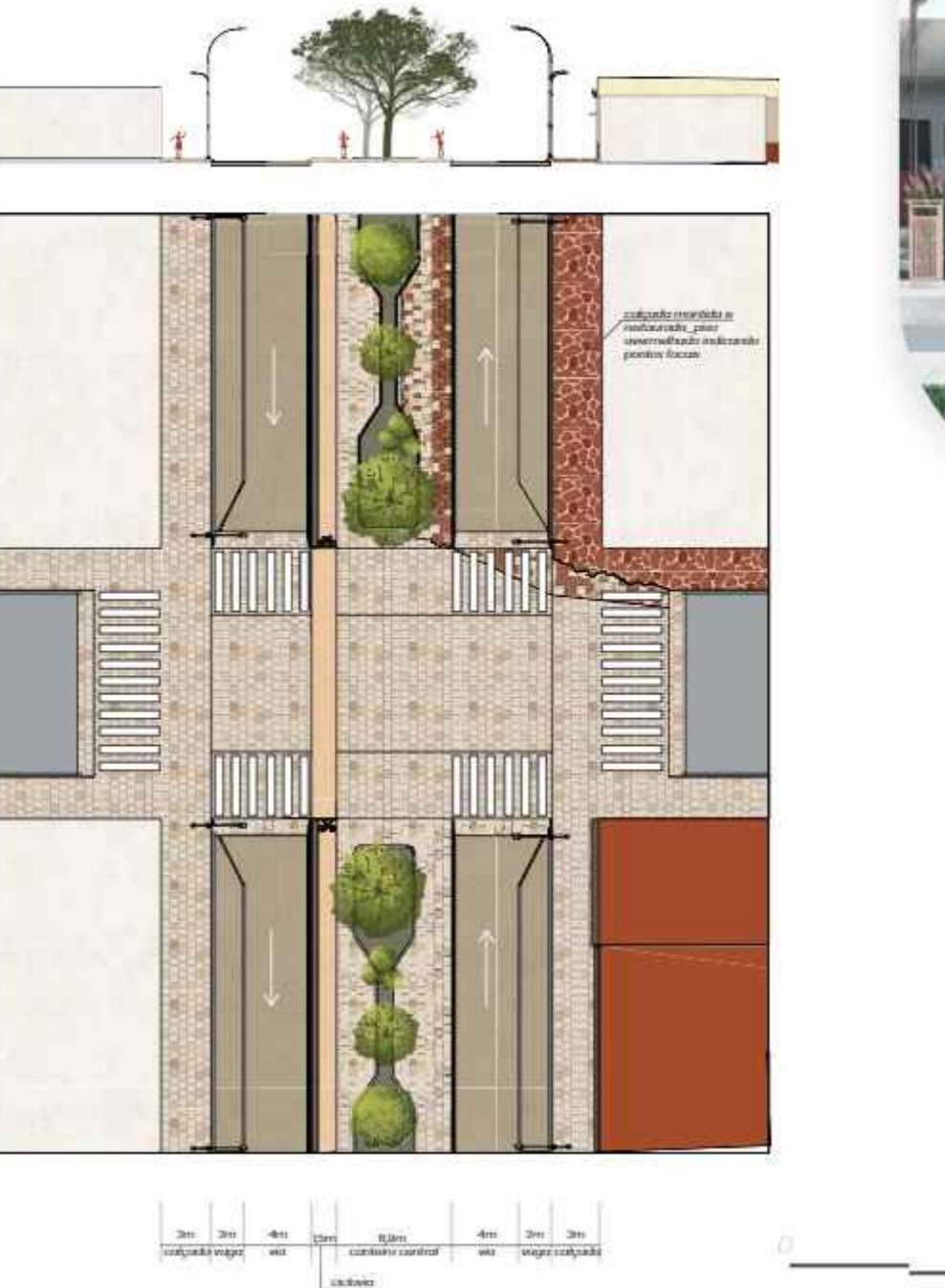
2 Rua General Osório



3 Rua Duarte Nunes



## 4 Rua Larga



## 5 Rua Antônio de Almeida Prado



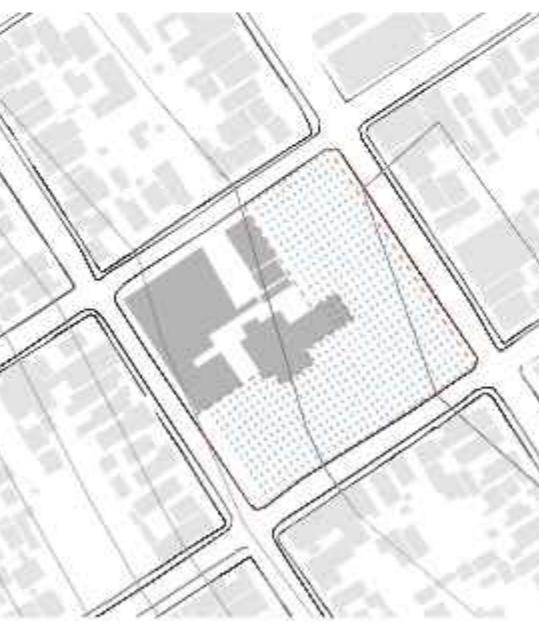
## 6 Av. Sallum



## 7 Praça da Santa Antônio

Na praça da igreja Santo Antônio, as decisões projetuais giraram em torno de garantir a permanência das vivências que já existem na praça, e que são importantes e particulares para os moradores do bairro, levando em conta os pontos da Recomendação de Paris (1989). Historicamente, essa praça foi se tornando o coração do bairro, abrigando festas e eventos que ocorrem nela, além de campanhas promovidas pelos órgãos públicos com a finalidade de conscientizar e atraír a população.

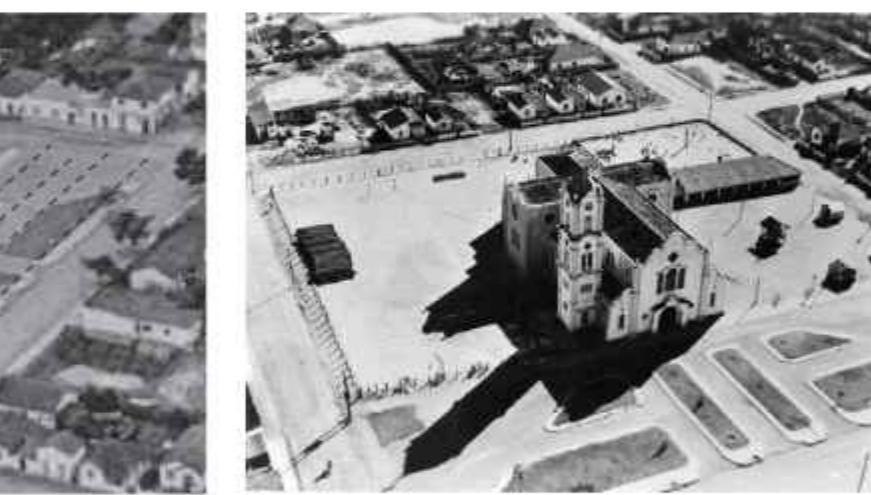
Tendo isso em vista, durante seus anos, a praça foi sendo intensamente modificada, por isso buscou-se encarar os iconográficos, um registro de como o desenho da praça se estabeleceu no passado. Dessa forma, a partir de uma imagem da praça da década de 50 (imagem mais antiga encontrada), foi possível traçar os eixos de proporção para o desenho do projeto. Cabe aqui ressaltar que o projeto não buscou retomar esse desenho, mas sim trazer suas proporções como um ponto de partida inicial.



área de projeto  
eixo de projeto determinado pelos antigos comercios



Fonte: imagem modificada pela autora, REVISTA KAPPA, 1950



Fonte: DR. MARCIA, 1950

## 7.1 programa

A partir disso o programa da praça foi traçado, buscando garantir os espaços do carteado e do salão de festas. O salão de festa foi modificado, de forma que estivesse no nível da praça e integrado a ela. Além disso, o seu programa foi modificado de forma a criar um eixo (eixo 2) que conecte a Avenida Sallum a Rua Dr. Gastão de Sá. Além disso, com o intuito de trazer novas vivências para a praça, foi proposto um espaço mais brincante, com o intuito de unir no espaço a geração antiga, que frequenta as missas e joga carteado, com a nova geração do bairro, que frequentam as escolas no entorno da igreja.

Outro ponto importante é o eixo de água que corta a praça, a sua escolha faz referência a uma passagem da história de Santo Antônio, que está registrada por pinturas no interior da igreja, que será explicado de forma melhor mais adiante.

programa do projeto



área de projeto	espaço do carteado
eixo de água	espaço de estar e interação das crianças
← eixo do projeto	espaço livre para festas e quermesses da igreja
1 eixo paralelo a rua	cozinha de apoio
2 eixo que conecta a praça ao novo salão de festa	salão de festa

espaço do  
carteado



## 7.2 o projeto

A partir disso foi estabelecido o projeto da praça. O piso utilizado na praça refere-se ao piso 2. O eixo de água que corta o projeto ajuda a organizar a entrada da igreja e as vivências do espaço. O piso de arenito vermelho, nessa paisagem usa para demarcar as vivências, tão importantes e características da praça, além do caminho que leva ao salão de festas, onde as quermesses e festas do bairro ocorrem.

Já com relação ao Salão, como já pontuado anteriormente, buscou-se remodelá-lo de forma a se abrir mais a praça, com um eixo mais livre, sem muitos canteiros para

legenda
rua
ciclofaixa
piso 1
grama
arenito vermelho
madeira (mobiliários)
água



o espaço pudesse ser usado de maneira livre, tanto pela igreja, ou em alguma eventual campanha da prefeitura.

O ponto de ônibus e o ponto de táxi, já existentes na praça, foram mantidos, sendo substituída apenas a sua estrutura para o modelo projetado e já apresentado no trabalho.

A área do carteado foi mantida e remodelada. Já o novo uso da praça, relacionada a uma área de crianças, tem como objetivo trazer o brincar por meio de gestos sutis, sem que aquele espaço se torne algo exclusivo para as crianças. Dessa forma, o eixo de água, nesse trecho, ganha um revestimento diferente, permitindo com que o contato com a corrente d'água seja possível.

A paisagem nesse ponto também será contemplada por árvores, em sua maioria, frutíferas, e que permitam a criança subir em seus galhos.



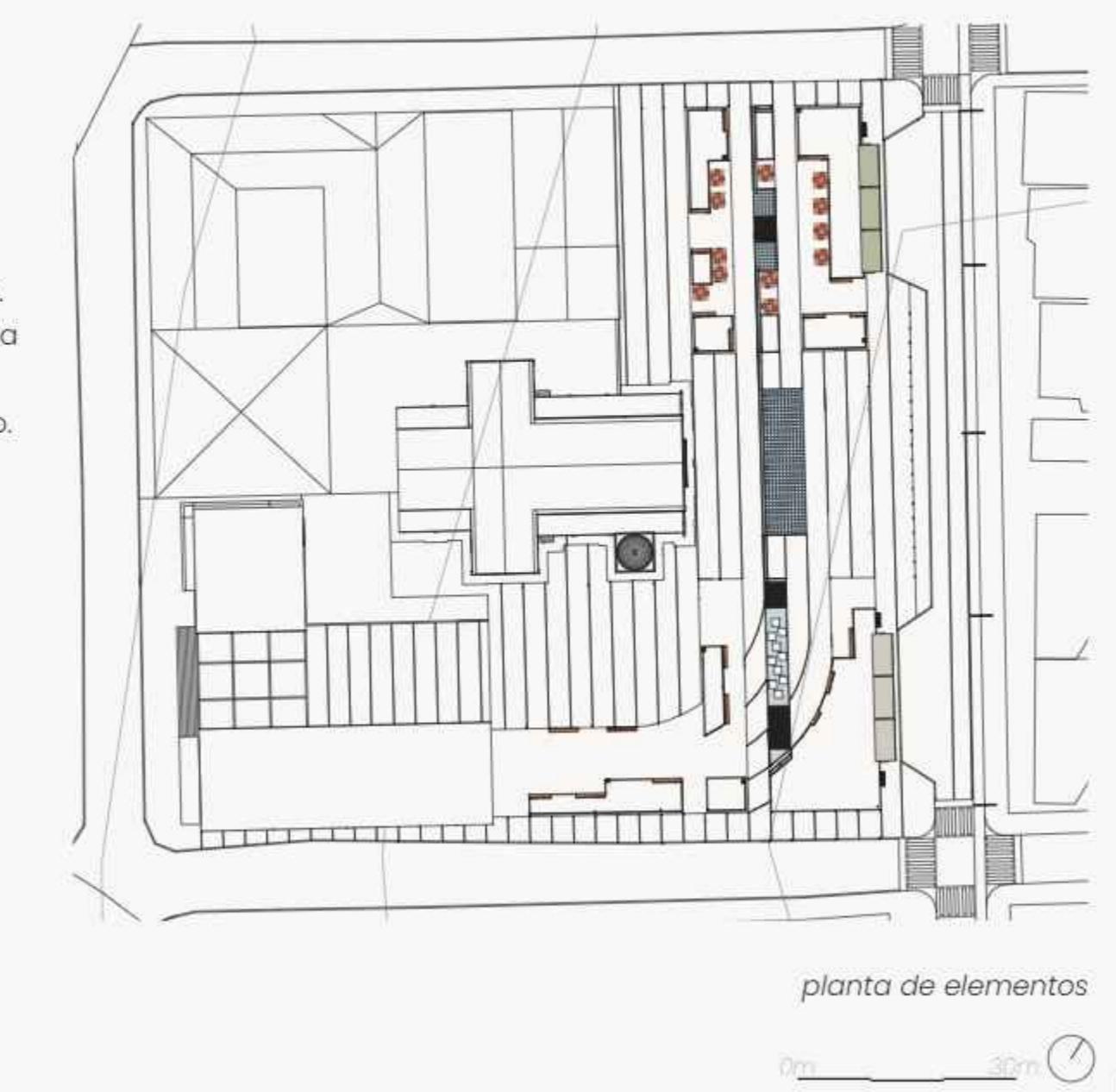
## 7.3 elementos



Com relação ao mobiliário, a lógica de posicionamento da estação é mantida, os bancos são alocados de forma a permitir triangulações de conversas, as lixeiras são postas a cada 20 metros, o ponto de ônibus e o ponto de táxi são substituídos pelo projetado. Os biciletários são postos nas extremidades da praça. Além disso, as mesas, já apresentadas no trabalho, são alocadas na área de carteado.

legenda

- banco projetado
- lixeira
- biciletário
- ponto de táxi
- ponto de ônibus
- mesas para carteado
- eixo água





frente  
autora, 2023

152

fachada livre  
da igreja



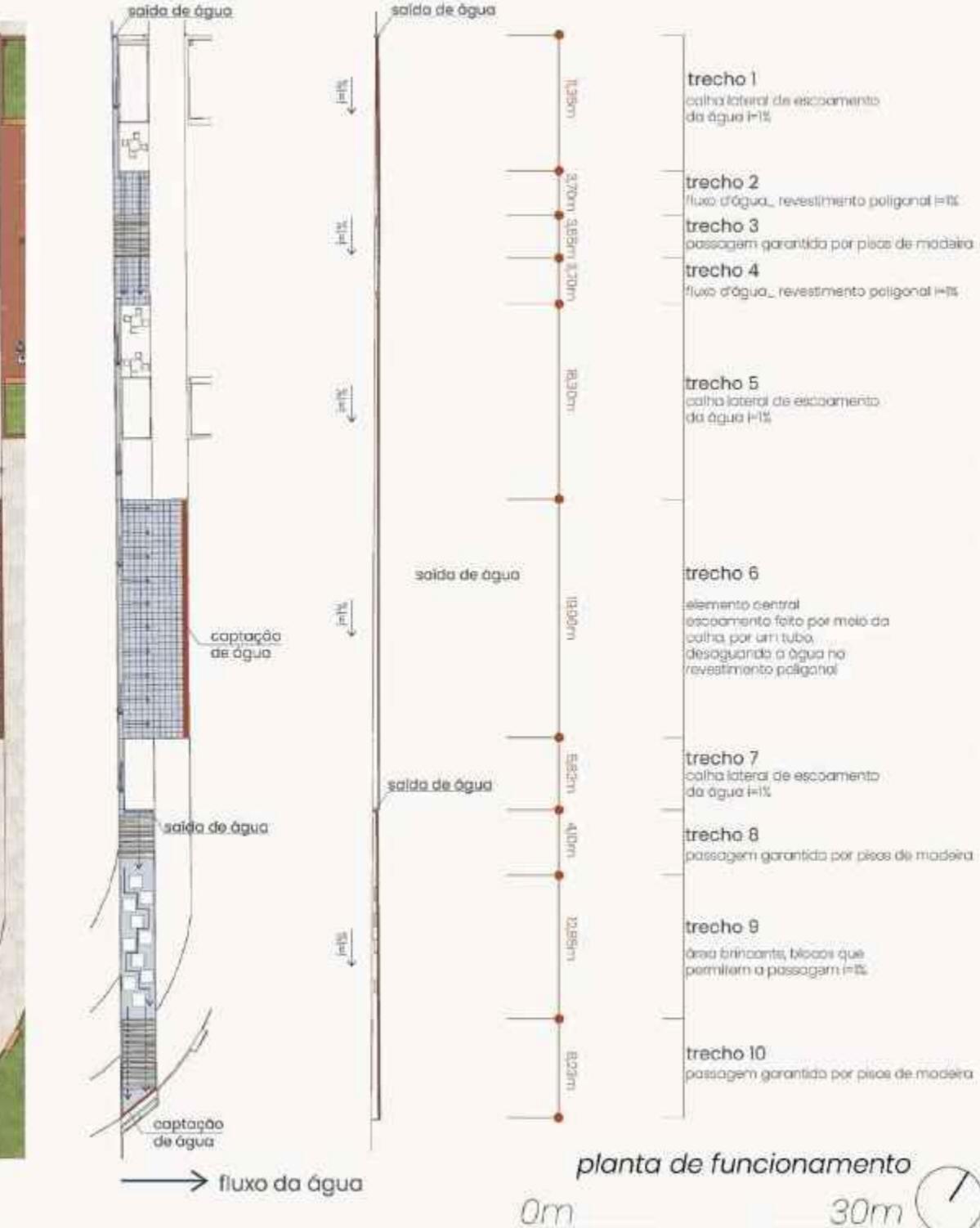
frente  
autora, 2023

espaço  
catec

153

## 7.4 eixo de água

O eixo de água cruza toda a praça, ele traz ritmo e define suas vivências e passagens. A presença da água no projeto, faz referência a uma das pinturas no interior da igreja, pintada no teto da nave principal, no qual Santo Antônio prega para os peixes.

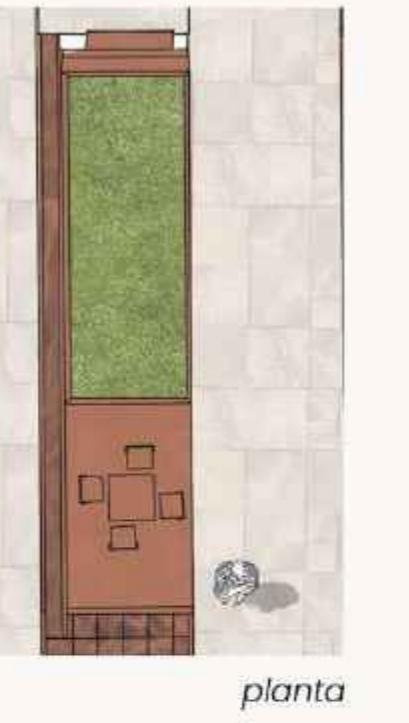


Esse registro d'água é circular, ou seja, a dois pontos de saída de água e dois pontos de captação da água, bombeada para saída novamente. O sentido de succorrença acompanha o que já existe do terreno sendo acentuado por inclinações projetadas (1%), garantindo a sua percolação pelo trajeto.

Ao longo dessa extensão o eixo de água adquire diferentes conformações. Em alguns pontos ele se comporta como calha, principalmente nos pontos onde a passagem de transeuntes é prevista, como na frente da igreja, ou em pontos onde é necessário a criação de carteiros para o sombreamento, como a área do carteado. Já na área brincante, o seu piso se torna acessível, com grandes blocos (det. s02) que suportam a água, permitindo com que as crianças brinquem.

Já na parte central da praça, perto da entrada da igreja, esse eixo d'água adquire um tamanho maior, sendo revestido com piso trinqueado (det. s01), fazendo com que, quando a água percorre por ele, traga a sensação de transeunte de movimento (referenciado a passagem de Santo Antônio). Esse mesmo piso também é usado na parte do carteado.

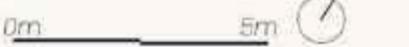
trecho 1 \_área do cartead



planta



corte



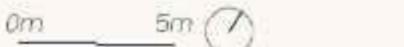
trecho 6\_elemento central



planta



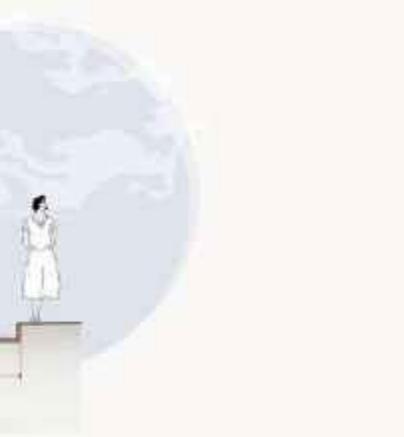
corte



trecho 9\_área brincante



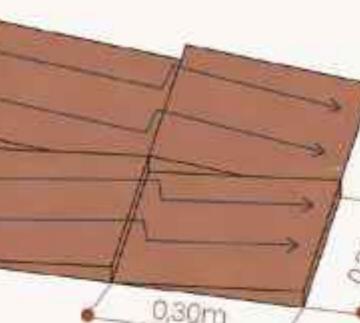
planta



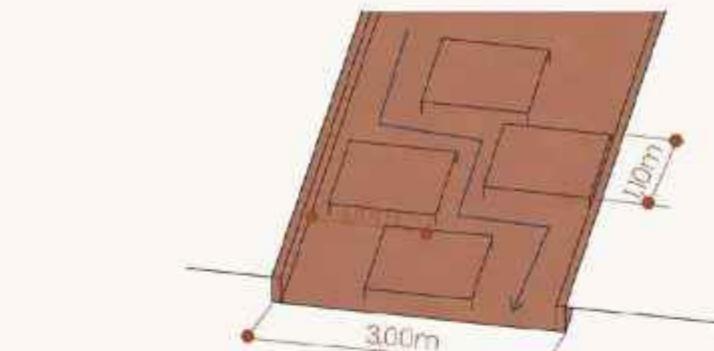
corte



detalhe s01\_piso triangular  
sem escala



detalhe s02\_blocos área  
brincante  
sem escala





Norte Sul Park 2021

espaço  
brincante



Norte Sul Park 2021

## 7.5 salão de festa

O ponto central para o salão de festas era a sua integração com a praça, para que, em dias de festas e eventos, a praça também se tornasse parte disso. Além disso, o trabalho também se propunha em criar um eixo de ligação entre as duas ruas, Av. Sallum e Rua Dr. Gastão de Sá, e por isso, o bloco de apoio ao salão de festa, composto por banheiros, cozinha e depósitos, foram alocados com uma distância de 15 metros.



Para estabelecer o programa da área de apoio e suas metragens, foi usado como base a tese Cozinha industrial: um projeto complexo de Enos Arneiro Nogueira da Silva (1998). Dessa forma, a cozinha é dividida em área de lavagem, área de preparo, área de cocção. Também à área de depósitos, tanto de alimentos quanto de materiais de limpeza, bem como um espaço para armazenamento do lixo.

As entradas para essa área de apoio é feita por uma rampa ( $i=8\%$ ), na fachada noroeste, que acessa um hall para

1. área de lavagem
2. área de preparo
3. área de cocção
4. banheiro feminino
5. banheiro masculino
6. banheiro pne
7. depósito de alimentos
8. depósito de material de limpeza
9. depósito de lixo
10. área de passagem
11. salão de festa

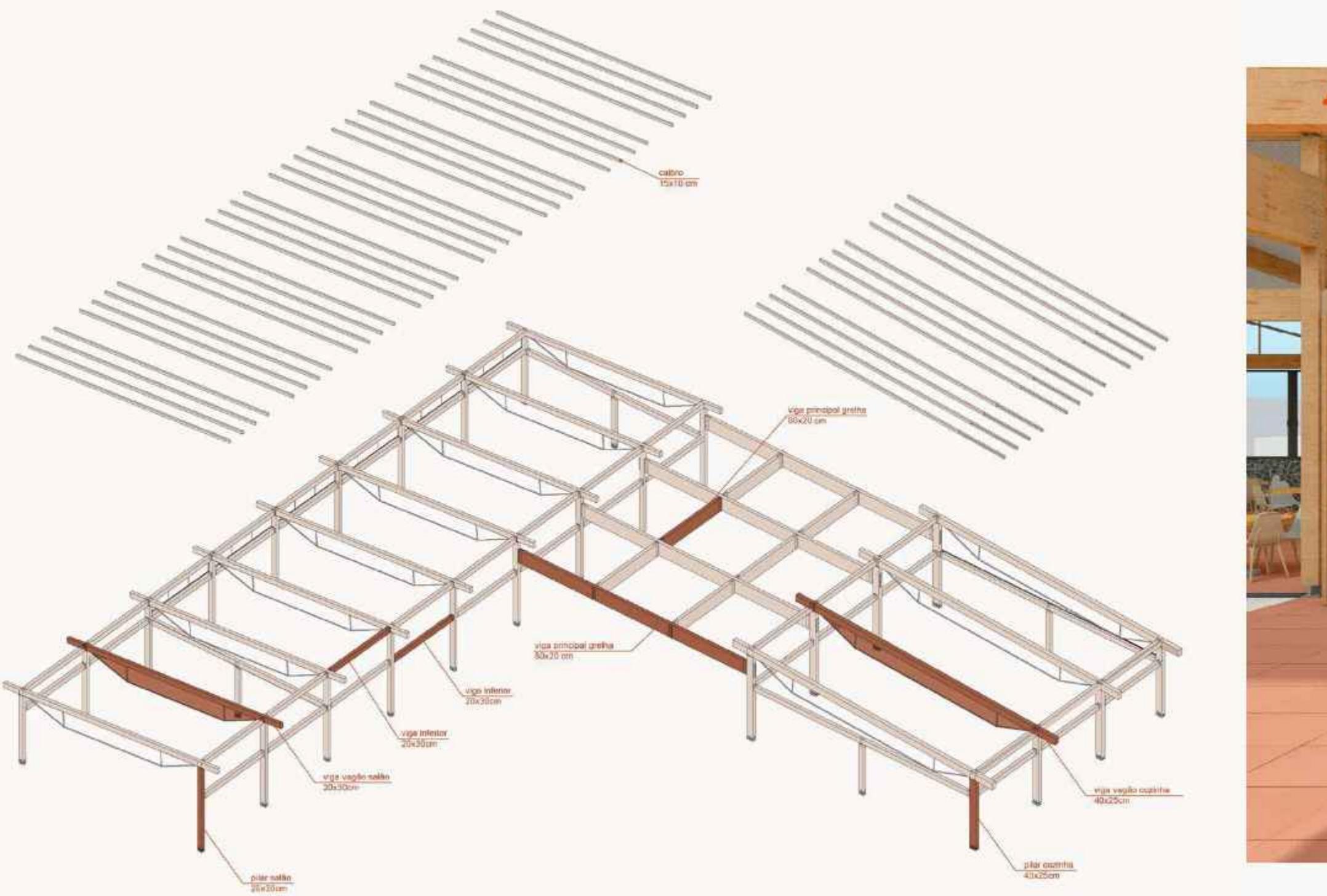
→ acesso de serviço

→ acesso do público

os depósitos, e com uma porta separada para atração do lixo. A instalação da rampa também é pensada para cargas e descargas de produtos. Também há uma entrada voltada para o eixo de passagem com uma forma de conexão rápida entre salão de festa e área de apoio.

Nesse bloco também são alocados os banheiros, masculinos e femininos, e os banheiros PNE (pessoas com necessidades especiais).





explodida estrutural  
sem escala

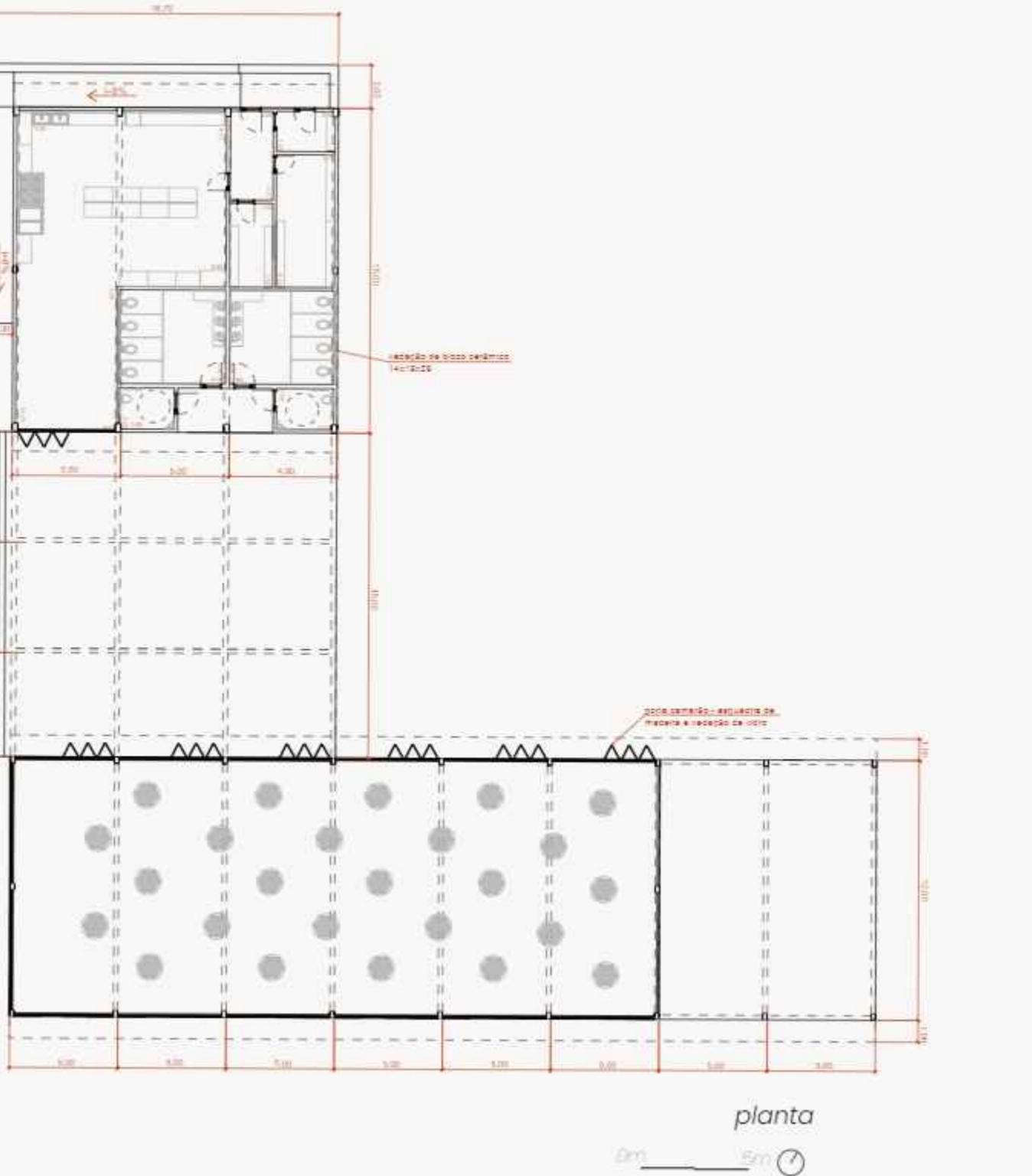


comunicação  
sala de festa 163

O sistema estrutural escolhido foi a Madeira Lamelada Colada (MLC), projetados por meio de pórticos, composto pelo sistema de viga vagão e pilar, postas de 5 em 5 metros, e conectados por vigas. A escolha da viga vagão se deu tendo em vista a economia de material (seção da viga), já que os vão vencidos são de 12 metros, para o salão de festa, e de 15 metros, para o bloco de apoio. Dessa forma, não teriam pilares no interior do salão, deixando sua passagem livre.

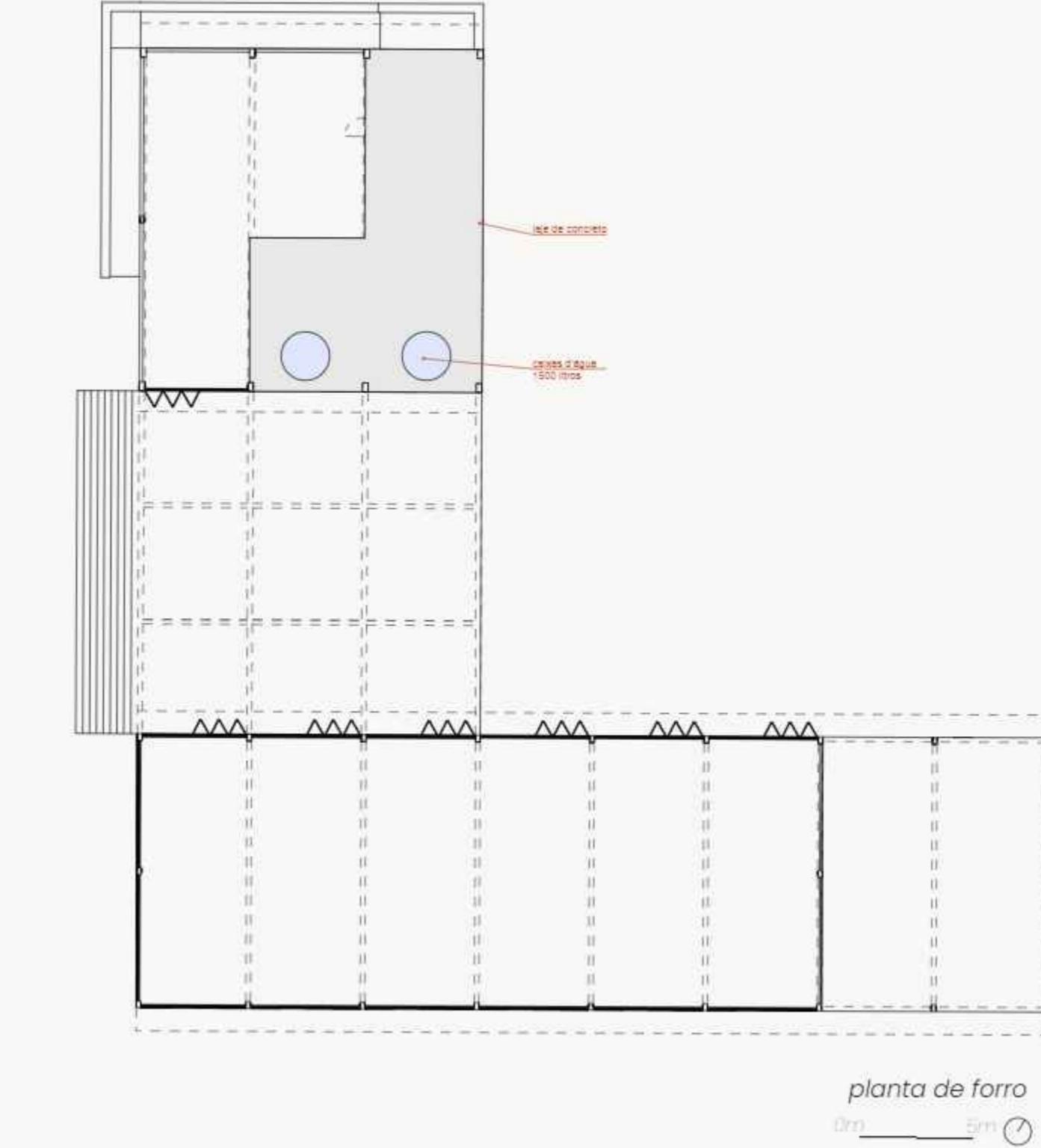
Já no eixo de passagem, escolheu-se manter uma estrutura em grelha, de madeira lamelada colada.

Além disso, tendo em vista a metragem do salão (40m x 12m) ele tem capacidade máxima (pessoas sentadas em mesas de 4 lugares) de 137 pessoas, podendo ser ampliado seu uso para a praça, por conta de sua



integração. Para a quantidade de sanitários, foi utilizado como base o Código de Obras da cidade de São Paulo (COE/2017), que determina, para cinema, teatro, templo, exposição, 1 sanitário para cada 50 pessoas. A partir disso, foram alocados 8 sanitários, divididos em femininos e masculinos, além dos 2 PNE.

No bloco de apoio, as caixas d'água são posicionadas no ponto mais alto do telhado, apoiadas na laje de concreto. A cobertura é de telha metálica com isolamento térmico, apoiada nos caibros posicionados entre os pórticos.

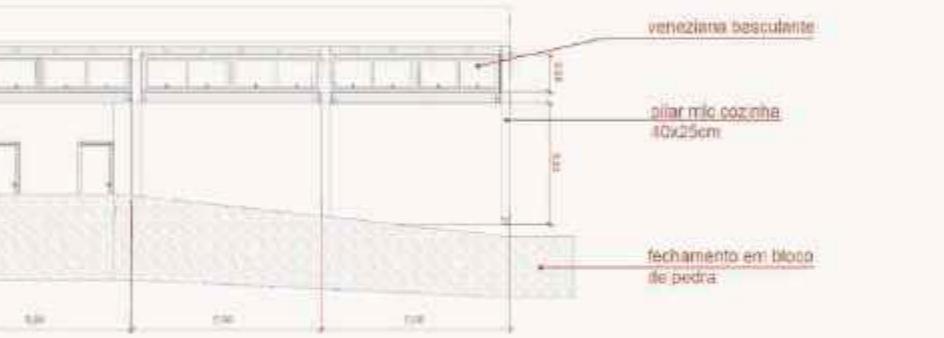




elevação sudeste



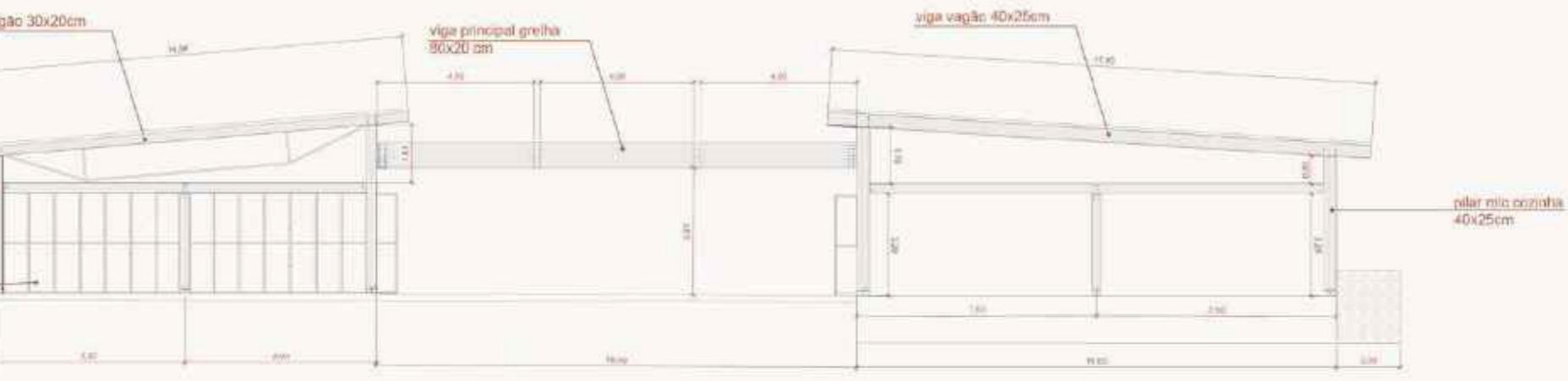
elevação noroeste interna



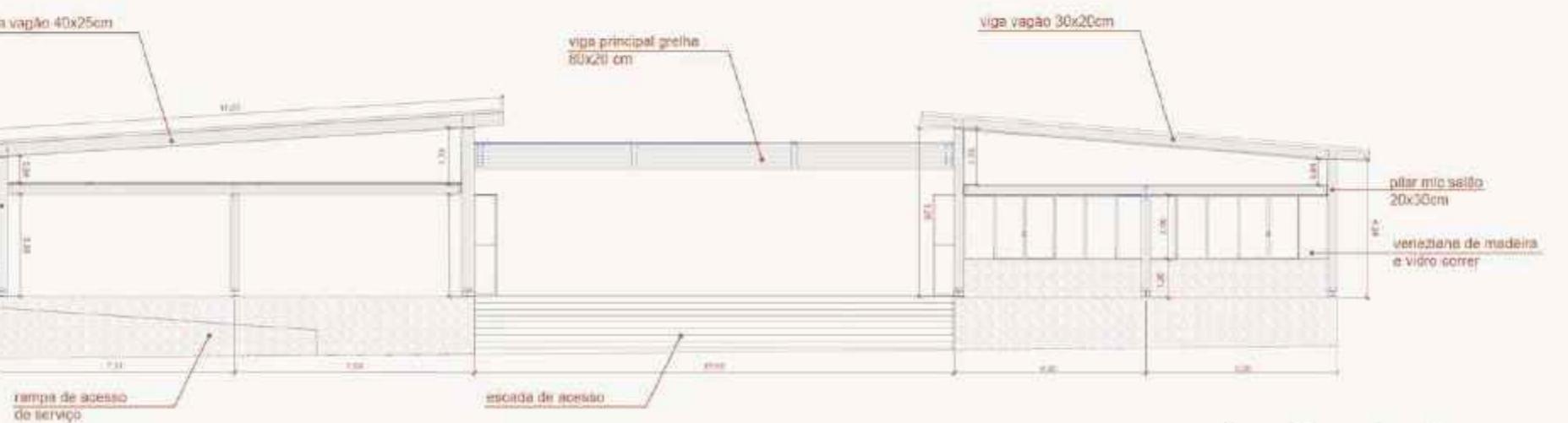
elevação noroeste



elevação sudeste interna

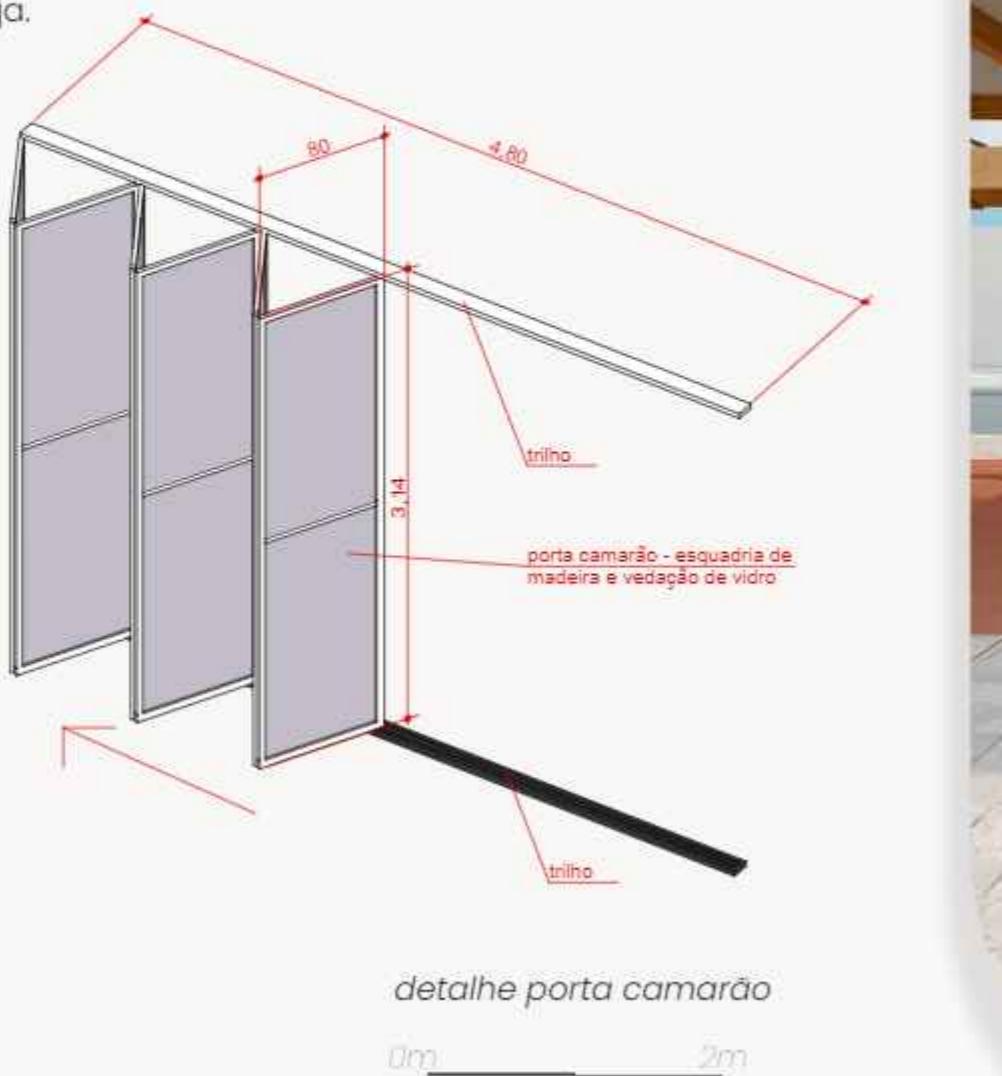


elevação nordeste

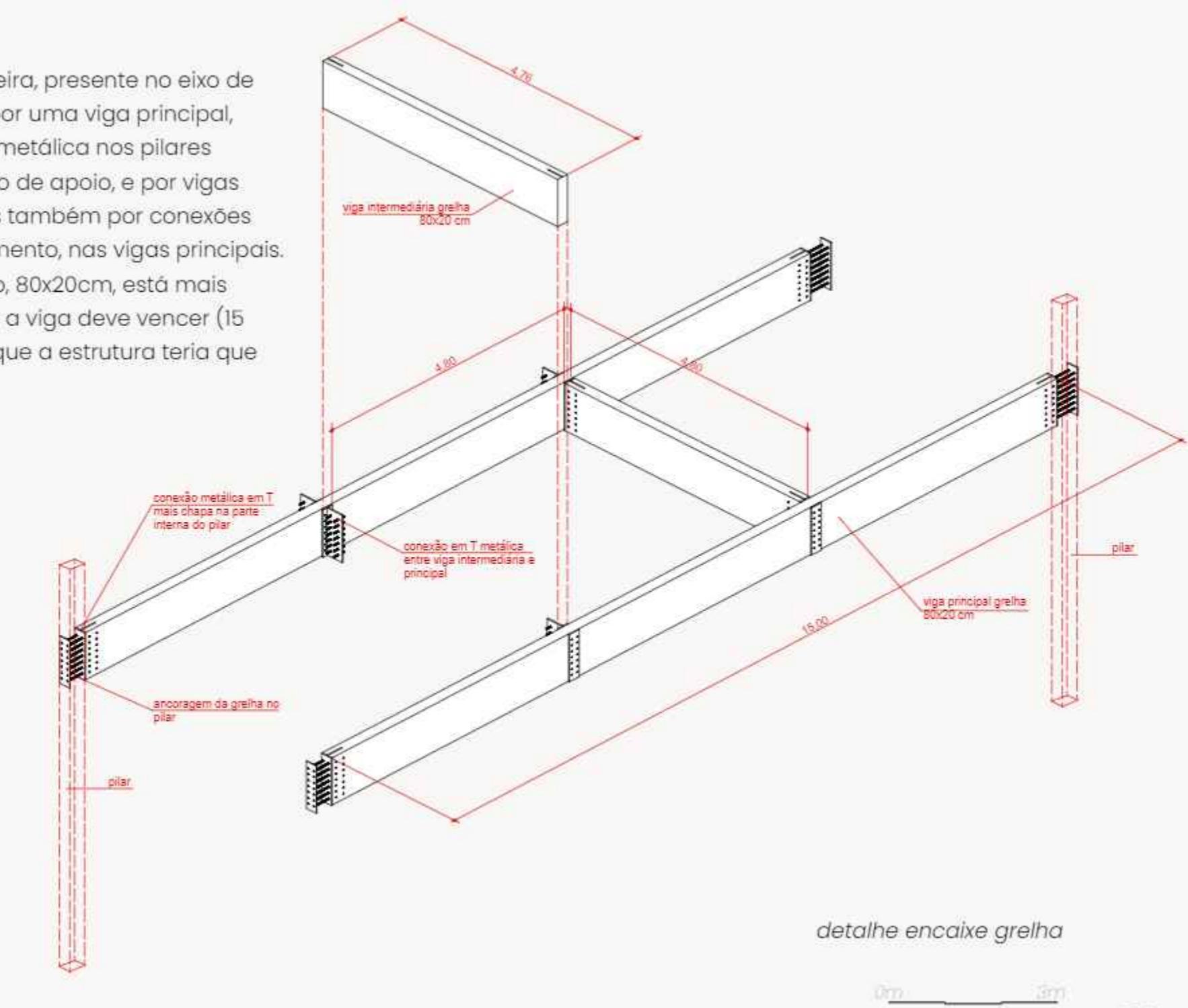


elevação sudeste

Tendo em vista a integração entre salão de festa e praça, foi utilizado portas camarão em madeira e vidro, em toda a fachada voltada para a praça, podendo integrá-los em totalidade. Além disso, nas fachadas onde não tem acesso, é usado até meia altura a pedra assentada, fazendo referência à procissão das pedras da igreja.



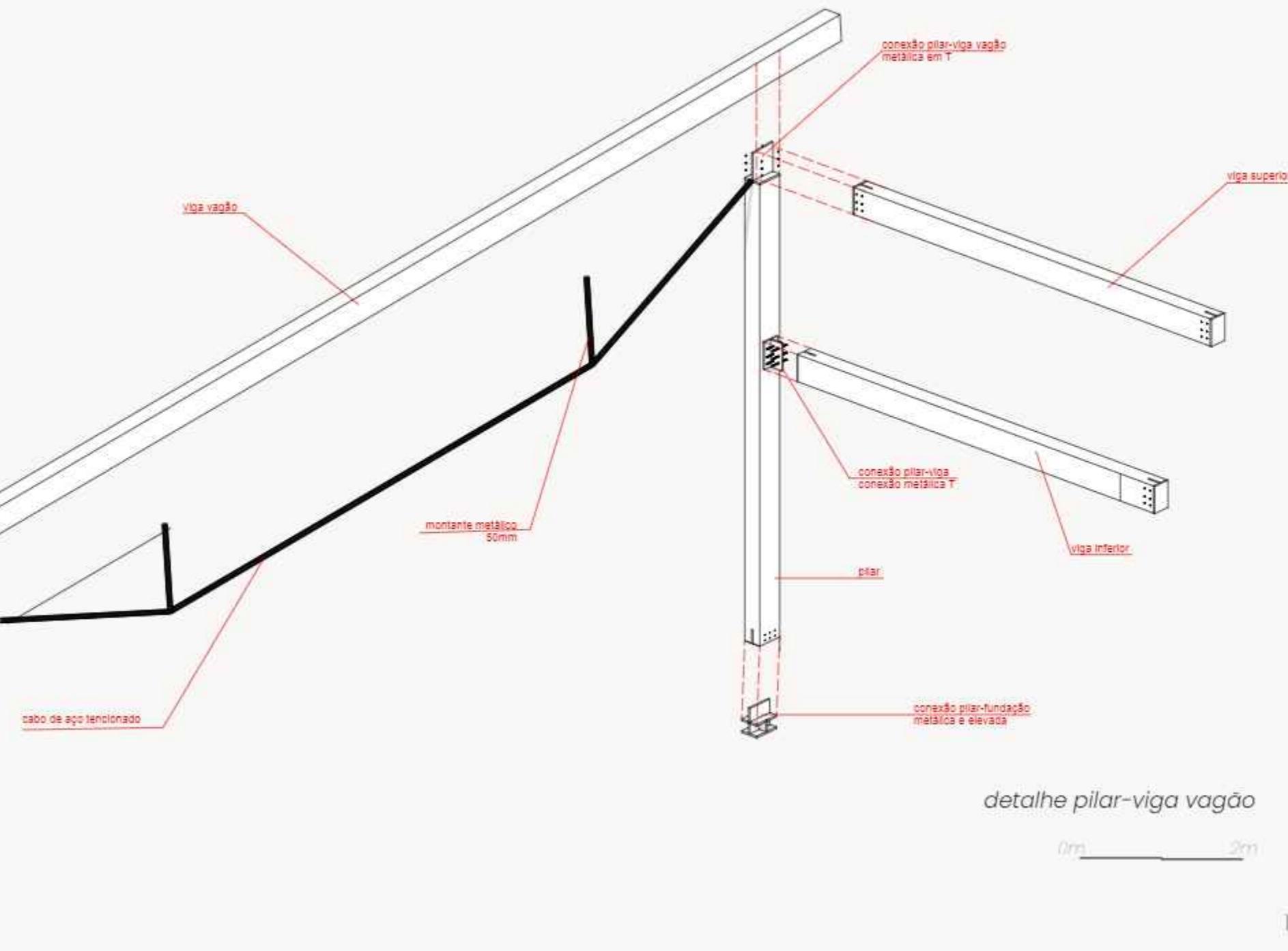
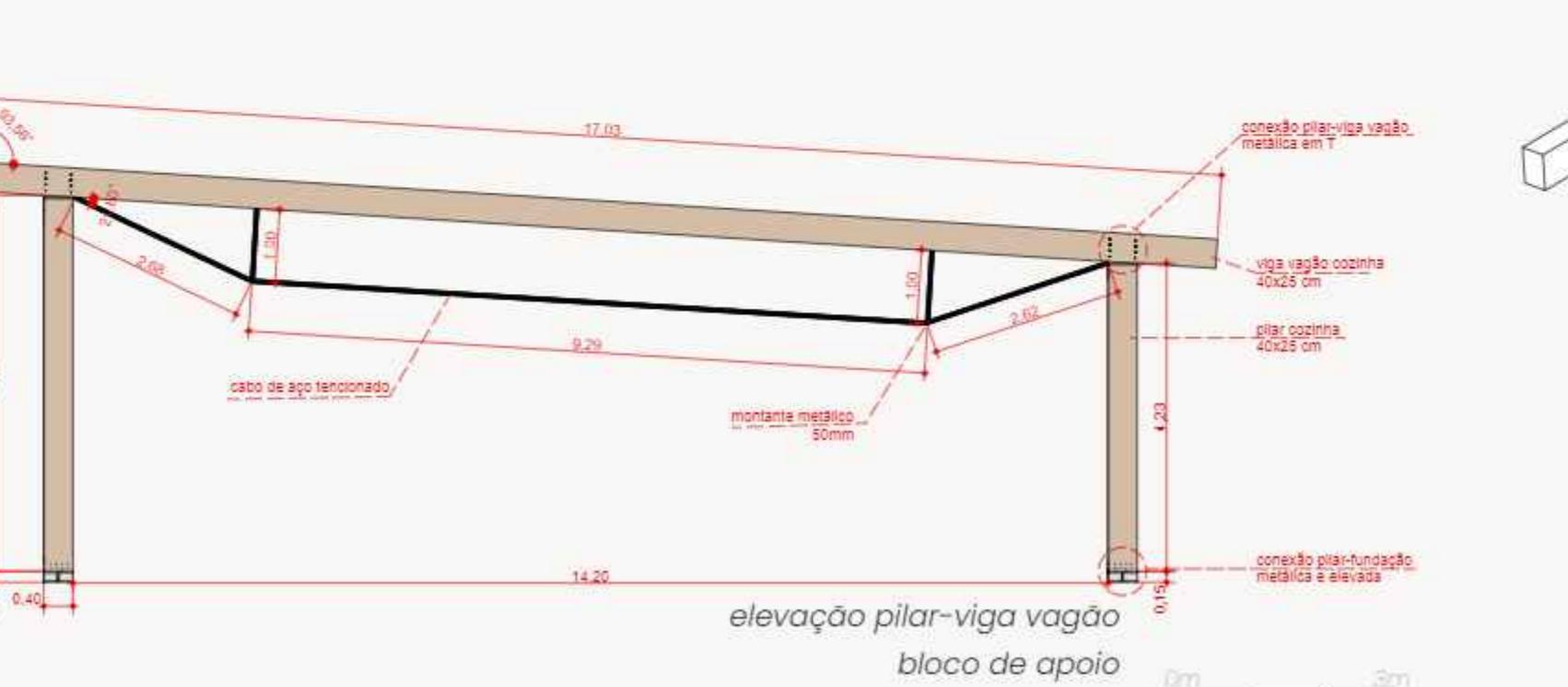
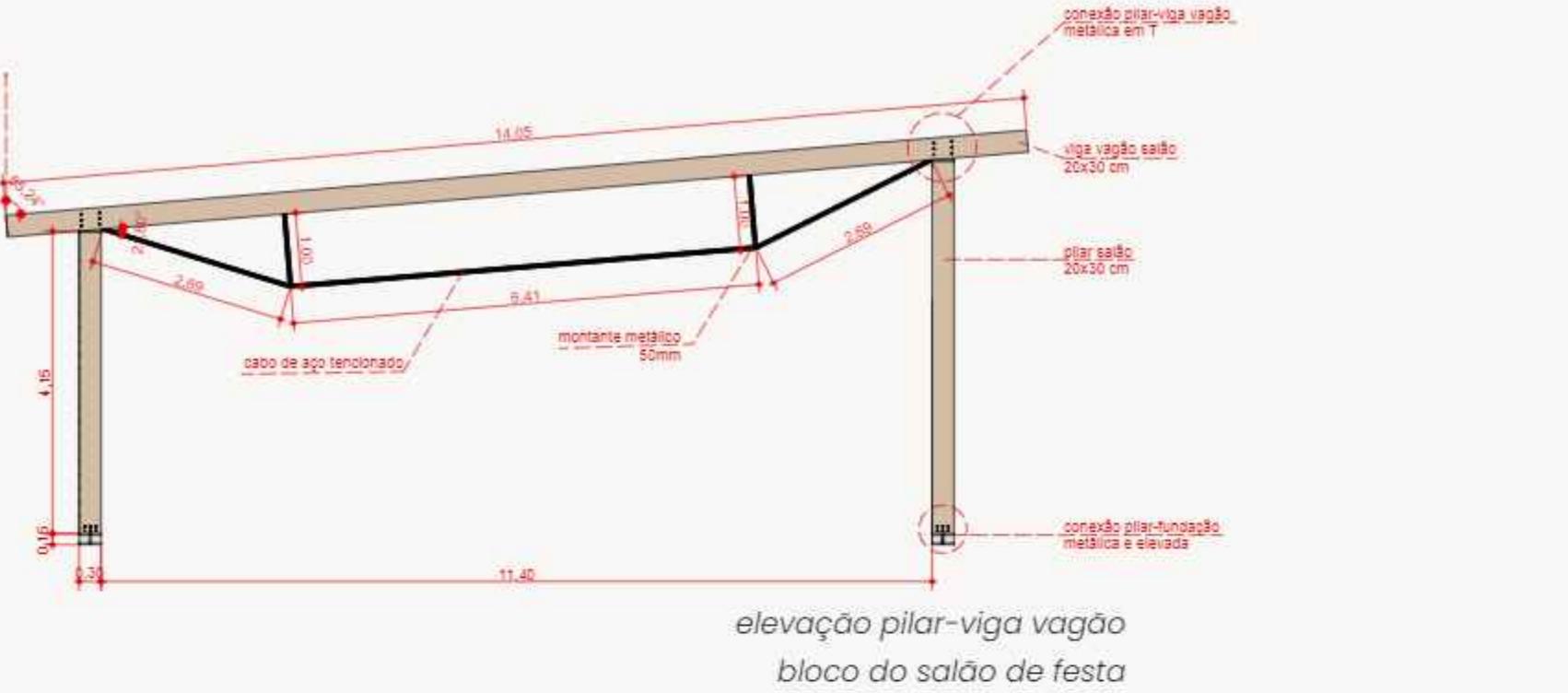
A grelha em madeira, presente no eixo de passagem, é formada por uma viga principal, ancorada por conexão metálica nos pilares dos blocos do salão e no de apoio, e por vigas secundárias, ancoradas também por conexões metálicas T e parafusamento, nas vigas principais. O seu dimensionamento, 80x20cm, está mais relacionada ao vão que a viga deve vencer (15 metros) e não a carga que a estrutura teria que suportar.



Já com relação aos pórticos dos blocos, as vigas superiores da viga vagão possuem um dimensionamento diferente, por conta do vão que cada uma deve vencer. Nelas há dois montantes metálicos, tensionados por um cabo de aço. A viga vagão se conecta ao pilar por uma conexão metálica de topo e parafusamento.

Já o pilar é conectado na fundação por meio de uma conexão metálica, chumbada à fundação, que eleva o pilar do solo, evitando o contato da madeira com a umidade.

Os pórticos se conectam por meio de vigas de 20x30cm, conectados por uma ligação metálica em T no pilar dos pórticos.





eixo livre do salão de festas.



eixo livre do salão de festas em dias de evento.



salão de festas.

frente autora, 2023

## 7.6 paisagem

Com relação à paisagem, cuidou-se para que houvesse um sombreamento adequado em alguns pontos do projeto, principalmente na área do carteado. Além disso, buscou-se deixar a fachada da igreja com um visual livre. Vale também ressaltar que, há uma espécie específica na praça, o cipó de São João, que tem a sua floração na época de junho/julho, próximo as quermesses. Dessa forma, ela funcionará como um aviso que as celebrações na praça estão se aproximando.

A listagem das espécies está relacionada na tabela abaixo, com as hachuras específicas de cada uma, presente nas plantas. Sua numeração faz referência a sua localização no disco composto.



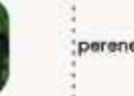
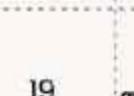
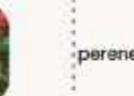
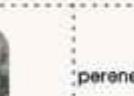
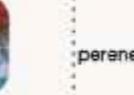
Foto: autora, 2023

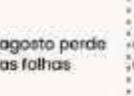


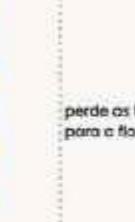


tabela de espécies

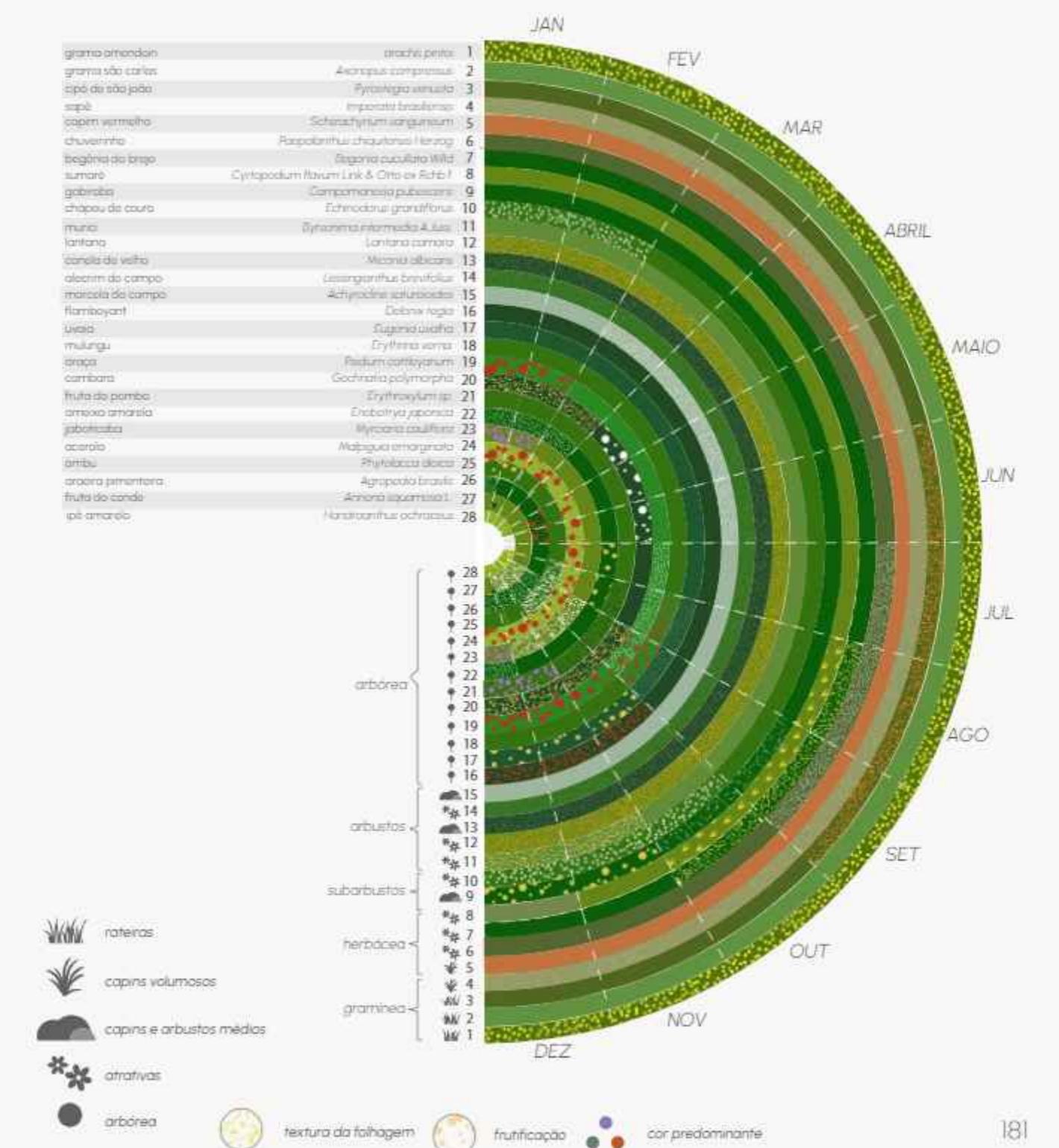
número	nome popular	nome científico	foto	estacionalidade	porte	características	tipo	terreno	florção	frutificação	outros
1	gramo amendoin	<i>Arachis pintoi</i>		perene	20 cm	rasteira	herbácea	campos e savanas	ano todo		
2	gramo são carlos	<i>Axonopus compressus</i>		perene		rasteiras	gramínea				
3	clipó de são joão	<i>Pyrostegia venusta</i>		perene	até 10 m de comprimento	rasteira	trepadeira herbácea	campos e savanas	inverno e primavera		
4	sapé	<i>Imperata brasiliensis</i>		perene	20 a 52 cm	capim volumoso	gramínea	campos abertos e restinga	florção primavera (plumagem)		
5	capim vermelho	<i>Schizachyrium sanguineum</i>		perene	40 a 120 cm	capim volumoso	herbácea	campos e savanas	abril a maio (pluma vermelha)		
6	chuveirinho	<i>Paspalanthus chiquitensis Herzog</i>		anual	até 1 m	atrativas	herbácea	cerrado, caatinga e Mata Atlântica	inverno (flor branca)		
7	begônia do brejo	<i>Begonia cucullata Willd.</i>		perene	até 1 metro	atrativas	herbácea	campos do cerrado	primavera		
8	sumaré	<i>Cyperus flavidus Link &amp; Otto ex Achb. f.</i>		perene	40 cm	atrativas	herbácea	cerrado em rochas e áreas mais úmidas	primavera		
9	gabiôba	<i>Campanula pubescens</i>		perene	até 1,50 m	arbusto médio	subarbusto	pode ser encontrada da Mata Grosso ao Paraná	setembro a novembro (flor branca)	novembro - dezembro	

10	chápeu de couro	<i>Echinodorus grandifolius</i>		perene	até 1 metro	atrativas	subarbusto	cerrado em áreas alagadiças	primavera e verão (flor branca)	O chá de suas folhas é um dos mais populares como diurético e depurativo do organismo		
11	murici	<i>Byrsonima intermedia A.Juss.</i>		perene	até 1,5m	atrativas	arbustiva	cerrado de são paulo a minas gerais	cachos amarelas- de outubro a novembro	as folhas são usadas como medicina caseira (cicatrizantes e tratar diarreia). Os frutos são usados para fazer licor		
12	tantana	<i>Lantana camara</i>		perene	até 1,2m	atrativas	arbustiva	pode ser encontrada em todo o Brasil	florece no ano inteiro			
13	canela de velho	<i>Aframomia缶aibicans</i>		perene	até 2 metros	arbusto médios	arbustiva	pode ser encontrado em todo o Brasil, do cerrado a restinga	ano todo (flor branca)	ano todo	seu chá é indicado para artrite	
14	alecrim do campo	<i>Lessingianthus brevifolius</i>		perene	30 cm	atrativas	arbustiva	campos e savanas	final de março e junho			
15	marcela do campo	<i>Aphyllacina scutellifolia</i>		biel	até 1 m	arbusto médios	arbustiva	Cerrados e campos	março a junho (flor branca)			
16	flamboyant	<i>Delonix regia</i>		perene	altura:12 a 15 m coppa 20 a 25 m	arbórea	arbórea	cerrado	outubro a dezembro			
17	uvaia	<i>Eugenia uva-ursi</i>		perene	altura:8 a 10 m coppa 8 m	arbórea	arbórea	sudeste a sul do brasil	agosto e setembro (flor branca)	setembro a janeiro	alto teor de vitamina C	

18	mulungu	<i>Erythrina verna</i>		agosto perde as folhas	altura:15 m coppa 10 m	arbórea	arbórea	nordeste, sudeste	agosto a setembro	outubro a novembro	fruta rica em vitamina C		
19	araça	<i>Platymyrtus cattleyanum</i>		perene	altura: 3 a 6 m coppa 2 a 4 m	arbórea	arbórea	coatinga, cerrado e mata atlântica	junho a dezembro (flor branca)	dezembro a maio	fruta rica em vitamina C		
20	cambara	<i>Baehnia polymorpha</i>		semideciduo	altura: 8 a 10 m coppa: 8 m	arbórea	arbórea	coatinga e cerrado	setembro a abril	maio a maio (branca)	fruta rica em vitamina C		
21	fruta do pombo	<i>Erythroxylum sp.</i>		perene	altura: 2 a 3 m coppa: 2 a 4 m	arbórea	arbórea	sul, sudeste e centro-oeste do país	agosto a novembro	dezembro a fevereiro	fruta rica em vitamina C		
22	ameixa amarela	<i>Eriobotrya japonica</i>		perene	altura: 8 m coppa: 6 m	arbórea	arbórea			dezembro a fevereiro (flor branca)	julho a julho	fruta amarela, as folhas são usadas para decoração	
23	jaboticaba	<i>Myrciaria cauliflora</i>		perene	altura: 6 a 9 m coppa: 6 a 8 m	arbórea	arbórea	mata atlântica	primavera a verão (flor branca)	dezembro a fevereiro	fruta rica em vitamina C		
24	acerola	<i>Malpighia emarginata</i>		perene	altura: 3 m coppa: 4 m	arbórea	arbórea	américa central e norte da américa do sul	ano todo (flor branca)	dezembro a fevereiro	fruta rica em vitamina C		
25	ombu	<i>Phytolacca dioica</i>		perene	altura: 12 a 15 m coppa: 7 a 10 m	arbórea	arbórea	cerrado e coatinga	setembro a novembro (flor branca)	janeiro a fevereiro	fruta rica em vitamina C		

26	araeira pimenteira	<i>Agropedia brasiliensis</i>		perene	altura: 5 a 10 m coppa: 10 m	arbórea	arbórea	mata atlântica e pampa	setembro à janeiro	maio à junho	frutos são comercializados como pimenta rosa e suas folhas atraem abelhas como a jataí	
27	fruta do conde	<i>Annona squamosa L.</i>		perene	altura: 4 a 6 m coppa: 6 m	arbórea	arbórea	américa central	primavera	primavera/verão	fruto consumido in natura	
28	ipê amarelo	<i>Handroanthus ochraceus</i>		perde as folhas para a floração	altura: 6 a 15 m coppa: 6 a 10 m	arbórea	arbórea	cerrado	agosto à setembro			

fonte das imagens: compilação da autora.<sup>4</sup>



<sup>4</sup> Imagens retiradas do site do projeto Cerrado Infinito (Caballero, s.d.) e (SARTORELLI E CAMPOS FILHO, 2017)

## 7.7 iluminação

Para a iluminação da praça, foi colocado uma calha de led junto a fachada da igreja iluminando-a, e acompanhando o eixo de água do projeto. Os postes estão espaçados em um raio de 15 metros, e os balizadores estão dispostos na parte da frente e nas laterais da praça. Foi previsto iluminação interna para o salão de festa e para o bloco de apoio, bem como limitações cênicas, acompanhando o ritmo dos pilares:

- poste projetado
- balizador projetado
- spot embutido de solo 8w
- spot embutido de solo 1 facho 3w
- calha com perfil com fita led
- fita de led instalada na cobertura
- lampada de led interna 15W
- refletor 50W



planta de iluminação



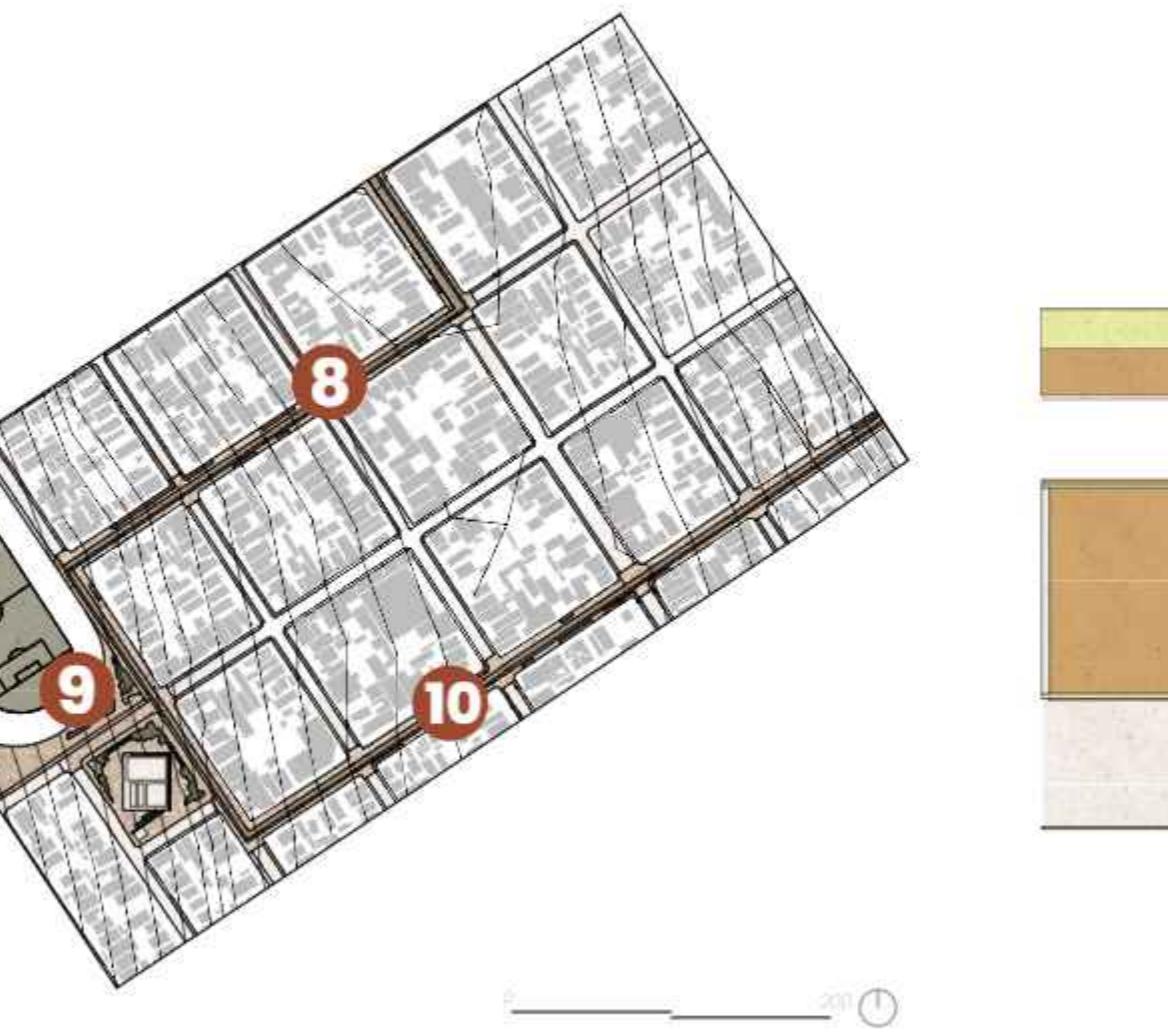


fonte: autora, 2023

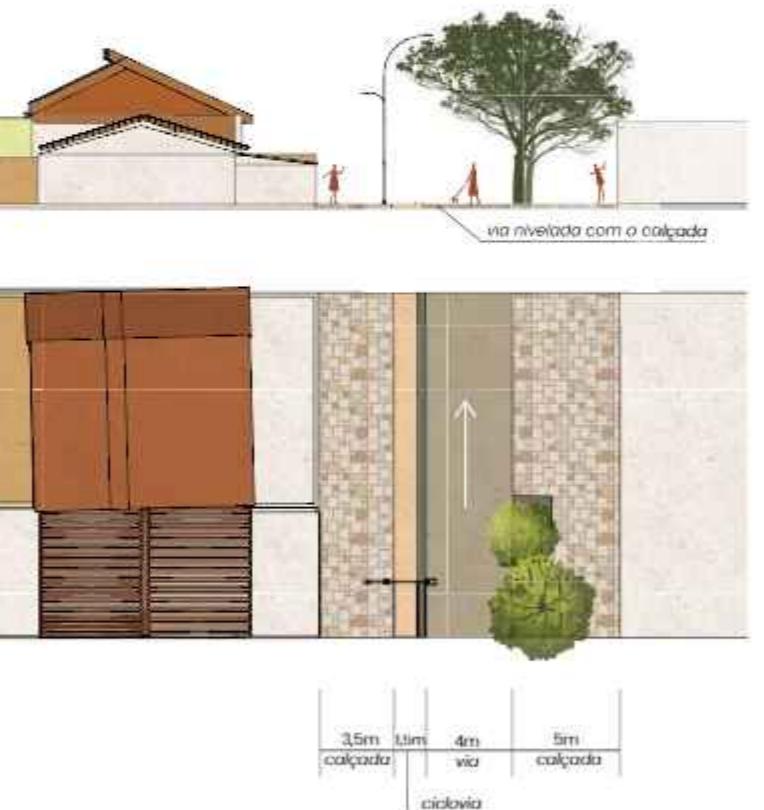
fonte: autora, 2023

## Trecho 2

No trecho 2 se destaca o Estádio Municipal Luizão e a FESC, portanto a escolha desse trecho foi, além de enaltecer o esporte, garantir para que novas vivências surjam e se ancorem no bairro, tendo em vista que, esse trecho compõe a conformação mais nova da grande Vila Prado, dando um novo programa para a praça presidente Castelo Branco, que se conecte com essa temática aqui enfatizada. O piso compreende as paginações mais novas e o ponto focal do trajeto foi o Luizão.



## 8 Rua Benjamin Constant e Rua Pio X

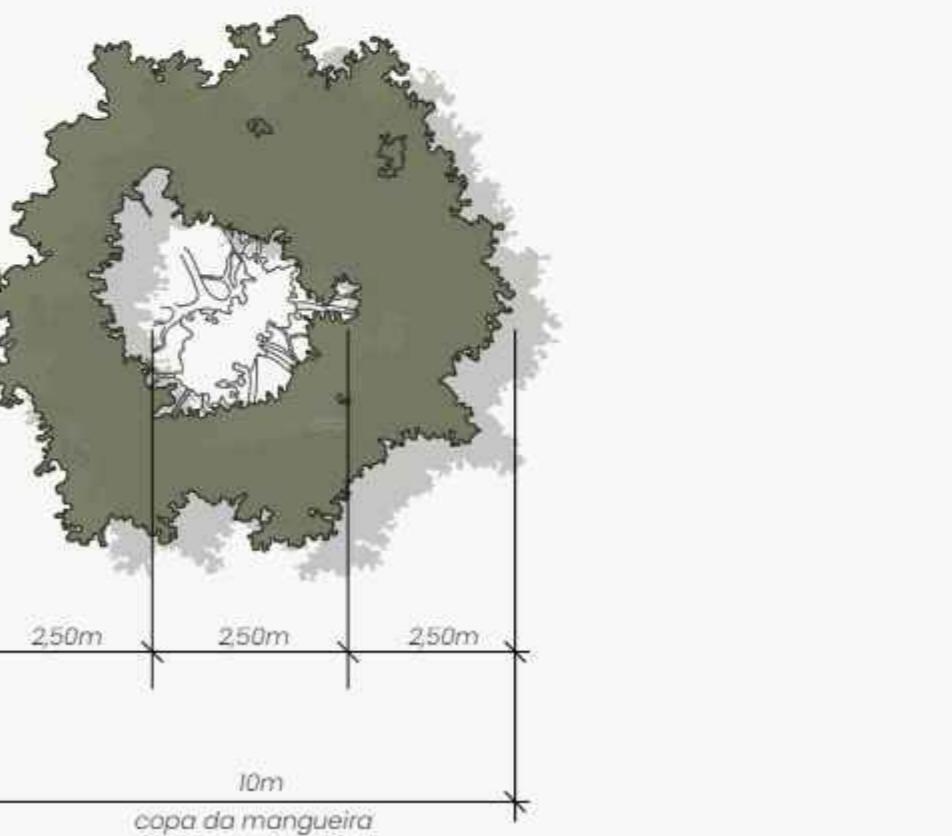


## 9

## Praça Presidente Castelo Branco

Na praça Presidente Castelo Branco, há nela um ponto atrativo forte, o estádio do Luisão. Durante as entrevistas feitas aos moradores e nas crônicas encontradas sobre o bairro, foi possível levantar as pre-existências desse espaço, que durante o tempo, acabou se perdendo nas camadas da cidade.

Dessa forma, o que foi relatado é que o espaço pertencia a uma fazenda de mangas, antes do



loteamento do bairro e que, no local onde hoje existe o estádio municipal, existia um campinho de terra batida, utilizada para jogos de várzea entre os bairros.

A partir disso, os eixos traçados no projeto, surgiram a partir das medidas da copa de uma mangueira.



## 9.1 programa

Dessa forma, foi estabelecido o programa da praça. Para ela, foi destinado um espaço de uso livre, que coubesse e se adaptasse a diversos programas, isso por conta dos usos mais sazonais que a praça possui hoje, subordinada aos dias de jogos no estádio. Além disso, assumindo que a cidade é um palimpsesto, como explicitado por Sandra Pesavento, sujeita a mudanças, com camadas sendo apagadas, para que outras surjam, um espaço de uso livre pode fazer com que essas novas vivências surjam e se ancoram.

Ademais, com a proximidade da praça com a FESC, que oferece práticas esportivas e cursos à comunidade, o espaço mais livre da praça pode ser utilizado pela entidade, como uma ativação à população, trazendo a prática esportiva para fora de seus muros.

Além disso, o programa e o projeto também buscaram respeitar a chegada ao estádio, ditados pelos seus portões de acesso, garantindo um fluxo livre aos torcedores.



## 9.2 o projeto

A partir disso, escolheu estruturar o projeto em três plataformas, circundadas por canteiro e escadas/arquibancadas, caracterizadas como um espaço de livre utilização. Neles há desenhos circulares que remetem a copa das mangueiras que um dia esteve nesse espaço.

Além disso, há canteiros de terra batida, rebaixados do nível da praça, onde estão as mangueiras plantadas. A terra batida, o pé vermelho dos moradores, também faz referência a



sombra que a mangueira produz no solo, impedindo que cresçam outras espécies no seu entorno. Esse mesmo canteiro de terra batida rebaixado também é posto circundando o estádio, fazendo referência ao antigo campinho que um dia ali existiu.

O piso de arenito vermelho, usado para demarcar as camadas características de cada espaço, demarca na praça as copas da mangueira desenhada no chão e os canteiros de terra batida. No lado do estádio, buscou trazer uma alameda de árvores, que trazem ritmo e demarcam as entradas do mesmo.



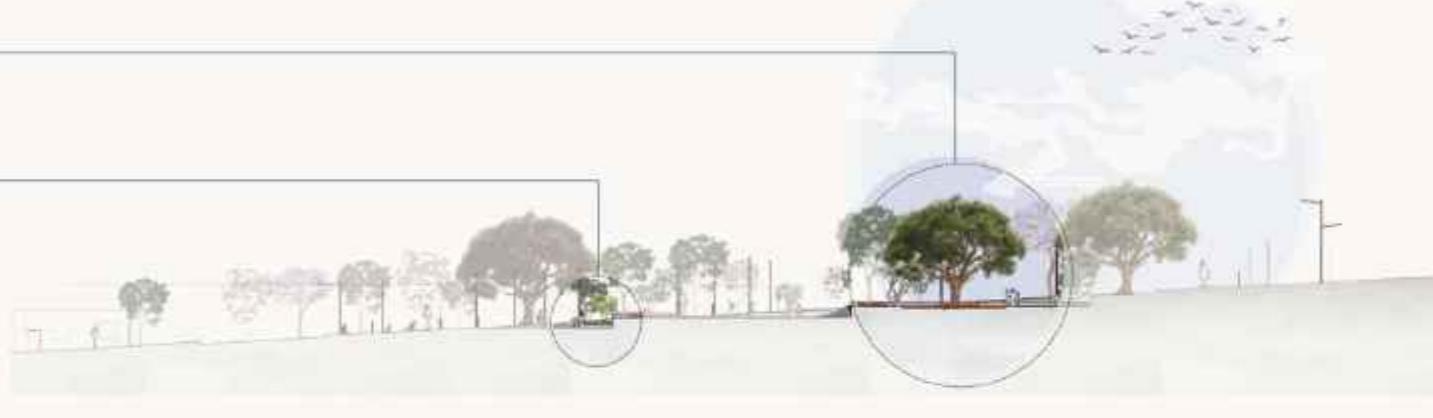
0m

25m



corte LL

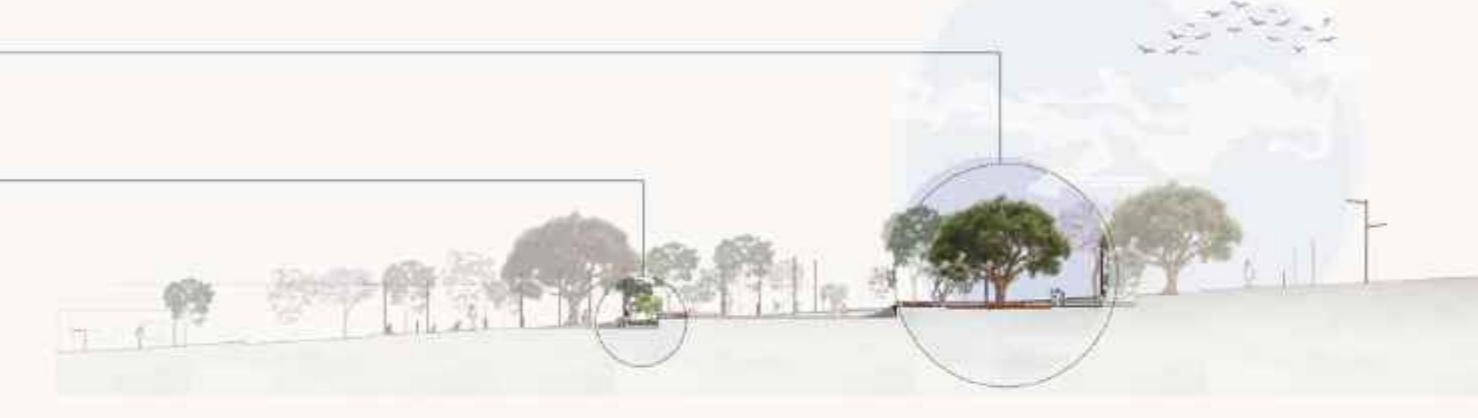
mangueiras no canteiro rebaixado  
canteiros com bancos



corte LL

mobiliário de apoio  
escada arquibancada

acesso do estádio



corte LL



corte LL

## 9.2 elementos

A lógica dos outros espaços se mantiveram aqui, os bancos foram dispostos de maneira a permitir triangulação de conversas, as lixeiras estão dispostas a cada 20 metros, e os bicicletários estão localizados nas "entradas" da praça.

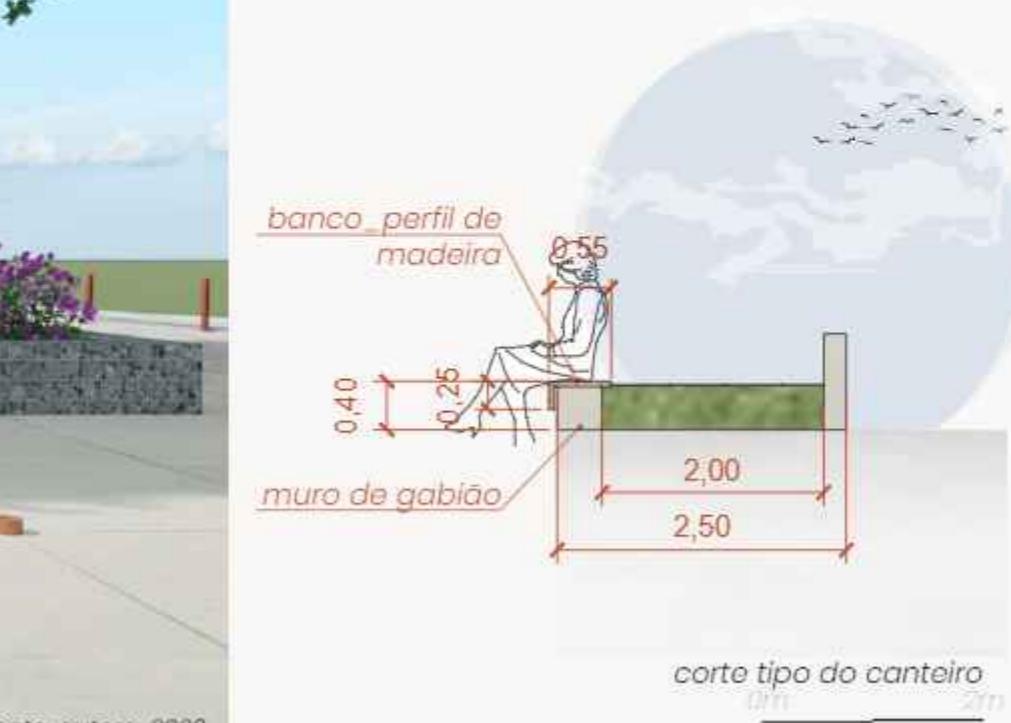
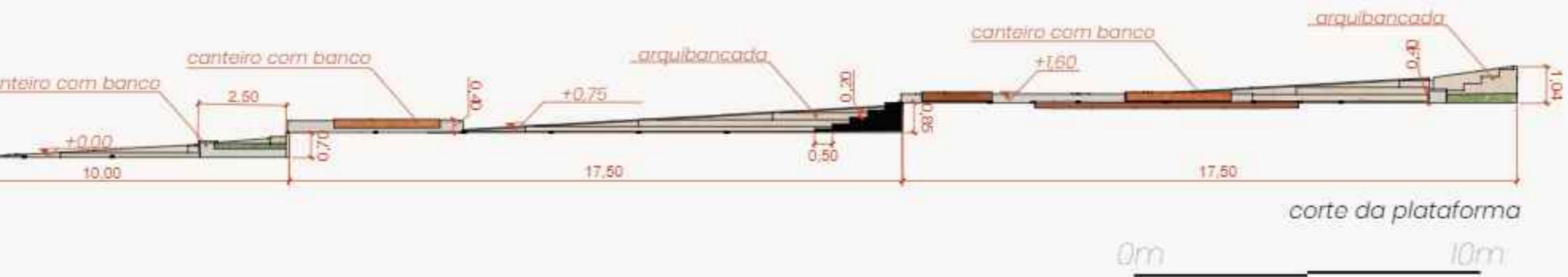
Por conta dos platôs existentes, foram alocados canteiros com bancos e escadas que funcionam como arquibancadas, além dos pisos de terra batida rebaixados.

- banco projetado
- lixeira
- bicicletário
- canteiro com banco
- arquibancada
- terra batida rebaixada



As plataformas são postas a partir das curvas de nível existentes da praça, organizadas em três níveis distintos, circundadas pelas arquibancadas e canteiros elevados com bancos. Esses canteiros elevados são feitos a partir de muro de gabião, elemento já usado em outros pontos do projeto. A existência de canteiros nesses pontos também é importante para o sombreamento das plataformas.

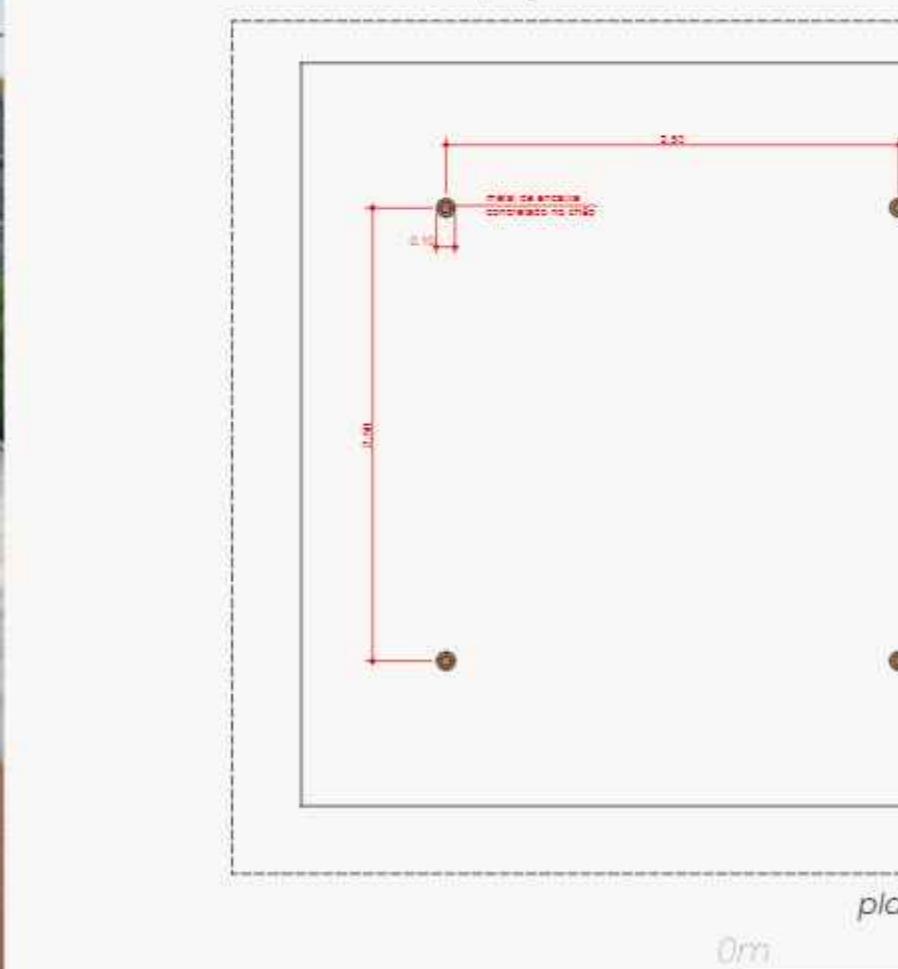
Vale também ressaltar que, mesmo que existam as escadas de acesso, as plataformas são acessíveis por algum ponto, que se junta no mesmo nível da praça.





Como já explicado anteriormente, os pisos rebaixados possuem terra batida, e representam o chão em volta das mangueiras e o antigo campinho, evidenciam as pré-existências do espaço.

A escolha por ser rebaixado vem por conta da terra, que ao entrar em contato com a chuva, tem um espaço de contenção.

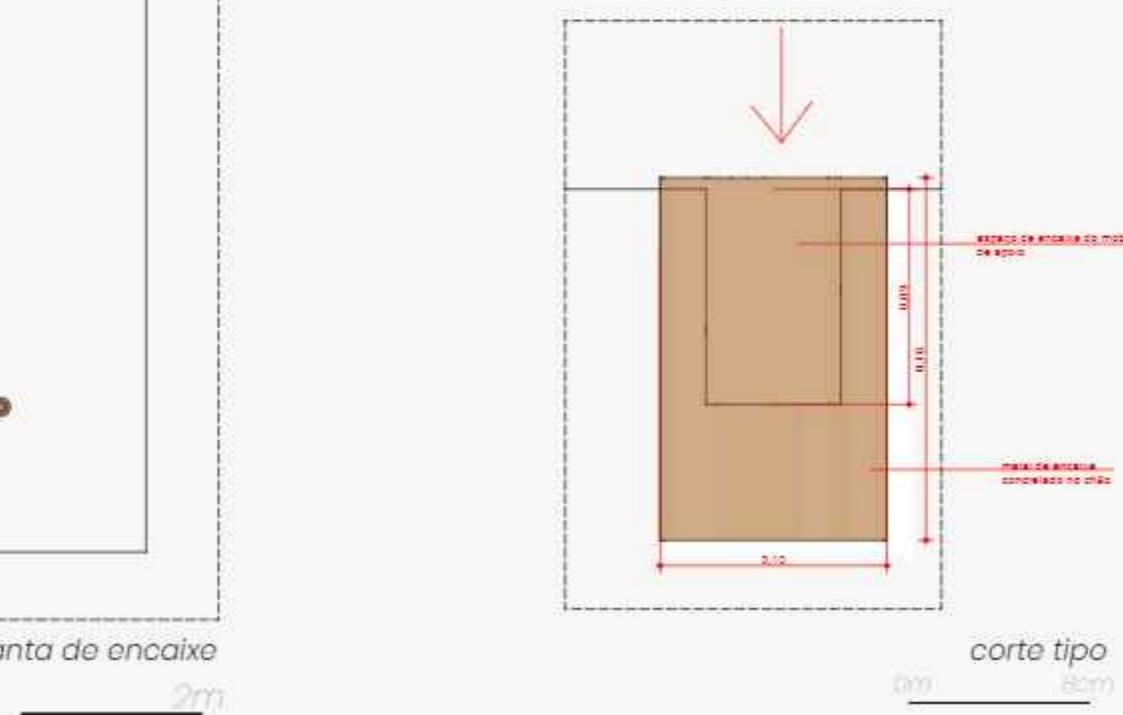


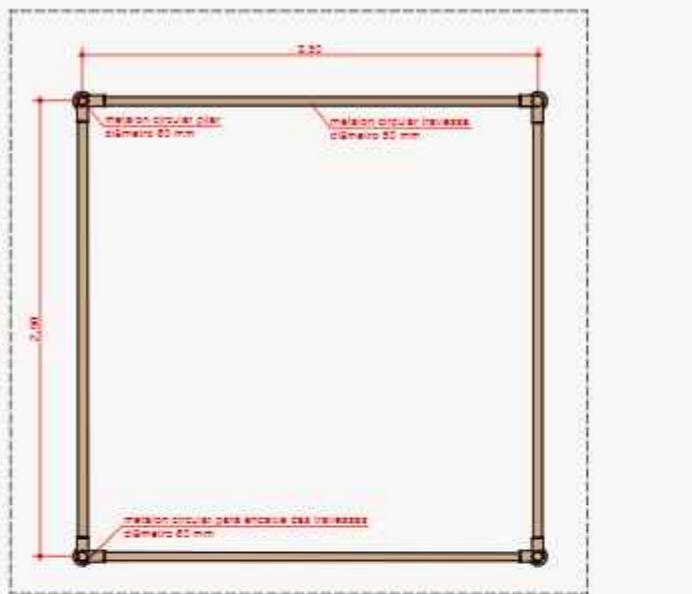
## 9.3 mobiliário

Tendo em vista o uso livre que o espaço se propõe a ter, foi projetado para as plataformas, um sistema que possa receber diversos tipos de mobiliários sazonais.

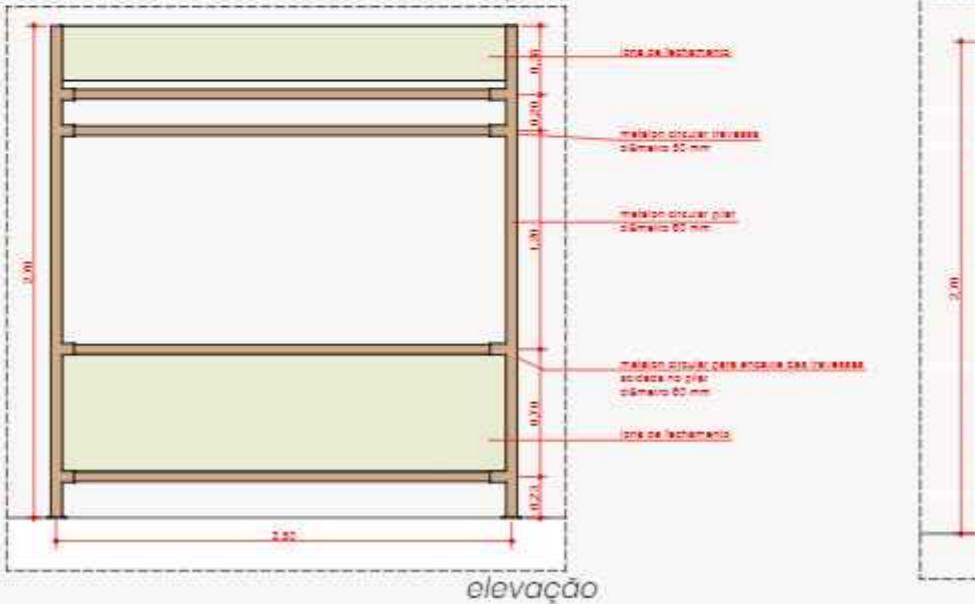
Ele funciona a partir de um pequeno furo no chão, onde o mobiliário pode ser encaixado, dispostos a cada 2,50 metros.

Dessa forma foi projetado barracas de feira, pensadas

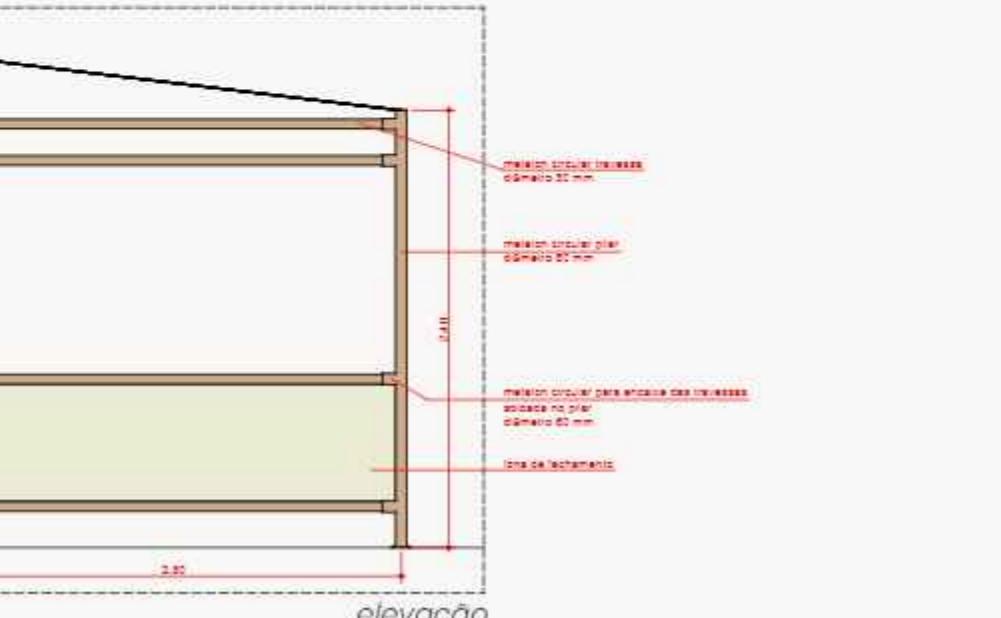




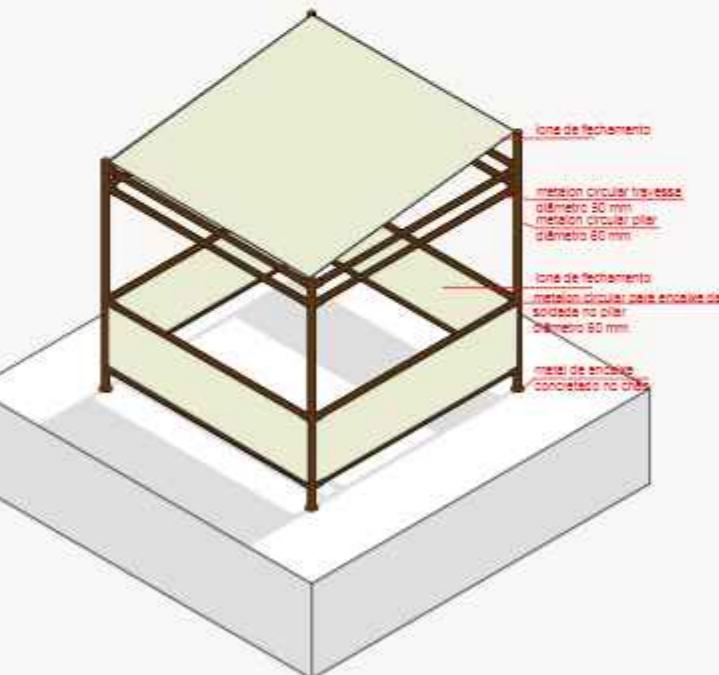
planta



elevação

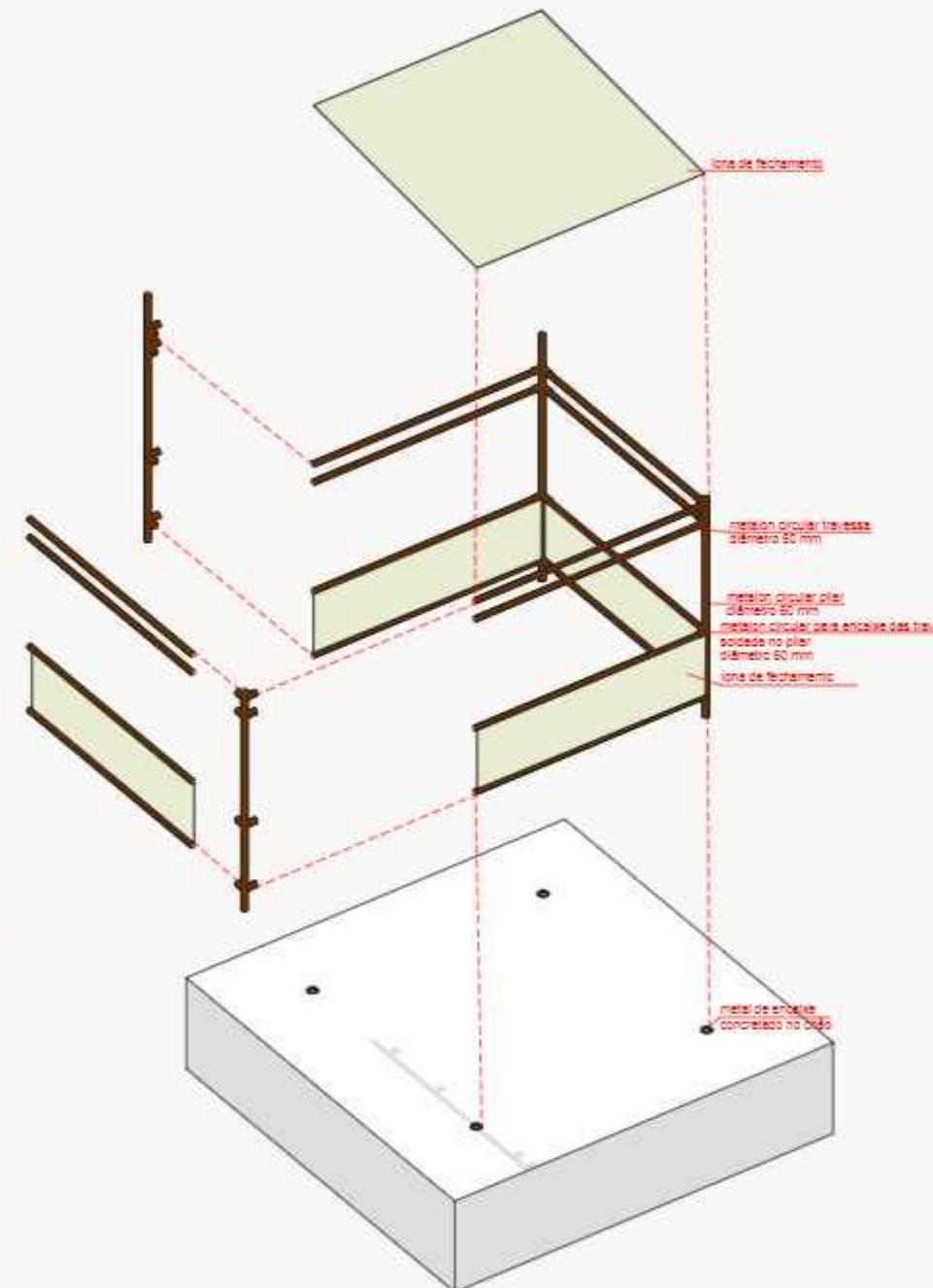


elevação



isométrica

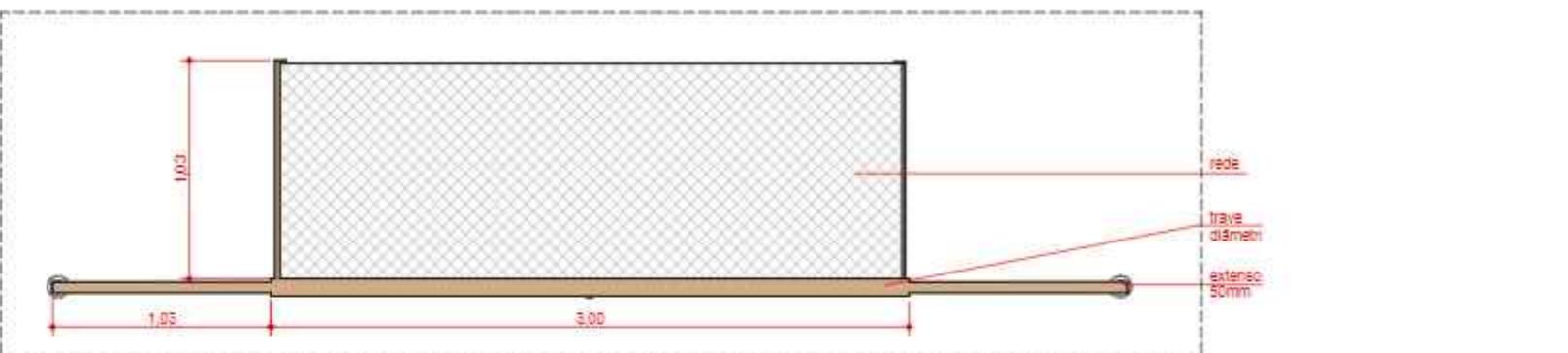
sem escala.



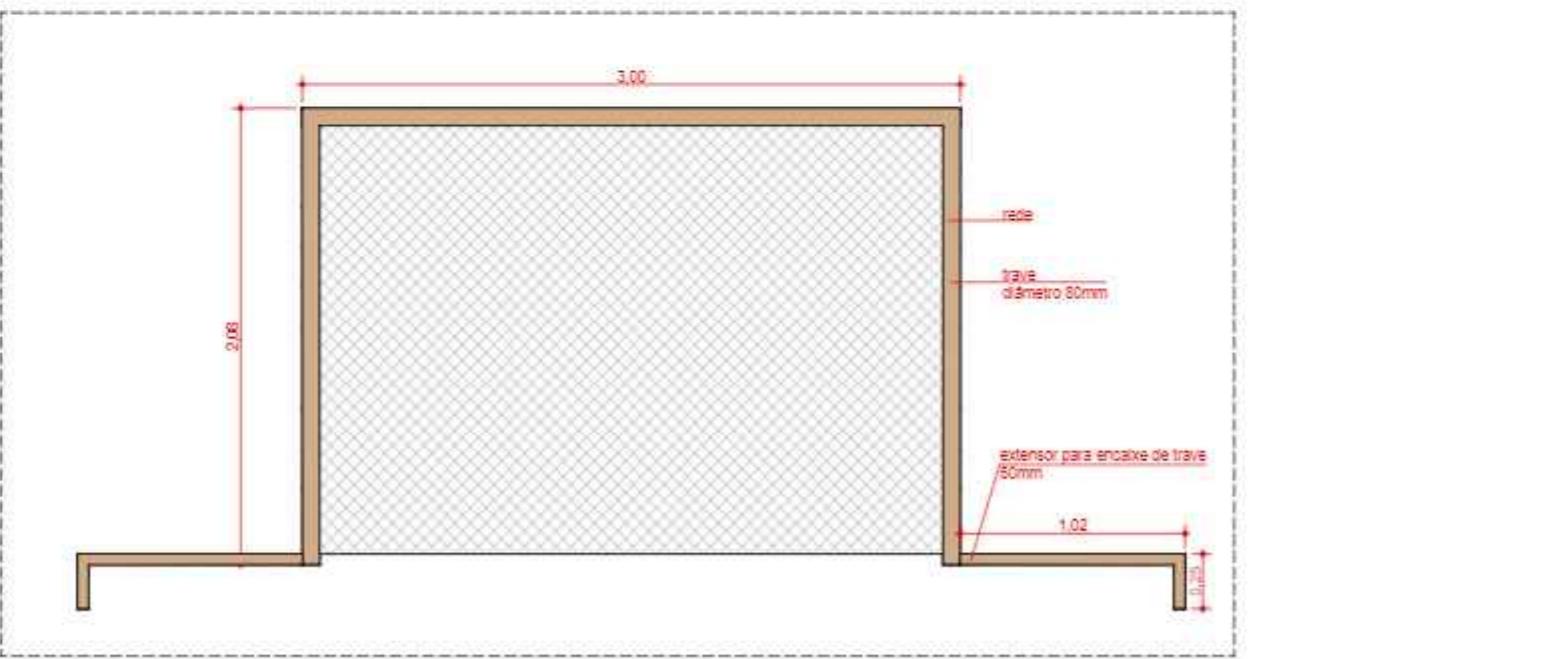
isométrica explodida

sem escala.

trave



planta

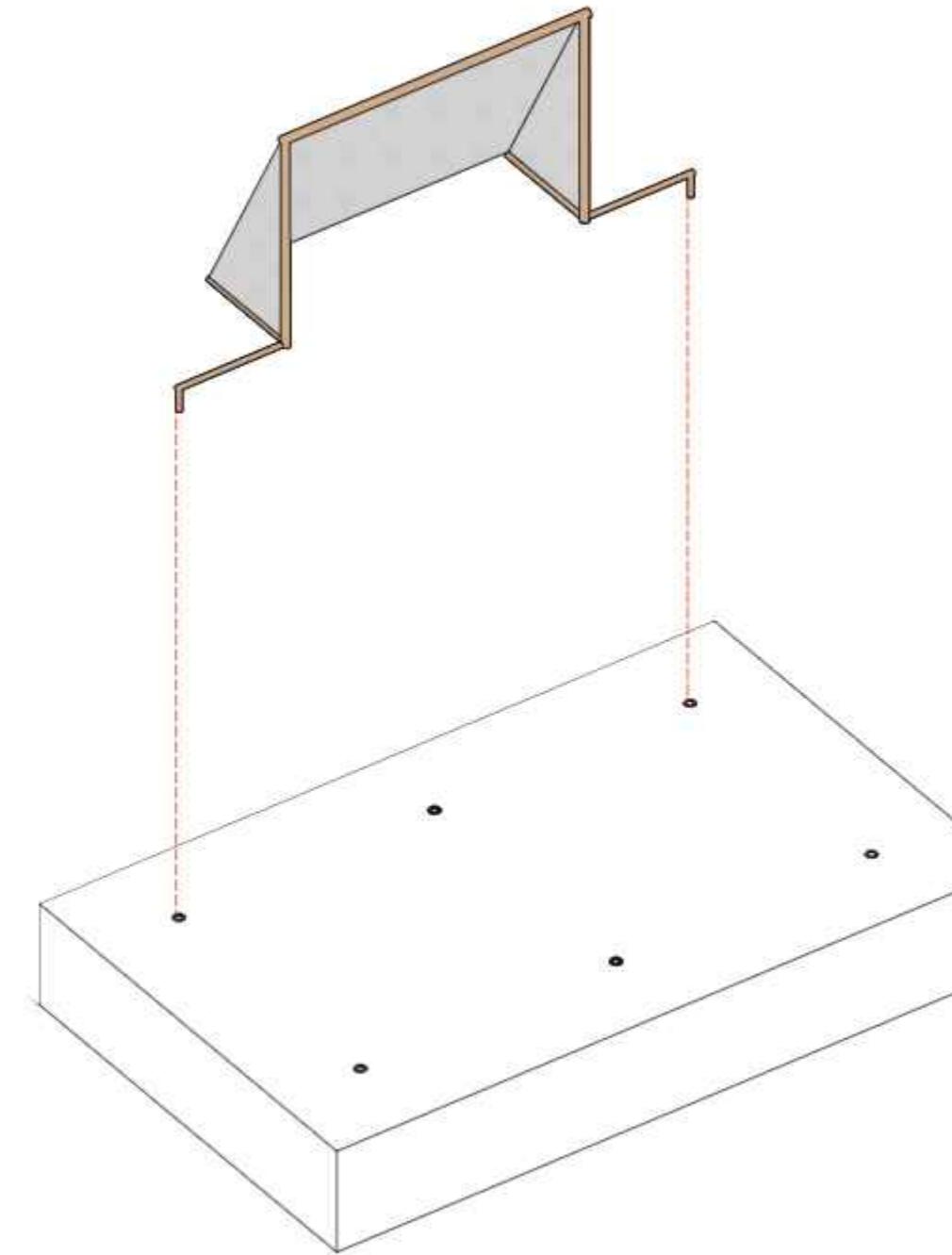


elevação



elevação

0m 2m



isométrica  
sem escala



204

uso cotidiano



uso por feiras



outro uso

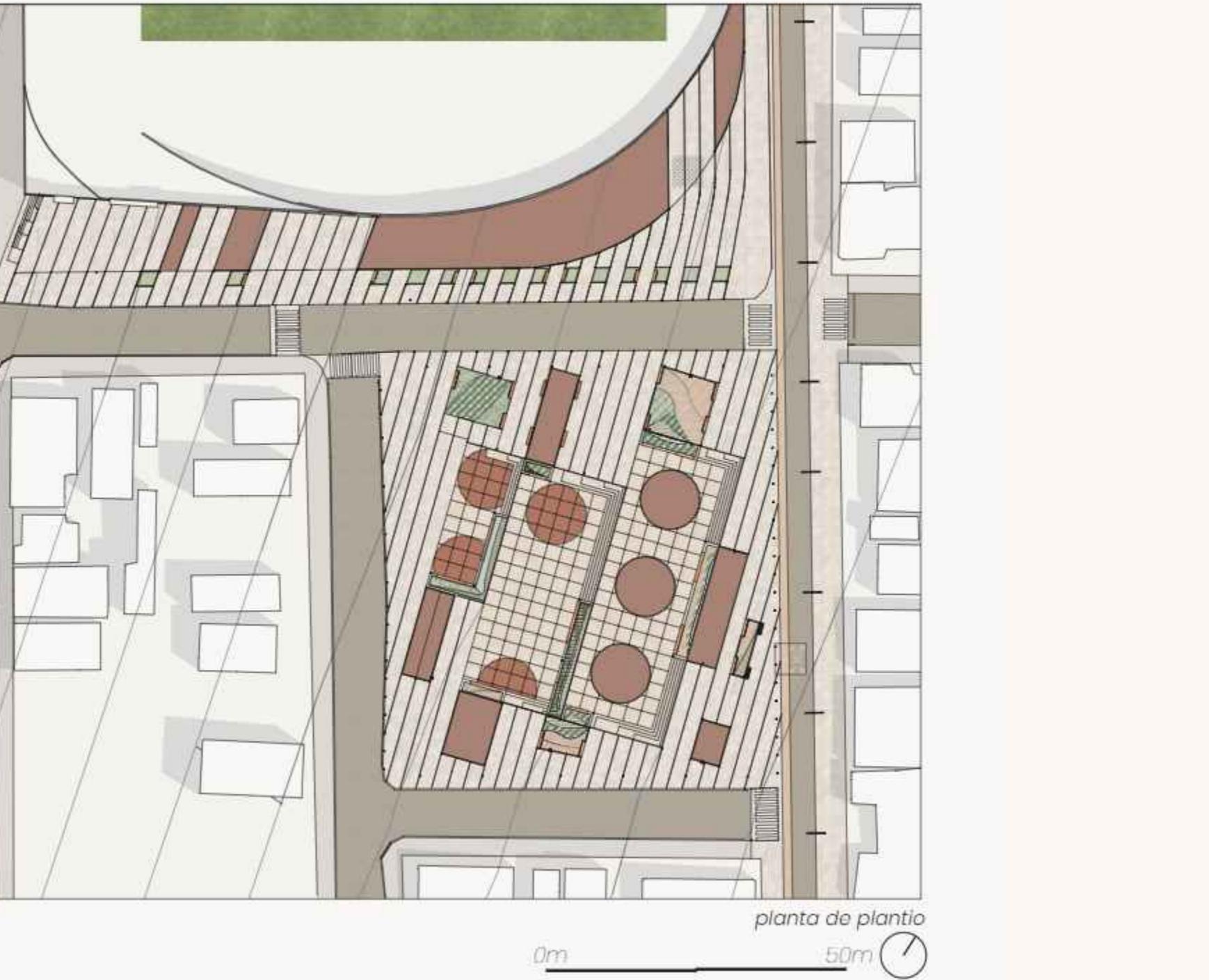
205



## 9.4 paisagem

Com relação à paisagem da praça, o elemento central é a mangueira, elemento que faz parte das pré-existências da praça. Além disso, foram colocadas árvores para garantir o sombreamento.

Já no lado do estádio municipal, as árvores foram colocadas de forma a organizarem e centralizarem as entradas dele. A listagem das espécies está relacionada na tabela abaixo, com as hachuras específicas de cada uma, presente nas plantas. Sua numeração faz referência à sua localização no disco composto.



0m

50m

0m

50m



0m

50m

0m

50m

# tabela de espécies

número	nome popular	nome científico	foto	sazonalidade	porte	características	tipo	terreno	floração	fruto	outros usos	
1	gramo são carlos	<i>Axonopus compressus</i>		perene		rasteiras	gramínea					
2	sapé	<i>Imperata brasiliensis</i>		perene	20 à 52 cm	capim volumoso	gramínea	campos abertos; restinga	floração perene (pluma branca)		quando secos, é utilizado em telhados e coberturas	
3	Picão vermelho	<i>Bidens gardneri Baker</i>		perene	50 cm	atrativas	herbácea	campos, savanas e florestais	ano todo			
4	capim barba de bode	<i>Arctagia jubata</i>		perene	40 à 80 cm	capim volumoso	herbácea	do mato grosso do rio grande do sul	setembro à junho		planta resistente e ornamental	
5	capim rebo de burro	<i>Schizachyrium condensatum</i>		perene	35 à 110 cm	capim volumoso	herbácea	em toda a américa	ano todo		permite uma boa cobertura e estabilização do solo	
6	chuveirinho	<i>Poepelanthus chiquitensis Herzog</i>		anual	até 1 m	atrativas	herbácea	cerrado, caatinga e mata atlântica	inverno (flor branca)		sus flores secas são comercializadas	
7	Alecrim do Campo	<i>Lessingianthus brevifolius</i>		perene	30 cm	atrativas	arbustiva	campos e savanas	final de março e inicio de junho			
8	assa de peixe roxo	<i>Lessingianthus globatus</i>		perene	100 cm	arbustos médios	arbustiva	centro-oeste, sul e sudeste	ano todo		os flores atraem abelhas e borboletas	

9	canela de ema	<i>Vellereia squamata</i>		perene	50 a 200 cm	atrativas	arbustiva	cerrado	abril a junho			
10	marcela de campo	<i>Achyranthes satureoides</i>		bienal	até 1 m	arbusto médio	arbustiva	cerrados e campos	março a junho (flor branca)			
11	tantana roxa	<i>Lantana camara</i>		perene	até 1,2m	atrativas	arbustiva	pode ser encontrada em todo o brasil	flor roxa ou azul			
12	mangueira	<i>Mangifera indica L.</i>		perene	altura: 15 m copa: 10 m		arbórea		outono e inverno	principais verdes		
13	fruta do pombo	<i>Erythroxylum sp.</i>		perene	altura: 2 a 3 m copa: 2 a 4 m		arbórea	sul, sudeste e centro-oeste do país	agosto a novembro	novembro a dezembro		
14	araça	<i>Pandanus tectorius</i>		perene	altura: 3 a 6 m copa: 2 a 4 m		arbórea	caatinga, cerrado e mata atlântica	julho a dezembro (fr. branco)	dezembro a fevereiro		
15	dedaleiro	<i>Lafoensis Pauciflora</i>		perene	altura: 5 a 18 m copa: 10 m		arbórea	mato grosso do sul, mato grosso, goiás, pará, santo antônio, são paulo	outubro a dezembro	dezembro		
16	oraíba pimenteira	<i>Agropedia brasiliensis</i>		perene	altura: 5 a 10 m copa: 10 m		arbórea	mata atlântica e pampa	setembro a janeiro	maio a julho		

uso medicinal na medicina popular é usada anti-inflamatória, nortamento de contusões e dores em geral



uso alimentar, anti-estético, anti-inflamatória, anti-alérgica, anti-estresse, anti-tumoral



uso medicinal, anti-estético, anti-inflamatória, anti-alérgica, anti-estresse, anti-tumoral

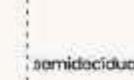
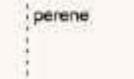


uso medicinal, anti-estético, anti-inflamatória, anti-alérgica, anti-estresse, anti-tumoral



uso medicinal, anti-estético, anti-inflamatória, anti-alérgica, anti-estresse, anti-tumoral



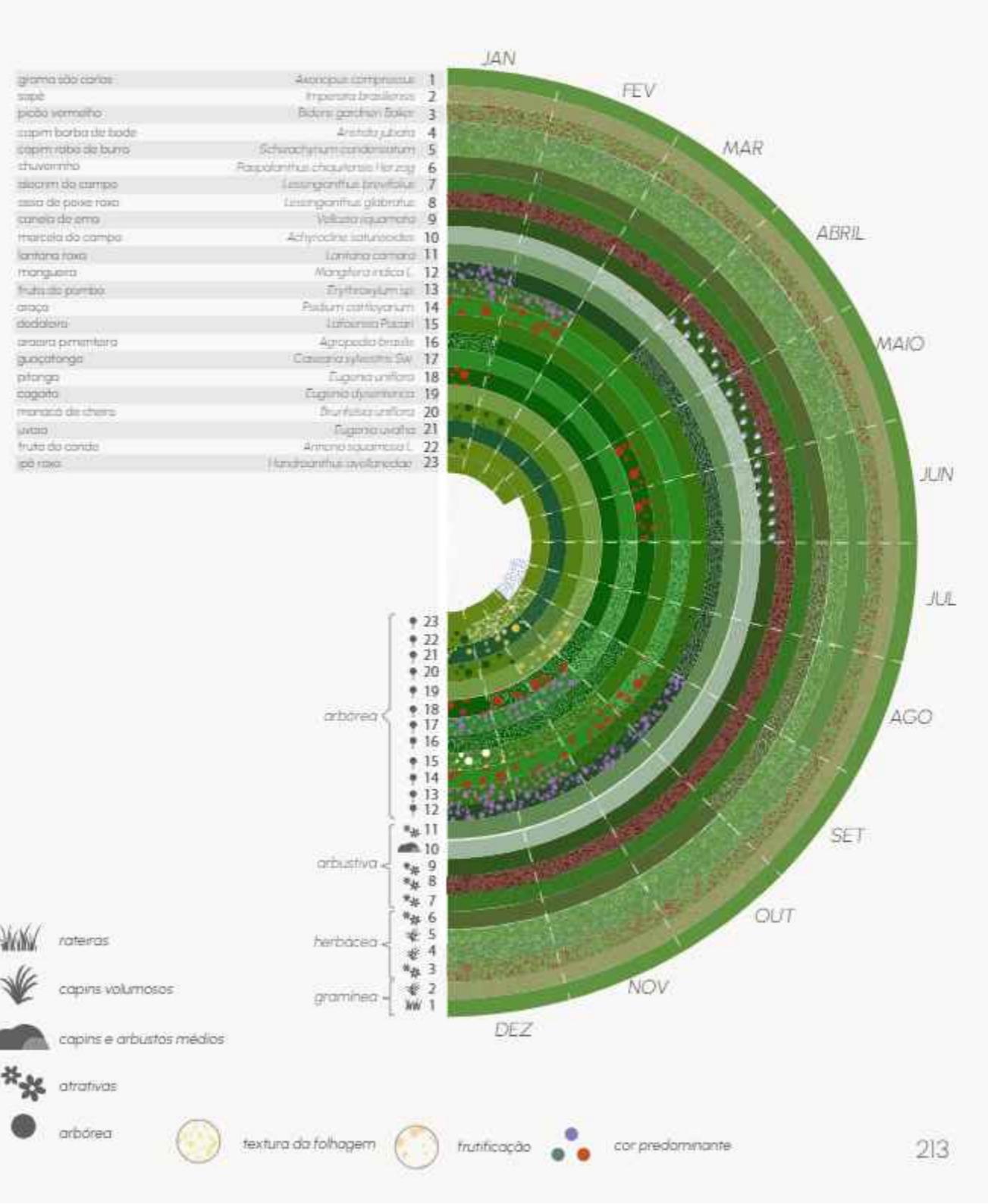
17	guacatonga	<i>Casearia sylvestris</i> S.W.		perene	altura: 4 a 5 m coppa: 4 a 6 m	arbórea	arbórea	cerrado	julho a outubro	setembro a dezembro
18	pitanga	<i>Eugenia uniflora</i>		semidecidua	altura: 6 a 12 m coppa: 6 a 9 m	arbórea	arbórea	da bahia ao rio grande do sul	agosto a novembro	outubro a janeiro
19	cogôito	<i>Eugenia dysenterica</i>		perene	altura: 2 a 4 m coppa: 2 a 4 m	arbórea	arbórea	cerrado	agosto a setembro	setembro a outubro
20	manacá de cheiro	<i>Brunfelsia uniflora</i>		perene	altura: 3 m coppa: 2 m	arbórea	arbórea	américa do sul	setembro a outubro	dezembro a fevereiro
21	uvala	<i>Eugenia uvalha</i>		perene	altura: 5 a 10 m coppa: 8 m	arbórea	arbórea	sudeste a sul do brasil	agosto a setembro (flor branca)	setembro a janeiro
22	fruta do conde	<i>Armanha squamosa</i> L.		perene	altura: 4 a 8 m coppa: 6 m	arbórea	arbórea	américa central	primavera	primavera/verão fruto consumido in natura
23	ipê roxo	<i>Hamelanthus quebramede</i>		decidua	altura: 15 a 20m coppa: 10 m	arbórea	arbórea	do maranhão ao rio grande do sul	agosto e setembro	setembro a outubro

fonte das imagens: compilação da autora.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Imagens retiradas do site do projeto Cerrado Infinito (Caballero, s.d.) e (SARTORELLI E CAMPOS FILHO, 2017)



fonte: autora, 2023



## 9.5 iluminação

Para a iluminação do espaço, buscou-se trazer a canaleta de led nos pisos rebaixados, os postes são colocados de 15 em 15 metros e os balizadores são alocados próximos às ruas. Além disso, a arquibancada é iluminada com spot de 1 facho.

legenda

- poste projetado
- balizador projetado
- spot embutido de solo 8W
- spot embutido de solo 1 facho 3W
- canya com perfil com fita led
- refletor 50W



Fonte: Autora, 2023





Foto: autora

2023



Foto: autora

2023

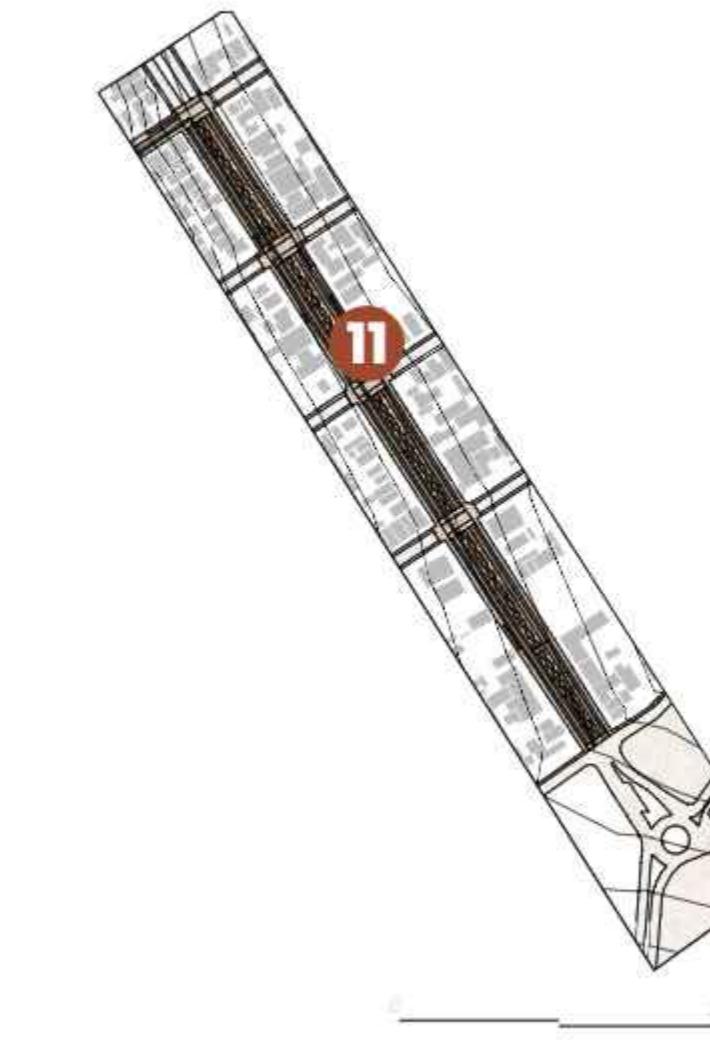
## 10 Rua Itália



10

## Trecho 3

Já o trecho 3 foi escolhido para enaltecer a rua Larga, rua essa característica do bairro e, tem como foco o caminhar e o encontro, que durante os seus anos, foram adquiridos novos significados, do caminho da boiada para o caminhar dos moradores. O piso focal desse trecho está justamente no canteiro central da rua.



11

## Rua Larga



fonte: autora 2023

## **considerações finais**

As motivações com esse trabalho era dar espaço e mostrar outras histórias da cidade de São Carlos, com outros protagonistas. O trabalho também teve como objetivo, ler com cuidado o espaço do bairro, como ele é usado e visto por seus moradores.

Os moradores também foram um elemento central do trabalho, tendo em vista que é para eles que o projeto foi idealizado, a partir de suas sociabilidades, memórias, lembranças e necessidades.

Ademais, valorizar e preservar a memória e o patrimônio cultural do bairro se mostra desvinculada da importância nos dias atuais, principalmente por conta da expansão de comércios e serviços em seu território, o que acaba acarretando em demolição de edifícios típicos, descaracterizando a sua paisagem.

Dessa forma, por meio do percurso proposto, o trabalho passou não só por patrimônios tombados, mas também por paisagens importantes para os moradores e relatados em entrevistas e na crônica da cidade. Além disso, a escolha do percurso também é importante, tendo em vista em como a ruaâncoracelebra as sociabilidades de seus moradores. As ruas do percurso também propõem uma conexão com as praças do projeto.

Nas praças, dado seu caráter histórico e a existência de patrimônios culturais anclados a elas, teve um cuidado com relação à estética e a escala de seus elementos, visando respeitar as recomendações das cartas patrimoniais. Seus projetos pretendem garantir suas sociabilidades já existentes, além de reacender algumas pôr-existências, que acabaram sendo apagadas durante sua história.

Dessa forma, o trabalho procurou valorizar e contar essas outras histórias, de maneira cuidadosa, valorizando a memória e garantindo a identidade e a sensação de pertencimento dos moradores com o bairro.

# referências bibliográficas

ABREU, Regina Maria do Rego Monteiro. Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; BELTRÃO, Jane Felipe;

AMARAL, A. L. Dicionário de Direitos Humanos, 2006. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>. Acesso em: 15 set. 2020.

ASSUMPÇÃO, Ana Laura; CASTRAL, Paulo César. Memória, identidade e cultura: condições de pertencimento aos espaços da cidade. *Revista Memória em Rede*, v. 14, n. 27, p. 6-32, 2022.

DE ALMEIDA ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. *Geografia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. 14, 1998.

BERTINI, Marco Antonio. Cobertura vegetal como parâmetro de qualidade ambiental do Município de São Carlos, SP. 2014. 140p. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 2014. Disponível em: [https://issuu.com/helenacokos/docs/ensaio\\_teorico](https://issuu.com/helenacokos/docs/ensaio_teorico)

BORTOLUCCI, Maria Angela Pereira de Castro et al. Moradias urbanas: construídas em São Carlos no período cafeeiro. 1991. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CABALLERO, Daniel. Cerra, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://www.cerradoinfinito.com.br/guia-de-campo>. Acesso em: 22 set. 2023.

DURHAM, E. R. Cultura, patrimônio e preservação. In: ARANTES, A. A. [org]. *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 23-34.

ECKERT, Cornelia (Organização). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 263-285.

FARACO, André Frota Contreras. Educação Patrimonial:

processo participativo de identificação de referências culturais dos universitários do campus USP São Carlos. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FUNDAÇÃO Pró-Memória São Carlos. [s. l.], s.d. Disponível em: <https://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

FUNDAÇÃO Pró-Memória de São Carlos. Vista aérea da Igreja Santo Antônio na Vila Prado na década de 50 (séc. XX). Acervo APH-FPMSC. São Carlos, 7 de novembro de 2023. Facebook: Fundação Pró-Memória de São Carlos. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=743630117806121&set=pb.100064774176816.-2207520000&type=3>

GROSSI, Virgínia Campos; BRAIDA, Frederico; ABDALLA, José Gustavo Francis. Percepção urbana: entrelacamentos entre o pensamento de Lucrécia Ferrara e de Armando Silva. 2021.

IPHAN. *Cartas patrimoniais*. 3º edição. Brasília: IPHAN, 2004.

KEPPE, Eduardo. *Postais do Tempo*. 1º Edição. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2006. 251 p. v.1.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, 1986. p. 45, 59.

MARTINS, José do Prado. *Saudade de Nossa Cidade*. 1. ed. São Carlos: Ramos, 2005. 114p. v.1.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramo. O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação. *Antiteses*, Londrina, v.7, p.45-67, 2014. Disponível em: < <http://www.uol.br/evidas/uel/index.php/antiteses/article/view/1999/1503> >. Acesso em: 06 ago. 2019. 11h23'.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 01, 1993.

ORTEGA, Cristina. Lina Bo Bardi e a experiência de simplificação nordestina: uma premiação para o Museu de Arte de São Paulo. [s. l.], 2014. Disponível em: <http://revistarestauro.com.br/linabardie-a-experiencia-de-simplificacao-nordestina-uma-premisa-para-o-museu-de-arte-de-sao-paulo/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Esboços: revista do Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Vol. 11, n. 11 (2004), p. 25-30, 2004.

PREFEITURA DE SÃO CARLOS. Processo de Elaboração do Plano Diretor do Município de São Carlos. In: Conferência da Cidade. São Carlos: Prefeitura Municipal de São Carlos. CD-Rom. 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS. São Carlos: área urbana. São Carlos: [s. n.], 2011. Mapa urbano. Escala 1:12500. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/images/stories/pdf/Ruas%20e%20bairros%20Area%20Urbana%201-12500.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

RIBEIRO, Sandra Bernardes (Ed.). Mobilidade e acessibilidade urbana em centros históricos. Iphan, 2014.

IPHAN. Cartas patrimoniais: Carta de Veneza. 3º edição. Brasília: IPHAN, 1964.

IPHAN. Cartas patrimoniais: Recomendação de Paris. 3º edição. Brasília: IPHAN, 1989.

SARTORELLI, Paolo Alessandro Rodrigues; CAMPOS FILHO, Eduardo Malta. Guia de plantas da regeneração natural do Cerrado e da Mata Atlântica. São Paulo: Agroicone, 2017.

SCIFONI, S. Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo. Revista CPC, [s. l.], v. 14, n. 27esp, p. 14-31, 2019. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v14i27esp14-31. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/157388>. Acesso em: 4 jan. 2023.

SIQUEIRA, Mariana de Melo. Jardins do Cerrado: potencial paisagístico da savana brasileira. Artigo para a Revista CAU/UCB, p. 32-47, 2016. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/CAU/article/view/7065/4384>

SILVA, Enos Arneiro Nogueira da. Cozinha industrial: Um projeto complexo. 1998. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SMITH, Laurajane. El "espejo patrimonial". ¿ Ilusión narcisista o reflexiones múltiples?. Antípoda: Revista de Antropología y Arqueología, n. 12, p. 39-63, 2011.

VIANA, Uhelinton Fonseca; SILVA, Valéria Cristina da. Patrimônio e narrativas na escola. In: PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal; TAVARES, Maria Tereza Goudard; ARAÚJO, Mairce da Silva (organização). Memórias e Patrimônios: experiências em formação de professores. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 51-64.

Caderno Trabalho de Graduação Integrado II

dezembro 2023